

MAJOR FRANCISCO JOSÉ DE BARROS

PORTUGUESES NA GRANDE GUERRA

Narrativas dum trincheirista
na Flandres
Angustias do Cativoiro



CIPAIIS DE LISBOA

"1914/18"/

1925

SERVIÇOS GRÁFICOS DO EXÉRCITO

Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

LISBOA

94(100)·1914/18²

BAR

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

7247 M

MAJOR FRANCISCO JOSÉ DE BARROS

PORTUGUESES
NA
GRANDE GUERRA

Narrativas dum trincheirista
na Flandres :: Angústias do
cativeiro.

17244 / 140541



Aut. Omeca

1925
Serviços Gráficos do Exército
LISBOA

94 (100) - 1914/18"

327 (469) - 1914/18"

UNIVERSITY OF CALIFORNIA
LIBRARY

NOVEMBER 1954

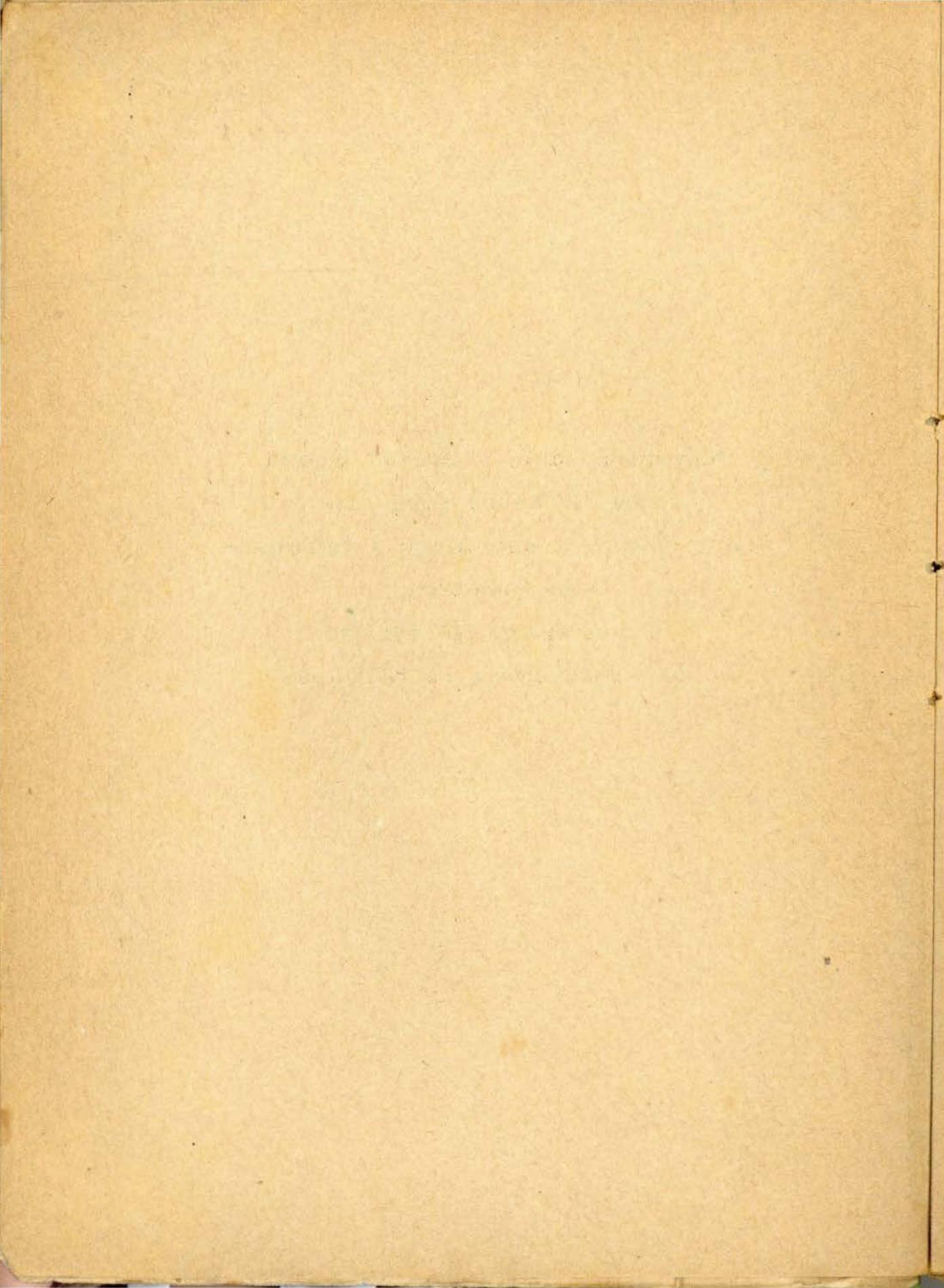
UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY

1954



Narrativas sôbre a Grande Guerra,
mais ou menos completas,
tanto quanto o permitiram a fidelidade
da memória
e a presença de espírito
dum trincheirista na Flandres.



*Dedico estas narrativas a minha
esposa D. Hilda da Fonseca Mendes
de Barros, como veneração pelo seu
tormento, e como preito de gratidão
pela carinhosa e incansável assistência
moral e material com que me amparou
no cativoiro.*

Breesen, 11-11-918

O autor

FRANCISCO JOSÉ DE BARROS

Capitão da 11.^a Companhia
do B. I. 4

Na época actual, em que os sentimentos nobres tão pouco proltferam na Alma portuguesa, parecendo andar o coração arredio da sua índole sentimental e poética, consola podermos constatar que ainda não é continua a treva, o abismo torvo, em que a Raça portuguesa se conspurca.

Um aventureiro precoce

Em 25-7.º-917 partiram do porto de Lisbôa os transportes com tropas portuguesas para a Grande Guerra. Num desses transportes embarcou o 3.º Batalhão de Infantaria n.º 4.

Ao amanhecer do 2.º dia de viagem, correu a bordo a notícia de que uns soldados, tendo visto mover um monte de cintos de salvação, junto ás prisões do gado, concordaram em que êsses movimentos seriam produzidos por qualquer ser vivo que nêles se ocultasse. Curiosos, aproximaram-se a afastar os cintos, e pasmaram ao perceber que os movimentos eram produzidos por um rapazito de uns 12 anos, mal vestido e descalço, que se mostrou contrariado por ter sido descoberto no seu esconderijo, implorando que não o denunciassem, pois queria ir para a guerra!

Foi certamente em obdiência aos arrebatamentos da sua raça aventureira, aos impulsos do sangue português, que esta creança se emiscuirá por entre os soldados, no atabalhoado do embarque,

indo ocultar-se naquele recanto, levado pela irresistível tentação de desvendar os mistérios da guerra; como outr'ora, impelidos pela mesma causa, os portugueses desvendaram o Mundo e os seus mistérios.

Na simplicidade do seu gesto, o rapazito emocionou o convez com a declaração peremptória de que queria ir para a guerra com os militares; e se por acaso, de entre tanto homem houvesse algum timorato, envergonhar-se-hia perante esta manifestação espontânea e inconsciente do sangue bem português, a correr nas veias duma criança; ou se qualquer dúvida sôbre a legitimidade do acto de ir partilhar da guerra aguilhoasse a sua inteligência, desvanecer-se-hia perante a grandeza e espontaneidade da acção que o pequenito praticava, maravilhando-nos.

Receioso de que o contrariassem no seu desígnio, foi constrangido que o levaram à presença dos oficiais, que o animaram e festejaram; como também pela sua estada a bordo, ali no alto mar, aureolado pelo seu arrojo, e comovendo pelo seu aspecto de garoto de Lisbôa, cuja fisionomia já com traços vinculados de energia para a lucta pela vida, a assomarem por entre característicos infantis; por tudo isto, conseguiu vencer a fleugma do comandante e oficiais ingleses do navio, levando o primeiro a perder a impassibilidade e a afagar-lhe a cabeça, a par de um sonoro «all right!» e de um sorriso de aplauso.

Foi, porem, á aproximação do official de marinha auxiliar português, interprete, que o nosso heroe perdeu a serenidade, ao ser por êle informado de que não lhe permitiria o desembarque em França, e que de regresso a Lisbôa, o entregaria á policia.

Perdeu de todo a linha, num choro convulso com medo da prisão; e só pela promessa de que voltaria á Patria mas em liberdade, com toda a sua liberdade de garoto autentico, lhe voltou o socego, e resignado deixou de chorar.

Segundo as suas declarações, era habilitado com os exames de 1.º e 2.º grau; lia e escrevia correctamente; e como de frequentar o caes, tinha de ouvido algumas palavras de inglês, equivocava os nossos soldados, fingindo conversar com a tripulação, que complacente lhe respondia com alguns *yes*, bastando isso para que aqueles exclamassem: — E fala inglês!

Não desembarcou em Farnça, vendo assim contrariado o seu sonho de ir brincar aos soldados a valer, já que não possuia soldadinhos de chumbo.

II

O arrancar dum coração

Passados poucos minutos da partida de Tavira do comboio que transportava o B. I. 4 para a guerra da Flandres, em 24-7-917, ainda emocionado pelo espectáculo sofrido nas despedidas, pelo alarido de choros convulsos e gritos d'alma das familias; expandia a vista pelos campos a fugir, buscando deixar-lhes a magua, quando descobri em meio dum vinhedo, uma velhinha a soluçar, desfeita em pranto, que abria os braços e fechava-os como a querer abraçar, prender, reter alguém, um filho, um neto, a todos...

La sumir-se o comboio na vertigem da velocidade, mas ainda vi a velhinha crescer, inteiriçar-se e cair como fulminada, sumindo-se na ramagem da vinha, como se a terra se tivesse rasgado a seus pés sob a pressão da grande dôr da sua alma.

Ainda hoje me impressiona esta recordação, como outras dos meus.

Nela simboliso a imagem do sofrer cruciante de todas as familias ao deixarem-nos partir!

III

Instrução e humorismo

Se a memória me não falha, foi a 5 de Outubro de 1917 que a minha companhia, 11.^a de Infantaria 4, recebeu a sua 1.^a lição pratica de tricheiras. Foi o seu baptismo de fogo, comemorativo do aniversário da implantação da Republica em Portugal.

Acantonados em La Tombe Veillot, cujo nome, bem apropriado á situação, seria pouco animador para gente supersticiosa, se bem que sair dum tumulto para ir jogar a vida não possa fazer sentido, embora bem perto dele andassem todos aqueles que, no cumprimento do seu dever e em satisfação ao brio e honra de militares responsaveis pelo bom nome da sua Patria, vinham desde Portugal, dos seus lares, nessa marcha lenta e macabra de aproximação e adaptação á guerra, a perder dia a dia a sensibilidade, chocando e excedendo a elasticidade dos seus nervos, pondo-se enfim aptos a morrer sem dar por isso.

Talvez que por isso mesmo nos caísse bem e viesse a proposito tal nome ao nosso acantonamento de partida para a ultima etape da nossa identificação guerreira; tanto mais que, bem perto era outro povoado denominado «Paradis» que, bem nos predisponha na evocação de que para além do tumulto se presumiria o paraíso, o descanso eterno, a paz e a liberdade; o Abrigo que nos poria invulneraveis ás paixões humanas.

Ah! Que nós bem vimos que a Guerra não é tão má como se pinta. Tambem na guerra ha pequeninos e grandes: tambem nela, se ha quem sofra, tambem ha quem góse, e bem; áparte as consciências.

Iniciou-se a marcha ao romper de alva, com itinerario, La Gorgue — Saily-sur-la-Lys, — Armantieres, com dispositivo escalonado em profundidade contra a visibilidade dos movimentos das tropas, atendendo a que a estrada corria paralela ao front bem delineado por 2 filas inimigas de balões observatorios (saucissons).

Esta esplendida estrada possuia uma via ferrea simples, utilizada no tráfego militar e transporte de tropas.

Em reparação desta via encontrámos tropas portuguesas de engenharia. Grande extensão desta estrada era disfarçada (camuflage) por meio duma rede disposta verticalmente, ao longo e do lado do front, a fim de ocultar o transito aos observadores dos balões captivos e aos aeroplanos inimigos. Esta rede era constituída por fiadas de arame guarnecidas de trapinhos verdes do fardamento inglês, dando a distancia o tom da erva do campo.

As tropas seguiam á vontade conservando as distâncias, e os homens os seus logares de formatura, marchando sempre pela direita da estrada para

não dificultarem o transito sobretudo dos camions inumeros, em obdiência ao nosso regulamento, e em observancia aos letreiros inglezes (Keep to right).

Por toda a Flandres se viam variados letreiros ingleses, atestando a esplendida organização inglesa; se bem que nem sempre respeitados por não o permitir a densidade das tropas; como sucedia nos boletos, em que a lotação indicada nas taboletas era sempre excedida. As fontes e bombas eram quasi sempre guarnecidas com o «no drink water» ou «clorinated», ainda mesmo nas que abasteciam a população francesa, no que eram mais papistas que o pápa; de maneira que, que mais não fosse, a recomendação subsistia sempre, resalvando a responsabilidade dos serviços de higiene militar inglesa.

Cumpriu-se com regularidade o itinerário; teve logar o alto necessário para a 2.^a refeição, não esquecendo a abertura de covas para enterramento das latas de conserva vasias, preceito de higiene e de prevenção contra reclamação do *maire*.

A distrair-nos da fadiga da marcha, de resto pouco sensível, pela planura da estrada, sua boa conservação, ausencia de poeiras espessas e do sol ardente da nossa terra, iamos contemplanando alguns combates aereos, e ataques de aeroplanos tentando destruir os balões captivos, acções estas por vezes bem movimentadas, pela obstinação de uns em querer ocultar os seus segredos, e de outros em querer desvenda-los.

Os estampidos, a densidade e frequencia de rebentamento de granadas pintalgando o espaço de flócos brancos e negros, envolvendo os aeroplanos que nas suas vertiginosas voltas buscam furtar-se e desorientar as pontarias; o matraquear das suas

metralhadoras possivelmente bem mortíferas ; a descida lenta dos balões procurando salvar-se, dando ao diabo a observação, ao verem o caso mal parado; eram outras tantas distrações.

Assistimos já a um episodio destes: Um aeroplano alemão atacara subitamente à metralhadora um balão captivo ; acto continuo vôa direito a êle, e passando rente, lança-lhe qualquer substância inflamavel pondo-o em chamas. Fugindo celere em meio de intensa fuzilaria, não parecia levar tanta saude como trouxera, pois nas suas oscilações parecia ir mal governado. Os observadores do balão recorrendo ao para-quedas, lançaram-se no espaço, e impelidos pelo vento foram para longe cair nas linhas amigas, correndo a noticia de que um deles quebrara as pernas.

Terminou a etape desse dia em Saily-sur-la-Lys onde acantonámos.

Pouco antes da chegada a essa localidade, atravessámos um cemitério militar bastante extenso de um e outro lado da estrada, onde descansavam já alguns centos de sorteados na fenomenal lotaria, em covais alinhados em longas filas duma formatura bem ordenada, marcados com cruces e outros simbolos conforme as suas religiões. Alguns soldados ingleses cuidavam ali dos seus camaradas com todo o carinho, tendo sempre preparadas com solícitude algumas alcovas devoluto...

Em Saily-sur-la-Lys estavam tropas inglesas, sendo escassos os boletos disponíveis, tendo parte das tropas que ser alojadas num celeiro já sem conforto algum, com as paredes esqueléticas e esburacadas, constituídas por uma armação de madeira velha e ajoujada sob uma pesada cobertura de colmo. Com tanto buraco, com tanto frio e basta neve, era de confranger. Mas que fazer ? Bem uni-

dos, e bem moidos pelas fadigas do dia, comido o rancho e com a ajuda da juventude, em breve dormiam profundamente, não havia mais remedio. Tudo eram rosas a par do que sêria de presumir para o futuro.

Para officiaes havia um quarto com 3 leitos e 2 camas no chão, e ainda com lençoes. Apoz um rapido sorteio entre camaradas para distribuição das camas, como não havia tempo a perder, fomos saborear os lençoes que alguns de nós já havia muito desconheciamos.

No dia seguinte, distribuido o café tonificador das energias, encetamos a 2.^a etape, penetrando na zona de guerra. Cruzámos com tropas inglesas que de toalha ao hombro seguiam para o banho, marchando sempre bem e cantarolando, que quem canta seus males espanta.

Alcançámos o ponto a partir do qual era obrigatoria a colocação da mascara anti-gaz na posição de «gaz álerta», o que executámos proseguindo.

Já por estas regiões escasseava a população francesa e abundavam tropas inglesas. Passámos junto a outro cemiterio militar, em Harkingham, cheio de cruces, igualmente cuidado, e onde já tinham logar condigno alguns portugueses, para em tudo tomarem parte.

Pouco adiante terminavamos o nosso itinerario. Chegamos aos arrabaldes da gloriosa e martir cidade de Armantières, condecorada com a Cruz de Guerra. As tropas portuguesas, duas companhias de Infantaria n.^o 4, a 11.^a e a 12.^a, foram alojadas numa fabrica desmantelada, que tinha parte ocupada por tropas inglesas.

A guarda perfilou-se á nossa chegada, fazendo-nos a continência hirta e sacudida como só a ingleses é cabido. Depois a sentinela seguiu no seu

passeio vigilante, sempre automática e cheia de atitudes energicas, cumprindo a rigor a sua ordenança, batendo os tacões ao estremar o seu percurso, voltando por oitavos e olhando aos flancos na sua vigilancia.

Instalados na fabrica em 2 casarões nus e frios, um terreo e outro asfaltado ; riscadas as camas no chão, distribuidos os cobertores que a secção de quartéis trouxera, comido o ranchinho igual para todos, como deve ser em campanha para mais solidariedade, e o único praticavel sem atropelos ao regulamento e sem distracções de pessoal ; feitas varias recomendações, entre elas a de não se mostrarem fóra da fabrica para evitar a observação aerea; colocadas sentinelas ; como ia anoitecendo, eram horas de recolher ás mantas.

Valendo-se de recursos de ocasião e do próprio engenho e arte, alguns officiais utilizaram uma porção de canastras de pão, construindo com elas, num canto do casarão, umas divisórias que lembrando bélos quartos, aparentavam uma certa independencia e conchego ; alem de que igualmente com canastras se improvisaram leitos, e que bélos ! Mal sonharamos alcançá-los tão bons. Eram enfim as canastras a nossa mobilia, além dumas mezas pertencentes á fabrica, que bem aproveitadas e dispostas davam aspecto ao *appartement*. Nesta vida difficullosa é sempre providencial a faculdade de adaptação a fins diverssos que ha em tudo aquilo que se encontra em toda a parte. Assim foi que esperando termos de estender os ossos sobre o duro asfalto, tivemos a ventura de utilizar as canastras depois de servirem ao seu mistér, aproveitando-as noutras utilidades proporcionadas pelo trabalho inconsciente inerente a todo o trabalho consciente. Porquanto elas tivessem sido ali levadas para a condu-

ção de pão, trabalho este consciente e inteligente, foi por tal motivo que nos proporcionaram altos serviços não previstos, trabalho inconsciente não menos util, pois evitámos por essa vez que o duro pavimento puzesse á prova a nossa sobriedade indiscutível.

E' assim que se torna explicavel ser possivel atravessar um periodo tão longo de perigos e privações, e transpô-lo mais ou menos intactos. E' a boa Sorte; é a Providencia.

Apoz esta faina em acomodar o *ménage*, surge mais um imprevisto admiravel, em meio do estrondear de um fréte inimigo, (dóses periodicas de granadas, morteiros, etc. com que os adversarios se mimoseavam, determinadas por ordens dimanadas dos Quartéis Generais), cujas explosões escavacavam as casas proximas: Entra um official inglês convidando-nos para acto continuo assistirmos a um sarau literario e musical preparado pelo general brigadeiro inglês, com o fim de distraír as suas tropas.

Desta forma, na zona de guerra em meio do canhoneio havia ainda destes teimosos laços á vida normal da paz, como que em desafio ao egoismo da rectaguarda.

Este sarau bem proprio da fleugma inglesa, foi assistido por alguns de nós. Teve logar numa dependencia da fabrica onde tinham um piano tocado por um official, um palco onde varios desempenharam os seus papeis, e um comico fez bobices de fazer rir a plateia. Depois do desempenho, cantaram, pondo-se de pé e com todo o respeito, O God save the king; e finalisada a distração recolhemos tambem aos nossos aposentos encanastrados.

No dia seguinte, constituídos 2 turnos de officiais e sargentos, partiu um dêles em reconhecimento ás

trincheiras, guiado por um oficial inglês e um interprete pouco versado em lingua portuguesa mas muito em mimica. O nosso turno constava dos officias e sargentos da 11.^a Companhia e dos officiais de metralhadoras e granadeiros. Iniciámos a marcha pela travessia da cidade de Armantières, que já estivera em poder dos alemães, e que sofrera e continuava sofrendo diariamente ferozes bombardeamentos, integrando-nos bem na desolação da guerra.

A cidade, abandonada pela população civil, não tinha uma habitação intacta, nem uma alma, nem um ser vivo. Percorremos muitas e variadas ruas amplas e bem pavimentadas, cheias de destroços das derrocadas; as casas ou sem telhado ou esburacadas; outras com o recheio a ver-se do exterior, tudo quebrado, tudo em montão, dando a impressão de que sangravam, aspecto motivado pela côr vermelha do tijolo das paredes sem cal, ao contrário dos nossos usos; o que aliaz observei em França, Holanda e Alemanha, onde as paredes das casas em geral são feitas de tijolo que fica a descoberto, o que torna a casaria sombria, faltando-lhe o bizarro colorido das nossas povoações. Pendiam dos telhados, emaranhados de fios telefónicos e telegráficos, embaraçando mais a passagem. O inimigo boche, ao abandona-la enraivecido, destruiu tudo, para o que sistematicamente classificou os fogos em três categorias, conforme a importância e resistência das construções, destruindo-os a dinamite, a tiro de peça ou a fogo, pondo êsse plano em completa execução, como agora vinhamos constatando.

Passadas cerca de 2 horas de marcha de boa cadência, alcaçámos o termo oposto da cidade, ficando com a impressão das suas grandes dimensões, embora pequenas para suportar tanta selvageria.

Começámos a atravessar os campos verdes, esbranquiçados pela neve, e arborizados; observámos a instalação enterrada dum canhão de bom calibre, disfarçado por meio duma cobertura de rêde esverdeada.

Mais adiante puzeram-nos pela 1.^a vez em contacto com a entrada duma trincheira de comunicação (apróche). A impressão foi bôa. Transposta a entrada em rampa, em breve nos abrigava. O fundo coberto a passadeira, não como em palacio alcatifado, mas de madeira solida, em taboinhas paralelas, deixando brilhar a agua do fundo, e cobertas de rêde de arame bem pregada para tornar o passo firme sobre o gelo da estação. Os taludes revestidos de grades de madeira e rêdes de arame, consolidando-os e evitando os esboroamentos, mostrando tudo o aspecto de casa bem varrida.

Seguímos pela trincheira, ora em zig-zag, ora em troços lineares prependiculars ao front, que se bipartiam circundando travezes de desenfiamento.

O terreno em volta estava semeado de crateras afuniladas, pontos de queda de granada, em maior densidade junto á trincheira, indicando estar referenciada pelo inimigo; nalguns pontos estavam concertados de fresco os estragos dos últimos bombardeamentos, o que se reconhecia na terra mexida e na madeira nova dos revestimentos. O arvoredado próximo aparecia-nos cada vez mais mutilado, levantando ao ceu os seus braços quebrados pela metralha como a pedir misericórdia.

O perfil da trincheira era em media de 2.^m de profundidade, 1.^m de largura de fundo, e de taludes a 4/1; dimensões estas variaveis e em geral excedidas. Apresentava de distancia a distancia uma banquetta que permitia a observação exterior atra-

vez d'uma pequena rêde metalica vertical que ocultava o movimento de assomár ao parapeito.

Atingimos o ponto de cruzamento com a linha Decauville, da maxima utilidade para o abastecimento das linhas de combate, em viveres, agua, munições, material, etc., transportados em zorras durante a noite, porque assentava em geral a descoberto ou pouco desenfada; sendo tambem muito alvejada pelo inimigo, procurando aniquilar o funcionamento regular do abastecimento, intenção que nesse ponto ficava duma evidencia flagrante, patenteada pela presença dum trôço de alguns 8^m de linha com as travessas respectivas, que pudémos admirar pendente de uma arvore, para onde o projectara a explosão duma granada de bom calibre, destruição que já fôra reparada.

Proseguindo, encontrámos mais adeante tropas inglezas trabalhando em reparações na trincheira, assentando passadeiras e estrados de revestimento, em substituição de outros recentemente destruidos, como observámos ainda pelos destróços amontoados. Estes trabalhos eram geralmente executados de noite, tendo tambem logar de dia quando o desenfamento os permitia.

Chegámos ao Comando do 1.º Batalhão, onde fomos recebidos pelo comandante e outros officiais. O comandante era alto e delgado, simpatico... Talvez que o não fôsse antes da guerra, mas um estilhaço de granada, no Ypres, atingira-o gravemente no lado direito do pescoço, atravessara e destruiu-lhe a face esquerda que se apresentava encovada repuxando-lhe o olho esquerdo arregalado e sempre a lacrimejar. Fôra uma cura maravilhosa. A sua fisionomia simbolizando guerra, estava pavorosa, marcava odio, pedia vingança, impunha-se-nos, era indiscutível o seu poder fas-

cinante e a sua auctoridade. Os seus officiais veneravam-no, pois era o exemplo vivo naquella faina; não descansava, sempre a percorrer o seu subsector, tudo vendo, tudo reparando, a todos incitando pelo exemplo. Só dormitava à mesa do elefante (abrigo sala de jantar) á hora das refeições, mal dormindo e mal comendo, conseguindo assim duplicar o tempo.

Entrámos a percorrer as trincheiras, em reconhecimento: O dog-out do comando que servia de mess e sala de reunião, era constituído por um túnel semi-cilindrico de chapa de ferro canelado, de cerca de $8^m \times 4^m \times 3^m$, coberto de várias camadas de sacos de terra, com resistência sufficiente contra estilhaços ou pouco mais; a entrada disposta contra gazes, tinha as ombreiras para o interior com a inclinação 10/1, para nelas assentar o cobertor, embebido duma substancia neutralisadora, que se via colocado interiormente por cima da porta, fazendo um rolo prompto a desenrolar-se ao signal de gaz alarme. A todo o comprimento do abrigo existia uma mesa ampla rodeada de bancos destinada principalmente ás refeições.

Junto a este abrigo existiam outros, dependencias do comando, servindo de arrecadações, acomodações para o comandante, officiais e ordenanças; em frente instalava-se o cosinheiro (cook), confeccionando os manjares com a maxima tranquillidade, apenas resguardado pela trincheira de $2^m,5$ de profundidade coberta por uma simples chapa de ferro zincado, precario abrigo, nem sequer garantindo a integridade do trem de cosinha disposto em prateleiras, constando de uma diversidade de peças, talvez que algumas achadas nas ruinas abandonadas. Pouco tempo havia que ali fôra morto por uma granada o antecessor do cosinheiro, que se descui-

dará com o fumo denunciador quando no exercício das suas funcções. Morreu no seu posto, e como tal substituído ; rei morto rei posto.

Como a nossa missão nesse dia era aprender, reconhecer, também entrou para o rol da nossa bagagem uma apreciação prática sôbre culinária inglesa que era bem caracterizada no prato que saboreámos :

Presunto de fiambre com ovos estrelados e «confiture» de ameixas, o que na nossa cosinha representaria uma grande revolução. Mas não era peste nenhuma...

O rancho das praças era composto de arroz com passas de uva (corintos) e carne. Por fôrça que esta alimentação assucarada contribui para o ar melifluo dos ingleses.

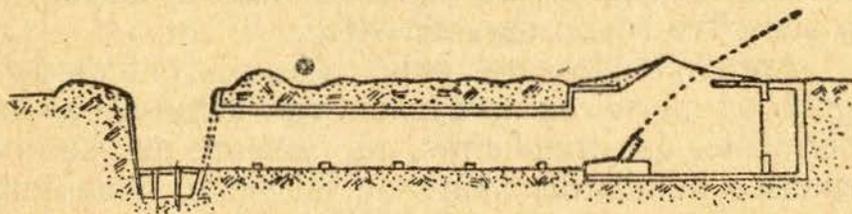
Continuando no nosso reconhecimento e adaptação, fomos conduzidos pelo comandante inglês a um abrigo em construção, para instalação dum morteiro pesado. A caminho, seguíamos pela trincheira, agora batida pelos «shrapnels», senão quando um que silvou mais perto, ao rebentar lançou sôbre as costas do tenente granadeiro Conceição uma regular chapada de lodo que o deixou todo sujo. Já foi andar com sorte, antes a farpéla que a péle ; vão-se os aneis fiquem os dedos.

Não era nada cómodo para pessoas altas passear pelas trincheiras ; o comandante inglês, de estatura elevada, tinha de andar curvado para se ocultar. Quanto a mim dispensava tal trabalho ; pelo contrário tinha de trepar para ver a campanha.

Conduzia ao citado abrigo uma galeria subterrânea, estreita e baixa, de 1^m,20 × 0,80, de inclinação suave, de uns 20^m de comprimento, desembocando na trincheira uma das extremidades, e a outra no interior do abrigo. Esta disposição dada

á entrada para o abrigo blindado visava a ocultar a sua situação.

Este abrigo consistia numa sala quadrada duns 9^m2 e bastante pé direito, por forma a permitir à guarnição a posição de pé; a meio estava colocado o morteiro, que disparava por uma abertura rectangular praticada na cobertura superior, devidamente disfarçada com redes próprias (camouflage). Esta abertura horizontal ficava de nível com o terreno natural. As paredes todas em cimento bastante espesso, e a cobertura igualmente em cimento e carris, constituíam uma couraça capaz de resistir a granadas de pequeno calibre e a morteiros ligeiros.



Havia que lidar com três espécies de morteiros: pesados, médios e ligeiros. Os pesados e os ligeiros tinham configuração idêntica, semelhantes a uma granada vulgar, munidos duma hélice na base e de espoleta na ogiva. Diferiam entre si apenas nas dimensões, sendo a hélice destinada a que o choque na queda se desse pela espoleta colocada na ponta da ogiva.

Os médios tinham forma esférica, a que se ligava um cabo cilíndrico destinado a ser introduzido no cano da peça (morteiro), para no momento do tiro receber a impulsão e a direcção.

Nas horas de bom humor e despreendimento foram estes morteiros médios baptizados pelos nossos soldados com a antonomasia de «porcos», talvez porque ao explodirem no terreno enchar-

cado, o menor mimo que dispensavam era um chuveiro de lodo, e porque o seu som rouco ao atravessarem o espaço e o ruído produzido ao entrarem-se na terra, semelhariam grunhidos numa medonha onomatopeia.

Apelidaram de «meninos de 8 anos» os morteiros pesados; encontro-lhes porê m sómente analogia no tamanho.

Toda esta metralha de pequeno alcance e tiro curvo, «a morteirada», cujo alcance não excede 1000^m, pertencia à meteorologia da 1.^a e 2.^a linhas. De dia viam-se à simples vista na sua trajectória; de noite pela sua cauda luminosa; e ouviam-se quer de dia quer de noite no estalido do disparo e no seu silvo rouco característico.

Aproveitando estes indícios que permitiam distinguir os morteiros no espaço, recomendava-se às guarnições das trincheiras, que sempre que se desenhasse bombardeamento de tal peste, tomassem como norma sair dos abrigos e pôr o nariz no ar em observação; não se aglomerarem, mas sim espalharem-se pela trincheira por forma que cada um tivesse espaço livre para ambos os lados, de maneira a ser-lhe possível esquivar-se e abrigar-se com algum travez ou volta de trincheira, ao lobrigar o porco ou o menino, que grunhisse direito a êle, ou que lhe dissesse que fugisse; que quem nos avisa nosso amigo é. Também aqui se manifesta o humorismo do soldado português, sempre pronto a chalacear e a pôr ridículo mesmo nas coisas mais temerosas, fazendo frivolidade dos perigos e zombaria dos receios. Personificando o morteiro pesado em menino de 8 anos, explicava que o seu ronco soluçante e entrecortado queria dizer, foge!... foge!... foge!...; e que o zumbido dos seus estilhaços significava, «eu não te

dizia»?!... E assim brincavam até morrer, fazendo blague em tórno do arranco violento da explosão formidável de um morteiro, a cuja aspérrima decisão nada resistia, nem a rija couraça de cimento, nem os carris das blindagens, nem a profundidade dos abrigos, que arrancava e projectava com menos dificuldade que a que um dentista põe na extracção dum dente.

Eu bem o vi e mal o apreciei!

Não será mais formidável que tudo isto, que as explosões dos morteiros, a resistência moral daqueles que, sem compreenderem que a Pátria perigava, sem sentirem a sua Terra devastada, como o francês e o belga; sem defrontarem o inimigo da sua raça, o seu rival, como sucedia ao inglês; iam até onde êles, mas sempre a sorrir e a cantar o fado?!

Pobre soldado que vais
Sofrer os horrores da guerra,
Talvez não ouças mais
Os sinos da tua terra!...

Quadra escrita numa táboa de revestimento, à entrada duma trincheira de comunicação.

Sempre com os olhos nos seus chefes, frutificavam nêles os bons exemplos. Sorriam aos versos tristes e desprezavam o desânimo.

Terminada a visita ao abrigo blindado, o comandante inglês levou-nos a um pôsto avançado da 1.^a linha, onde se trabalhava em reparações com extremos de cautela por causa da proximidade do inimigo, e por ser à luz do dia. O espaço desenhado era tão restricto, que nem mesmo para satisfação de qualquer necessidade mais urgente po-

deriam afastar-se; e... faze aí não vás mais longe; o forte aroma amoniacal o denunciava, não obstante a severidade higiênica dos ingleses. Pode dizer-se que aquele local agora conquistado, estava ainda fora das leis.

Após, regressámos ao comando do Batalhão, e pela trincheira fomos vendo os vários letreiros indicativos de trincheiras, de diversos locais, de comandos, depósitos, direcções a seguir, etc. Designavam as trincheiras pelos nomes de avenidas e ruas de Londres, para êles de fácil mnemonica. Foi assim que mais tarde tive ocasião de passar pela Cadbury Avenue, nome de pouco grata recordação para portugueses, pois lembra o Cadbury chocolateiro da firma Cadbury, Bros & C.º, de Birmingham, que mascarava interesses egoistas exibindo fins humanitários e altruistas, assacando-nos responsabilidades de escravatura sôbre os serviços nas culturas de cacau das Ilhas de S. Thomé e Príncipe; campanha destinada a desacreditar o cacau português e a dificultar-lhe os mercados, campanha que arrefecera durante a nossa cooperação na guerra, mas que passada ela, logo reaparece a ponto de ser levada às sessões da Conferência da Paz.

Podia bem representar aquele nome um refrigerante ao nosso ardor bélico, embora certamente escolhido sem má intenção, mas apenas como reclame aos saborosos bonbons pouco vulgares naquelas paragens...

Também apreciámos um pulverizador Vermorel destinado a neutralizar gases asfixiantes, montado num carrinho de duas rodas; uma busina de ar comprimido e matracas, destinadas a dar alarme respectivamente em caso de gaz de cilindro ou de granadas de gaz (gaz-shell); abanos de lona para

bater e expulsar gases do interior dos abrigos, e também das trincheiras quando mais pesados que o ar; gases estes muito pérfidos por se conservarem acamados nas crateras das explosões das granadas, podendo vitimar quem nelas se abrigasse, constituindo recomendação especial que fôsem logo tapadas as crateras produzidas por granadas daquela espécie.

Também num pequeno paiol praticado no talude da banquetta, se via uma quantidade de tesouras corta-aramé, de engenhosa construção, de adaptar aos canos das espingardas Lee-Enfield. Esta tesoura dispunha-se sólidamente junto á boca da espingarda por meio duma forte mola; era a baioneta armada que servia de guia para conduzir o arame a cortar, para entre as navalhas. A pressão feita sôbre o arame pela navalha inferior da tesoura, devido ao impulso dado pelo soldado á espingarda para êsse fim, obrigava essa navalha a recuar, cedendo as molas a ela ligadas cuja acção, ao moverem-se, obrigava a navalha superior a fechar-se sôbre a inferior, cortando o arame interposto, sendo a própria resistência deste ao impulso dado á espingarda que produzia o seu próprio corte, não tendo o atirador necessidade de abandonar a espingarda para manejar a tesoura, o que sucederia com qualquer outro modelo.

Próximo ao comando, num ponto donde partiam vários ramais de trincheira, estava colocado um quadro de madeira com a planta do sector devidamente orientada, prestando magnífico auxilio aos novos frequentadores.

Terminada a nossa visita de instrução, reunimo-nos para regressar a Armantières.

Teríamos percorrido uns 100^m fóra das trincheiras, começaram explodindo granadas sucessivas

próximo do nosso trajecto a descoberto, que nos obrigaram, segundo as regras, a lançar o corpinho ao chão no terreno encharcado dum prado que iam atravessando, no que eram peritos os dois oficiais ingleses que nos acompanhavam, parecendo exemplificar exercícios de ginastica sueca em dois tempos; e nós imitando-os, melhor imitávamos uma porção de rãs a que só faltasse coaxar. Fôra um simples frete duma dúzia de granadas inimigas que só nos deixou ao sairmos do prado, bastante encharcados mas felizmente intactos.

Fizemos nova travessia de Armantières, onde apenas encontrámos um magro cão negro, de rabo entre as pernas, e focinho a farejar. Finalmente ao entardecer demos entrada no nosso aquartelamento, na fábrica donde saíramos pela manhã.

Informados nessa mesma tarde pelo capitão comandante da outra companhia, de que na nossa ausência ali estivera um tenente inglês interprete a transmitir instruções do general inglês, indicando trabalhos a executar nas trincheiras, e para exercitar as praças das companhias; como ignorássemos a hora de partida para esses trabalhos que deveriam ter lugar durante a noite, foram pedidos esclarecimentos, por meio de uma ordenança, ao comandante do Batalhão (B. I. 4.), que estava alojado num «chateau» próximo, bellissima vivenda cercada de jardins, que deveria pertencer a um médico, o que era denunciado por vários livros de medicina dispersos pelo chão. Este «chateau» possuia uma entrada principesca, com magestosas escadarias salientes em cantaria, que lhe atribuiam um aspecto architectural magnifico, e estava apenas mutilado pela artilharia nos telhados e torrinhas superiores e no muro dos jardins, o que era devido à

circunstância de estar situado no arrabalde de Armantières oposto à campanha.

O comandante do nosso Batalhão informou-nos de que não havia trabalhos marcados para essa noite, e como só dêle deveríamos, em condições normais, receber ordens e instruções, descansámos na convicção de que teria havido equívoco da parte do interprete, não nos ocorrendo o que realmente se déra, e que fôra êle não se ter dirigido ao nosso comandante de Batalhão como deveria ter feito, motivo porque sem mais embargo se iniciou a distribuição do rancho.

Decorria essa distribuição quando surgiram os guias ingleses acompanhados pelo tenente inglês interprete. Era a hora de marcha para os trabalhos, dizia êle. Era correcto em lingua portugueza pois vivêra alguns anos em Portugal, no Porto. Quizeramos ter respeitado a pontualidade britânica, mas pelo desconhecimento da hora que o tenente britânico olvidára transmitir-nos e a quem de direito, teve êle de valer-se da fleugma propria, e nós como bons aliados apenas, de ativar o ranchinho e mandar formar quem devia, num prodigio de rapidez, marchando para os trabalhos mediante previa comunicação ao comandante do B. I. 4.

No dia seguinte marcharam as companhias para as trincheiras, divididas, em pequenos grupos acompanhados de guias ingleses. Esta divisão em grupos tinha em vista obstar á observação inimiga, e o facto da marcha ser de dia era motivado por serem desenhados os caminhos que conduziam ás trincheiras nêsse ponto do front de Armantières; as linhas de emergencia eram por forma a permiti-lo. Repisámos o caminho da vespera sem a menor novidade. Logo no começo do caminho em trincheira notámos que não só as leis da arte da guerra presidiram ao

delinear dêsse caminho, certamente criação dalgum poeta: A cêrca de 100^m da entrada tivémos de passar pela abertura praticada num muro escondido na folhagem de espesso arvoredado, e deparámos com um belo espectáculo de vegetação exuberante alimentada por alentado ribeiro que cachoava ao longo do muro a que se firmava o nosso caminho construído em madeira e suspenso sobre a água. semelhando uma varanda corrida, que seguíamos inebriados, olvidando o inimigo que era o unico espinho daquele ramo de flôres.

O pessoal das companhias foi dessiminado pelos varios postos da 1.^a linha reforçando as guarnições inglesas. Constituia este sistema uma forma de instrução pratica sem responsabilidades, garantido pela presença das tropas experimentadas inglesas. Aprender a guerra na propria guerra. Não ha saber como o de experiência feito. Começaram assim os nossos soldados a familiarizar-se com o serviço de trincheiras e a perceber o significado da expressão *come on* que os seus camaradas haviam aplicado aos ingleses, por ser a que constantemente lhes ouviam proferir para os levarem a partilhar de coisas boas e ruins.

Tudo foi decorrendo sem incidente, mostrando os portugueses facilidade de adaptação a essa nova vida. Decorreu com alguma irregularidade a distribuição das refeições, devido á grande dessiminação dos homens pelos varios postos. Exercitaram-se na formatura de «a postos» ao alvorecer e ao anoitecer, em que toda a guarnição permanecia vigilante por serem os momentos provaveis de ataque para grandes e pequenas accções, formaturas essas em que se procedia a revistas de armamento, atavio, estado moral e físico, etc. Exercitaram-se no manejo de periscopios e em observar directamente

por sobre o parapeito empregando disfarces para o chapéu metálico, já cobrindo-o de linhagem como a dos sacos de terra, já com torrões cobertos de relva ou arbustos, semelhando o terreno próximo, afim de não serem descobertos pelo inimigo. O comandante inglês proibia severamente o uso do periscopio na observação do campo inimigo, classificando de cobarde e ineficaz a sua aplicação. A observação directa dava ao soldado a convicção da sua coragem, e a certeza de que o perigo era diminuto em relação ás vantagens colhidas de nitidez e dimensões do campo observado. O abuso do periscopio criava receio e oprimia o animo, dando ao soldado a impressão de que a observação inimiga era tão perfeita que, se mal se descobrisse, seria logo homem morto. Por isto, naquele sub-sector só se permitia o uso de tal aparelho quando de todo fôsse impossível observar por outra fórma, como sucedia nos pontos muito avançados e expostos da 1.ª linha.

Na manhã seguinte rompeu a alvorada em meio de violento bombardeamento. Adormecera no abrigo que me fôra destinado, embrulhado na minha valise, e estava a essas horas sonhando com um arraial na minha terra, a vêr o fogo preso e os morteiros; mas talvez porque extranhasse tal exagero de arraial, acordei em sobresalto, mal embalado por fortes estremeções. Os silvos das granadas, os disparos, os clarões, eram tantos de ensurdecer. Levantei-me de chofre e inteirei-me de que era contra o inimigo, e o moral compôz-se... Fôra o caso que na vespera, a trincheira recebera a visita do general inglês, comandante da divisão, o que os alemães saudaram a seu modo, granadeando-lhe a visita. Nessa manhã teve logar o agradecimento do general, descarregando sobre êles com toda a ar-

tilharia da Divisão e mais alguma adstricta acidentalmente.

Sentimos então pela primeira vez a acção do valor moral que a artilharia representa quando ataca o inimigo; é uma bela companheira que faz crescer a alma á infantaria, retempera-lhe os nervos e faz-lhe perder a consideração e o apêgo pelos abrigos e trincheiras, criando vontade e anseio por carregar até além, onde as granadas vão cair e destroçar.

IV

Vicissitudes e preparativos

Proseguiu bastante agitado o restante tempo que passámos nas trincheiras, até qua chegou a hora da retirada, por Armantières, para a fabrica de descanso. Isto representaria uma contradição em tempo de paz, mas em guerra tudo é possível, até as fabricas só servirem para descansar...

Retiravamos já com um diploma de instrução aproveitavel e ensanguentado como vai descrito no capitulo seguinte, selando êsse primeiro sangue o nosso pacto com os aliados.

De Armantières, empreendemos a marcha de regresso ao nosso acantonamento em La Tombe Veillot; uma marcha em verdadeira paz apenas alterada por um incidente furtuito, tambem consequencia da grande guerra, de que foi vitima um pequeno cão francês, esmagado sob as rodas dum «camion» militar inglês. Via-se o pobresito em meio da estrada, cortado pelo peito com as visceras a bulir e a fumegar, a boca escancarada e os

olhos fóra das orbitas, numa forte expressão de dôr que confrangia.

Antes do terminar da marcha, já ao anoitecer, quasi ao entrarmos no acantonamento, eramos esperados num cruzamento de estradas pelo sr. coronel cômandante da 5.^a B. I. a que pertenciamos, que vinha observar de visú o regramento, o atavio, as distancias entre filas e entre elementos da columna, que se lhe mereceram alguns reparos, certamente os relevou em atenção aos muitos quilómetros percorridos, ás comoções e á fadiga em que vinhamos dos dias de combate, que embora os não tivesse sentido muito bem os calcularia.

De novo instalados nos boletos de acantonamento, prosseguimos no cumprimento do programa de instrução, sendo o batalhão adestrado num campo proximo, em exercicios de tiro de espingarda Lee Enfield e metralhadoras ligeiras Lewis numa carreira de tiro reduzido; em lançamento e manejo de granadas de mão Mill's e de espingarda Mill's e Halle; na tactica inglesa de trincheiras e no avanço com dispositivo em losango, e a distribuição de granadeiros, agentes de ligação, secções de metralhadoras, atiradores, limpadores, nessa marcha preparatoria para as vagas de assalto, tudo novidades desta guerra; e assim diariamente nos iamos tornando mais aptos a arcar com a responsabilidade honrosa da defesa de um sub-sector, defrontando o teutão do varandim movediço do «No men's land» (terra sem dono), ou antes, Terra dos Homens!

V

Batismo de fogo — O que é a sorte!

Foi o tempo decorrendo sem incidente de maior, numa paz incompatível com a situação, não causando baixas os salpicos de granadas e morteiros que iam alimentando a guerra.

Decorria o mês de Outubro de 1917, era o segundo dia da nossa estada nas trincheiras. Foi marcado pelo acontecimento sensacional, se bem que naturalissimo, de pela primeira vez o Boche fazer correr o sangue bem generoso do 5.º Batalhão de Infantaria n.º 4, pintando na Terra da França a primeira mancha vermelha, indelevel para o nosso coração de camaradas, imorredoura na nossa recordação de soldados do mesmo Batalhão, e peréne na nossa alma de filhos de Portugal.

Num pequeno abrigo da 1.ª linha, apenas coberto por delgada camada de sacos de terra, estavam recolhidos um 1.º cabo e três soldados da 11.ª companhia do B. I. 4. Haviam acordado pouco antes, ao romper de alva, e depois de assistirem á formatura do *a postos* voltaram do parapeito ali.

Como fôsse a hora do café, travaram conversa atinente a decidirem quem iria buscá-lo para os quatro.

Questionaram. casmurraram ; vai lá tu, não vou eu ; até que o cabo com a auctoridade que lhe competia, resolveu: *vão vocês que amanhã iremos nós.*

Mal êle supunha que nessas palavras simplicissimas punha em jogo a sua vida e a do seu camarada que escolhera para companhia ; o que aliás succede sempre na vida, em que tudo depende de futilidades e bamburrios.

Muitos de nós, passando pelas maiores torturas, privações e riscos, contando com um sem numero de probabilidades contra, alcançámos sem beliscadura o fim da jornada guerreira, e ouvimos a nova do Armistício de tão grande sensação de alívio, tão grande de endoidecer.

Outros, como nós vimos, privilegiados em logares da rectaguarda, morrendo logo ao estrear as primeiras linhas.

Ao contrario, os dois a quem a determinação do cabo mandára em busca das rações de café, foram empurrados para a vida assim prolongada pelo acaso, sabendo Deus por quantos dias.

Sairam ambos do abrigo, e lá foram trincheira fóra, a caminho da cosinha da companhia inglesa, onde tomaram o seu café e receberam as rações dos camaradas, que urgia levar-lhes porque fazia frio, e o café quentinho é que confortava e aquecia.

A fatalidade não consentiria porém que áqueles pobres chegasse êsse conforto. Fria ou quente que a ração chegasse, já nesse momento tudo lhes seria indiferente; a carne ainda palpitante já não sentiria o goso, o aneio pelas fantasias dêste mundo, mas em compensação não mais arcaria com o sofrimento imanente no infeliz mortal.

Apressavam-se no regresso ao abrigo, não só para se desobrigarem da sua missão, mas também para se acolherem ao seu irrisório conforto, pois já soava a artilharia levantando perto, nas suas explosões, altas e espessas colunas de terra.

De repente, a poucos passos, uma dessas colunas, num sacão tremendo, tudo subvertendo, transformava o abrigo onde estavam os dois camaradas, num montão de destroços.

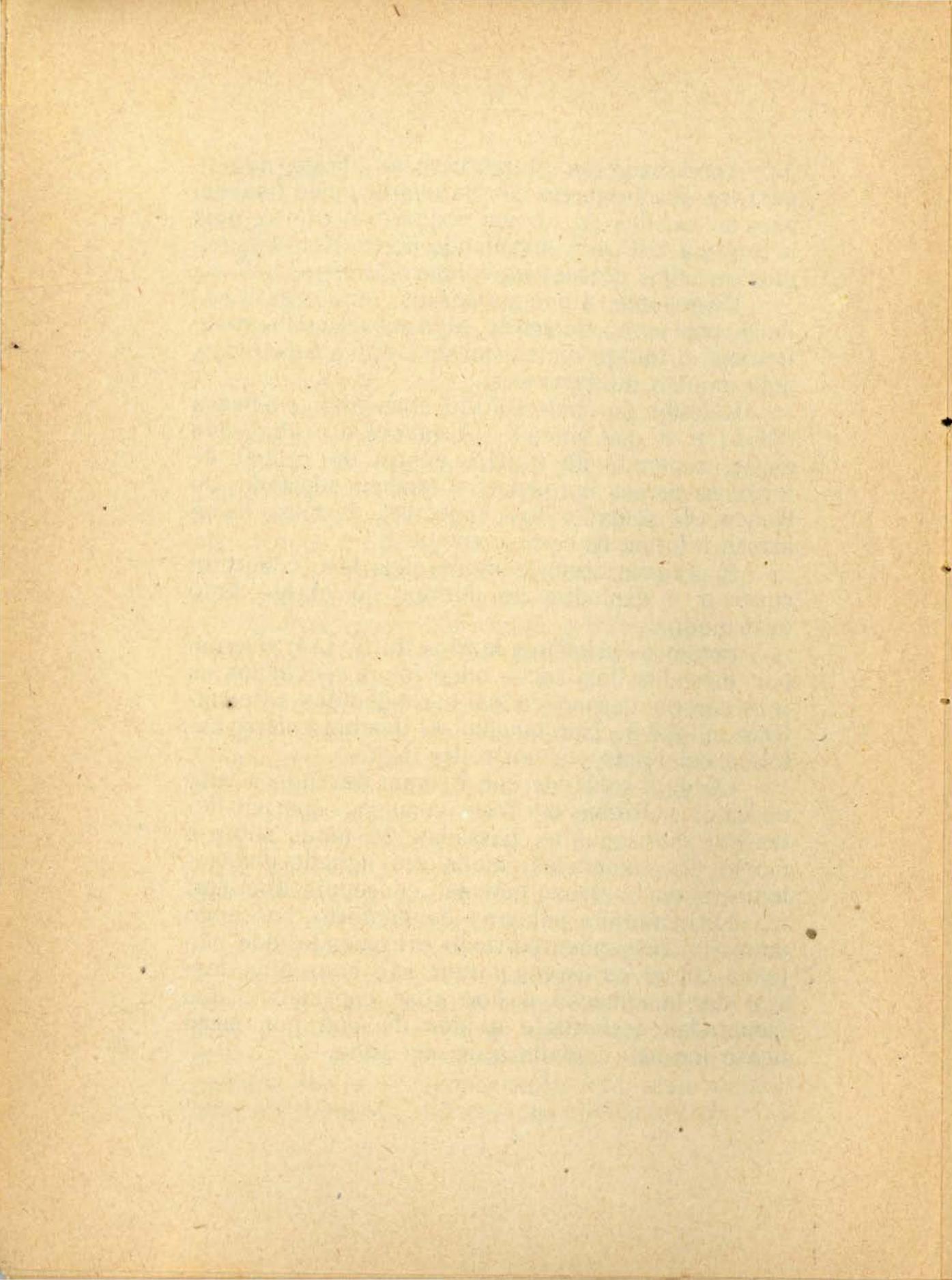
Refeitos do abalo sofrido, avançaram em busca dêles; e o que viram! — A cabeça do cabo, num esgar, separada do tronco, dentro do chapéu de ferro; as pernas em pedaços, também separadas do tronco. O soldado, irreconhecível, desfeito, numa massa informe de terra e sangue!

A granada abrira caminho pela leve cobertura superior e explodira no interior do abrigo, tudo destruindo.

Foram os primeiros mortos do B. I. 4; tiveram por mortalha dois sacos onde foram recolhidos os seus corpos despedaçados, e conduzidos ao cemitério militar de Harquingam; aí tiveram enterro católico celebrado por um padre inglês.

Os dois soldados que ficaram devendo a vida ao café, sofreram tão forte comoção, que um dêles no dia seguinte, passadas 24 horas sobre a morte dos camaradas, ainda era agitado por violento tremor nervoso que não conseguia dominar.

Dirigindo-lhe palavras de conforto, buscando anima-lo, respondeu sorrindo e tremendo, que não podia conter os nervos porque não conseguia desviar da imaginação o horroroso espectáculo dos camaradas desfeitos e a idea de que por mero acaso lhe não coubera a mesma sorte.



VI

Na instrução de patrulhas

No front de Armentières o nosso papel consistia em adaptarmo-nos e instruímo-nos nos novos processos de guerrear que a experiência dera aos ingleses. Foi nesta atitude que nos chegou convite para fornecimento de quatro homens para acompanharem uma patrulha inglesa de reconhecimento pela Terra de Ninguém.

Um dos homens escolhidos era recomendado pela circunstância de ter sido contrabandista na raia de Espanha que passára muitas vezes sem que fosse presentido pelos guardas fiscais, que várias vezes vira sem que o vissem nas suas excursões nocturnas. Tem êste mister clandestino muitos pontos de contacto com o serviço de patrulhas, motivo porque a escolha recaíra bem neste soldado.

Porém, apesar do seu treino e espirito aventureiro, o nosso homem, quando na nossa presença teve conhecimento do serviço para que fôra esco-

lhido, não poude furtar-se a soltar alguns suspiros profundos que denunciavam achar-se impressionado com o caso.

Outro escolhido foi o 263, que foi, mais adiante, o valente cabo Gregório.

Os preparativos para execução desse serviço consistiam em desembaraçarem-se da mascara anti-gaz por ser um grande empecilho na marcha rastejante por entre arames, ficando apenas munidos do capuz anti-gaz que ainda se usava a essa data, sendo pouco tempo depois suprimido por ineficaz e prejudicial sob a acção dum novo gaz tóxico aplicado pelo boche, de acção corrosiva sobretudo nas mucosas e partes humidas do corpo, contribuindo assim o capuz para a sua eficácia em vez de a contrariar, por humedecer, com o liquido em que era embebido, a cara e principalmente o pescoço, contra o qual se comprimia com a gola da farda; tambem substituíam o chapéu de ferro pelo barrete de bivaque; tíravam a bainha do sabre-baioneta para evitar tenidos denunciadores, transportando do equipamento apenas o cinturão, o bernal com algumas granadas de mão Mill's, e o cantil com água; alguns cartuchos de espingarda nas algibeiras; a espingarda carregada com a baioneta armada, salvo em noites de luar em que esta se suprimia para evitar as sintilações; enfarruscavam a cara, as mãos e a baioneta com fuligem da cosinha para melhor se occultarem.

Os ingleses adoptavam beber bastante «rhum» antes de sairem para patrulha afim de se animarem; achámos melhor que os nossos o bebessem na volta para festejarem o regresso feliz.

Iniciou-se a patrulha pelas 23 horas sob o comando dum alferes inglês, tendo por missão sair num determinado ponto do parapeito, reconhecer a

Terra de Ninguem até ao parapeito inimigo, e reentrar pelas 13^h, 30^m noutro ponto marcado na carta.

Preveniram-se préviamente os postos da primeira linha abrangidos pelo reconhecimento e o ponto de entrada, afim de evitar o perigo dos equívocos sempre desastrosos quando se tomassem as nossas patrulhas por patrulhas inimigas.

Durante o deslizar dos homens a um de fundo ligando-se pelas mãos, iam os ingleses industriando os nossos nas regras a seguir, aconselhando a passagem pelos arames sempre rastejando e nunca cavalgando-os, por forma a precaverem-se assim contra a surpresa dos Wery-Lights que pudessem surgir quando nessa atitude, perigando não só o ousado que de tal forma procedesse, mas ainda toda a patrulha. Iam mostrando aos nossos como era necessário evitar movimentos precipitados, e possuírem-se de grande dose de paciência para, por vezes, gastar horas, apenas no deslizar de alguns palmos de deslocação.

Toda a solicitude que os ingleses punham em transmitir-nos os seus processos, era descontada no nosso reconhecimento, tanto mais que ficava depois bem paga, que mais não fosse, com a prática positiva do belo serviço que lhe prestámos ocupando 12 quilómetros de front, onde por cada português que era morto mais um inglês se poupava.

O nosso contrabandista que cobrava ânimo á medida que ia desbravando os mistérios de tal serviço, excitado e espicaçado pelos constantes *come on* segredados, e entusiasmado pelos pontos de afinidade com o seu mister do tempo de paz, não pode ter mão em si, e quiz mostrar que já compreendera tudo!

Para isso, saiu da fila indiana, deslizou qual cobra, cavalgou o parapeito inimigo pondo-se todo a descoberto sem o menor rebuço, como se já se sentisse em segurança em terras de Espanha, e por sua vez também balbuciou *come on! come on!*...

Os ingleses prevendo desgraça na temeridade do soldado português, bracejaram e insistiram pelo seu regresso á ordem, levando-o a sofrer o entusiasmo e a entrar nas regras contra os guardas do fisco...

Daí retrocederam e foram entrar na nossa trincheira, no ponto marcado na carta pela ordem da patrulha; tecendo então rasgados encómios ao nosso homem pela sua prova de presença de espirito e aptidão para patrulheiro.

VII

Seis dias de trincheira

(De 1 a 6 de Março de 1918)—Combate de 2 de Março
de 1918

Foi a 28 de Dezembro de 1918 que um grupo de prisioneiros de guerra portugueses sentiu a grande sensação da Liberdade, saindo do território alemão pela fronteira da Holanda, dando ingresso na mimosa cidade de Enchede, tão linda, tão assejada, com as suas ruas largas e os seus predios pouco elevados; tudo com aspecto de novo mesmo nas coisas mais velhas que, por muito cuidadas, não perdem a beleza.

Este aspecto sadio, ordenado, higiénico, é de resto o que se observa em toda a Holanda, onde não ha lixo, onde está tudo sempre limpo.

Em Haia é de notar que nos electricos os passageiros compram os seus bilhetes, porém não se vê um sequer caído no chão; nas paragens existem receptáculos onde os lançam ao apearem-se, certamente por amor ao asseio da sua terra, por hygiene e por educação. Isto parecerá exagero, mas

não é; não se nota nas ruas um fosforo ardido embora haja muito fumador e muita caixa de fósforos. Nos teatros e animatografos vi cinzeiros de vidro para os fumadores, e não vi no pavimento uma ponta de cigarro; e os cinzeiros não se quebram nem desaparecem. Mas basta de merecido louvor, pois que outro é o assunto:

Em Enchede encontravam-se muitos prisioneiros, envergando uma diversidade de fardamentos que não deixavam perceber as suas nacionalidades; foi isso que deu motivo ao episódio interessante, de um soldado português fardado de soldado francês, e um francês de alferes português (este assim encadernado pelos portugueses para antecipar o final do seu exílio), se falarem, equivocados pelos fardamentos e atraídos pelo desejo de mitigar a nostalgia depois de tanto tempo de ausencia da Patria, consolando os ouvidos a escutar um compatriota, só então percebendo os seus disfarces e concomitantemente o seu logro.

Este soldado português era o n.º 586 da minha companhia, de nome José das Dôres; perguntou ao francês por mim, seu comandante de companhia, porém o francês não me conhecia, mas contou o caso a oficiais portugueses, e assim dêle tive conhecimento, podendo então ter com o meu soldado longa e agradável conversação sobre tanta peripécia passada:

Este soldado ficára prisioneiro com outros camaradas, no dia 2 de Março de 1918, cerca de um mês antes do 9 de Abril, no S. S. 1 do Chapigny.

Contou que num comando alemão, um oficial alemão que reunira os prisioneiros, vendo-os succumbidos, lhes dissera em português: «É triste a vossa situação de prisioneiros, porém não tendes razão para tal abatimento, pois bem cara nos cus-

tou a vossa cáptura. Cerca de mil homens de tropas apropriadas executaram o ataque, e pouco mais de 200 voltaram intactos...»

Estas palavras corroboram as expressas no radiograma interceptado pelos ingleses nêsse célebre dia 2 de Março de 1918 e cumunicado ao nosso Comando; no qual os alemães informavam para a sua rectaguarda sôbre o resultado do ataque, relatando terem tido duzentos mortos e feridos, entre êles um capitão ferido e um tenente morto; e o relatório dos nossos observadores, que viram pelo dia fóra o movimento constante de maqueiros alemães levantando os seus mortos e feridos da Terra de Ninguém.

Foi nessa data que o B. I. 4, que guarnecia o Sub-sector Chapigny I, teve o seu primeiro 9 de Abril, a êle comparavel pela impetuosidade do ataque e pela violencia do bombardeamento, embora limitado a esse ponto restricto. Foi bem o pano de amostra oferecido pelo inimigo ao tactear as nossas linhas.

Seriam 4 horas da manhã, ainda tudo mergulhado em absoluta escuridão, quando subitamente a profunda calmaria foi abalada por bombardeamento de infernal intensidade, colhendo de sobre-aviso a guarnição das linhas, que embora sempre na expectativa, não deixava por isso de se emocionar perante um tal choque e um tal contraste, na passagem abrupta de uma tranquillidade e escuridão absolutas para uma tormenta de formidavel grandeza, iluminada pela ininterrupta fusilaria, granadas, morteiros, etc., ficando a perder de vista a trovoadá mais violenta.

Era muito estreita ali a Terra de Ninguém e existiam nela enormes crateras semelhantes a lagos, permitindo ao inimigo protegido pela escura noite,

avançar a ocultas, mesmo da vigilância e escuta do posto avançado denominado Bico do Páto (Duck's bill), a uns 40.^m da linha inimiga, e situado no flanco direito do Sector.

Era a nossa 1.^a linha de uns 2 quilómetros de extensão, e bastante densa para assegurar a defesa das minas que a engenharia tinha em execução; teria uns 20 postos mantidos por 3 companhias, a 11.^a na direita, a 9.^a no centro e a 10.^a na esquerda; os comandos da 9.^a e 11.^a instalados no mesmo abrigo muito para o flanco direito; a 12.^a em apoio.

A disposição destas trincheiras não era de molde a permitir um bom serviço á companhia do centro que carecia de trincheira de comunicação própria.

Comunicava pelos flancos com o Comando do Batalhão, rodeando muito para servir-se das trincheiras de comunicação situadas nas outras companhias em 1.^a linha, ficando numa situação de inferioridade para ser reforçada ou socorrida, ou para evacuação da 1.^a linha; e sempre sujeita a um golpe de mão em presença da proximidade do inimigo.

Foi sôbre a companhia do centro que se desencadeou o ataque mais fortemente; os portugueses na 1.^a linha mantiveram-se vigilantes sob a avalanche do bombardeamento, que prontamente subverteu toda a trincheira já de si precária, abrindo-lhe covas profundas, destruindo abrigos que de abrigos só tinham o nome, arrasando o parapeito, matando e ferindo; fazendo correr e ensopando a terra da Flandres no generoso sangue do Soldado Português.

Após tão violenta preparação, esmigalhada a trincheira em toda a extensão do Sub-sector, soterrados e despedaçados quasi todos os seus defensores sobretudo na zona da companhia do centro

onde ficaram grandes troços completamente fechados á circulação, com o talude anterior unido ao de revez, outros cortados de profundas crateras logo cheias de água; e ainda para conseguirem avançar, preveniram-se os alemães de aparelhos gazogeneos, aproveitando o vento favoravel, produzindo ondas de fumo espesso e sufocante a occultar os seus movimentos, obrigando os defensores que ainda existiam em estado de combate, a fazer fogo ás cegas, a pôr as mascaras, a chorar pela acridez do fumo, a tosses violentas; enfim, aniquilando tudo antes do seu avanço sob a protecção de baragens impenetraveis a vivos.

A nossa artilharia ripostou com valentia; a Brigada mandou avançar reforços de Pont-du-Ham; a 12.^a comp.^a do cap. Brito Paes, avançou pelo flanco direito; a 10.^a comp.^a obrigada a evacuar o flanco esquerdo perante os efeitos do bombardeamento ocupou e resistiu na linha de suporte.

Logo no inicio do ataque as comunicações telefónicas entre as companhias e o Comando do Batalhão haviam sido cortadas pelo bombardeamento. As distâncias eram grandes, excediam 2 quilómetros. Como comandante interino do Batalhão, procurando restabelecer as ligações, mandei ordenanças e patrulhas, telegrafistas a concertar os telefones, e por fim mandei officiais. Foi nesta altura que o tenente observador Galvão voluntariamente se ofereceu no mais aceso da refrega para restabelecer a ligação com a 10.^a comp.^a; enquanto a 12.^a tentava restabelecê-las com a 9.^a e 11.^a

Chegavam informações de que o inimigo avançava pelas trincheiras de comunicação. Estava restabelecida a ligação com a companhia da esquerda; não se sabia ainda das companhias direita e centro. A nossa artilharia, as nossas metralhadoras

e os nossos combatentes continuavam em actividade. Chega-nos informação de que o inimigo de posse da zona do centro procurava progredir. Vem uma ordenança do tenente observador a comunicar que êste official com alguns homens arremetia a restabelecer a 1.^a linha, pedindo que cessasse o fogo de artilharia.

Então dei ordem para que o tiro da artilharia se alongasse, indo atingir os alemães que debandavam, abandonando prisioneiros que conseguiram libertar-se quando já na 2.^a linha inimiga, regressando um ferido na cabeça e já pensado pelo inimigo.

Começavam a chegar reforços do Batalhão em apoio, o B. I. 17, que foram guarnecer a 2.^a linha e a de suporte.

Começava também a faina admirável do médico do Batalhão, Dr. Guilhermino de Carvalho; chegavam a cada momento novos feridos ao posto de socorros.

Vem a informação de que o inimigo retirava com prisioneiros. O tenente Observador, de espingarda em punho, com o seu sargento e um grupo de homens, impulsionava a 10.^a companhia, levando-a a recuperar a 1.^a linha, difficil de reconhecer.

Nesta altura, entregue o meu posto ao comando do Batalhão de apoio, segui a assistir ao final da lucta:

No Posto de Socorros já era grande a acumulação de feridos, alguns mortos, outros sufocados pela acção do fumo. O Batalhão de apoio estava a postos, guarnecendo a 2.^a linha e a de suporte. A 12.^a companhia do nosso Batalhão, restabeleceu a ligação com a 11.^a companhia em 1.^a linha, que se mantivera sempre no seu posto, batendo a

Terra de Ninguém. O abrigo do comando das duas companhias, 9.^a e 11.^a, estava perfurado e despedaçado; uma granada perfurando a trincheira penetrára nêle, fazendo em pedaços uma ordenança.

O que é o destino! Essa ordenança, que fôra 2.^o cabo n'outro Batalhão, havia sofrido transferencia de castigo com baixa de posto, tendo sido colocado na 11.^a companhia havia poucos dias...

Proseguindo, tive a dita de abraçar então os dois subalternos que restavam na 1.^a linha, os alferes Cabral e Garducho, e obtive d'elles informações detalhadas e gloriosas, tanto mais gratas ao meu sentir por me serem transmitidas pelos subalternos da minha companhia, a 11.^a, que havia dias deixara, para assumir o comando interino do B. I. 4 nesses asperos dias visinhos da ofensiva alemã:

O alferes Cabral, mais antigo, vendo-se com as comunicações cortadas, assumira o comando da companhia.

Fora admiravel de energia e presença de espirito o 1.^o cabo Gregorio, n.^o 263 da 11.^a, comandante de uma secção de metralhadoras ligeiras. Com o parapeito destruido junto ao seu posto, agarrado á metralhadora como se com ela constituísse um todo unico, teve de deslocar-se para outra posição continuando a dizimar o inimigo. A certa altura do combate dissera: Meu alferes, eu volto para o meu posto... Pois volta! — E foi adaptar-se ao monte de escombros em que o posto fôra transformado, sendo principalmente êle quem evitou que o inimigo alastrasse mais pela 1.^a linha. Era este homem um valente, já como tal reconhecido pelos camaradas da sua terra; natural de S. Braz de Alportel, no Algarve, possante, alto, espadaudo, muito bom de genio, de um sangue frio inalteravel agora comprovado sob a violencia da metralha. Fôra como soldado para

França; como soubesse ler e escrever alguma coisa, foi um dia chamado ao comando da companhia, sendo informado de que ia ser promovido a 2.º cabo. Ao ter disso conhecimento, exclamou: «Oh! meu Capitão, não faça tal que eu nem para soldado sirvo.» E foi com grande desgosto que recebeu a divisa, porque não se considerava superior aos seus camaradas em merecimentos. Mais tarde, ainda na mesma ordem de ideas, promovi-o a 1.º cabo e entreguei-lhe confiadamente uma metralhadora, convicto de que êle constituiria sempre em todas as contingencias um solido esteio de toda a companhia. Nesse atribulado dia 2 de Março de 1918 tive a confirmação da minha boa escolha, de que ainda me vanglorio, considerando-a uma bela descoberta, porque a grande modestia e simplicidade do cabo Gregório ocultavam o seu valor.

Foi recompensado por êste motivo, e tambem pelo seu porte em toda a campanha, com a Cruz de Guerra, e promovido por distinção a 2.º sargento, indo talvez esconder as suas glorias na sua terra num cantinho do Algarve.

Li muita vez na selecta da escola, no meu tempo de rapaz, aquelle trecho em que se faziam locubrações sôbre a valentia e rija tempera dos homens do Norte e do Sul de Portugal, pondo-os em confronto nos seus elementos caracteristicos de defrontarem a força de um touro embravecido pelo espicaçar das bandarilhas, e de se entregarem serenos e confiados ao abismo de um mar encapelado e revolto. Ainda no mesmo intuito, aquelle trecho me sugere pôr aqui a par a valentia incomensuravel do Heroi da Grande Guerra, soldado Milhões do Norte de Portugal, e a rija tempera do Heroi da Grande Guerra, soldado Gregório da 11.ª comp.ª do B. I. 4, do Sul de Portugal. São dois dos fi-

lhos desta mesma Terra, que bem se equilibram e marcam a bitola que mede todos os que se experimentaram nesta Guerra, cada um por sua forma, conforme a sua sorte, ou mais evidente ou mais obscura.

Passava agora, apoiado a 2 maqueiros, um soldado com a cara toda em sangue, os olhos fechados e entumecidos, sem ver, talvez que cego, talvez fôsse morrer ao hospital.

Mais adiante eram retirados dos escombros alguns mortos e outros cuja vida mal se manifestava por tenues gemidos e por movimentos quási imperceptíveis.

Continuavam os maqueiros na sua dedicação; retiravam duma trincheira, onde jazia soterrado, um sargento da 9.^a comp.^a, que à falta de mais macas e para maior rapidez foi transportado sôbre uma manta; não apresentava sequer uma beliscadura, estava lívido, os olhos escancarados mas embaciados, os labios brancos; a respiração ofegante mas enfraquida. Este sargento era um admirável tocador de harmonium, um verdadeiro artista, raras vezes se ouve tocar tão bem esse instrumento; constituia um precioso elemento na 9.^a comp.^a para animar e distrair na vida de trabalhos e perigos.

Foi evacuado para um hospital de sangue inglês, onde morreu victima de gazes (*killed in action of gas shell*) como a ordem publicava.

Pouco adiante encontrava-se o tenente observador, Galvão, já com a sua tarefa terminada, no restabelecimento da 1.^a linha na zona da 10.^a comp.^a Foi um grande auxiliar do comando, não só por ter restabelecido a ligação com a 10.^a companhia fornecendo informações sôbre o combate, mas so-

bretudo pela sua iniciativa em impulsionar a 10.^a comp.^a na reocupação dos seus postos.

E teve como recompensa pelos seus serviços, a maior de todas as recompensas, a consciencia de haver cumprido além do seu dever...

Não só devido ao estado de destruição em que ficára a 1.^a linha, mas ainda ao numero de baixas (8 mortos, 26 feridos, 65 prisioneiros e muitos evacuados por suspeitos de atacados de gazes) restabeleceram-se em toda a frente 7 postos apenas.

A atestar a violência do combate, viam-se por toda a parte juncando o chão, estilhaços de granada, granadas de mão intactas de vários feitios e marcas alemãs, algumas maquinas infernais para destruição de abrigos, sacos de terra feitos de papel pardo para transporte de granadas de mão, estando alguns ensanguentados, um aparelho gerador de fumo apropriado a ser transportado à laia de mochila, e muito sangue derramado a atestar a resistência.

Ficára o Batalhão bastante desfalcado da refrega. Para continuar na guarnição de sub-sector tão extenso, dispunha o Batalhão dos recursos a que ficára reduzido.

Concordou o Comando Superior em ordenar a sua rendição pelo Batalhão de apoio, B. I. 17, que estava na 2.^a linha e na de suporte. Assim ponde o B. I. 4 ordenar-se, reduzido a 3 companhias de fraco efectivo.

No dia 3 reuniram-se os officiais do B. I. 4, sendo unanimes em que o Batalhão voltasse a guarnecer a 1.^a linha pelo resto do tempo que lhe pertencia, no cumprimento do seu dever de camaradagem para com o Batalhão que o rendera. Pelo telefone foi feito esse pedido ao Ex.^{mo} Comandante da Brigada, coronel Deocleciano Martins, que teve

a consoladora amabilidade de declarar nobre o nosso gésto, concordando com êle, sendo então passado a escrito.

Assim voltou o B. I. 4 á 1.^a linha, no dia 4, dispondo a 11.^a na direita, a 12.^a no centro e a 10.^a na esquerda. E na falta de uma reserva propria do Batalhão, ficou na trincheira de apoio uma companhia do Batalhão que lhe prestara auxilio.

Foi penosissimo o trabalho durante esses dias empregados na reparação da 1.^a linha, na sua desobstrução pelos sapadores tornando-a transitavel, e tambem pelo serviço de vigilancia durante as noites, com poucos officiais e sargentos.

Como vem referido, o inimigo na precipitação da retirada abandonara um aparelho de fumos que ainda ardia ao ser encontrado, motivo porque não foi logo removido, tendo o Comando do Batalhão recomendado a sua guarda para não lhe mexerem, o que afinal estava assegurado pela natural relutancia em se aproximarem dêle, na persuasão de que o fumo fosse toxico como era sufocante. Pela tarde de 2, a Brigada, 5.^a B. I., reclamou pelo telefone, por indicação urgente da 2.^a Divisão, a remessa do dito aparelho, pois que a sua existência já era conhecida dos ingleses que desejavam apoderar-se dêle para estudo, supondo-o algum segredo do inimigo para produção de gazes asfixiantes, tanto mais que um sargento da 9.^a companhia fôra transportado intoxicado para um hospital inglês de gaseados, onde falecera. Por tal motivo incumbi o official de granadeiros, como encarregado do material, da remoção do aparelho, e sua remessa para a Brigada; mas grande foi a contrariedade quando êsse official regressou declarando que o aparelho havia desaparecido, o que constituiria um grande comprometimento, sobretudo para dar á Divisão

explicações plausíveis sôbre tal desaparecimento. Desagradavelmente impressionado parti eu próprio com o cap. Pacheco, 2.º comandante do Batalhão, e duas ordenanças, em busca do aparelho, sendo já noite bem negra. Depois do dia bem atribulado, mais alguns quilómetros ás apalpadélas por uma trincheira muito danificada, tropeçando aqui, caindo ali. Dizia a ordenança do 2.º comandante, que lhe doía o coração quando o seu capitão escorregava. o que preferiria lhe acontecesse a êle. Era uma dedicação esse soldado; é nos trabalhos da vida que as grandes dedicações se evidenciam.

Após várias pesquisas foi enfim encontrado o almejado aparelho no mesmo local onde os alemães o haviam colocado. Passadas tantas horas ainda fumegava e exalava um cheiro pestilento que provocava tosse. Tinha as dimensões duma mochila e era construído de maneira a ser transportado ás costas. Compunha-se duma tina rectangular onde ardia acetilene; nos topos menores possuía dois suportes em forquilha que serviam de apoio a um cilindro com manivela, semelhante a um torrador de café; êste cilindro estava embreado duma substância resinosa e inflamável, geradora de espessas ondas de fumo pela acção do acetilene. Estava munido de restos de suspensórios apropriados para o transporte ás costas.

Foi o aparelho imediatamente removido, transportando-o a ordenança à cabeça, porque, como ainda fumegasse e o cheiro fôsse incomodo, só pondo-o bem ao alto se podia marchar com tal perfume. Chegado ao Comando do Batalhão pelas 5 h. da manhã, foi cuidadosamente guardado e no dia seguinte remetido para a Brigada, em cumprimento das ordens recebidas.

Decorria sem novidade a noite de 4/5 de Março,

quando pela 1 h. o telefone transmitiu do Comando das 11.^a e 12.^a comp.^{as} que 2 subalternos que deveriam entrar de ronda, estavam impossibilitados de o fazer porque tendo adormecido no abrigo com um fogareiro cheio de brasas, estavam inanimados devido ao acido carbónico que haviam respirado,

Fôra o cap. Brito Paes, que dirigia o serviço das duas companhias, que ao tentar acordá-los notára o seu entorpecimento, tendo que transportá-los imediatamente para o ar livre onde a custo se reanimaram, sobretudo um dêles que perdera os sentidos.

Não havia no Batalhão quem os substituísse. Cada companhia tinha apenas 2 subalternos, em cujo numero se incluía já o das metralhadoras que agrupava no serviço de vigilância, e ainda saindo dêles o comandante da 10.^a comp.^a. As outras duas companhias eram comandadas pelo cap. Brito Pais, o nosso agora celebrado aviador do Raid Lisboa-Macau, unico capitão em serviço nas companhias, cujo serviço era facilitado pela circunstância de terem essas companhias abrigo comum.

Foi pois necessário pedir auxilio à companhia de apoio, pertencente ao B. I. 17, que forneceu pessoal para serviço de rondas, não chegando porém a ser necessário, embora nêle cooperasse, porque os 2 subalternos doentes pela asfixia, sentindo-se melhorar e, briosos como eram, quizeram ir ao desempenho da sua missão.

Prosseguiu o serviço sem outras novidades dignas de nota, até chegar a hora da rendição, indo o Batalhão, extenuado, descansar um pouco para o apoio, após 6 dias de vigília aturada, e de tanta provação, alojando-se em casas abandonadas relativamente confortáveis, podendo nós estender os membros lassos sôbre palha macia e fresca que

um camion da Brigada para ali carinhosamente transportára, e gosar a tranquilidade infável que se sentia sempre nestas saídas das trincheiras para poucos quilómetros á rectaguarda, onde apenas, por vezes, a perturbá-la, explodiam granadas que ceifavam algumas vidas e mutilavam outras, para não cair no olvido a razão da nossa existencia nessas paragens sinistras.

Ant. Dinica

VIII

Abnegação

Em fins de Novembro de 1917, estava a 11.^a comp.^a do B. I. 4 em instrucção no Sector inglês de Armentières. Num posto da 1.^a linha onde estavam algumas praças da dita companhia, pertencentes ao pelotão comandado pelo alferes David Neto, succedeu acertar um morteiro inimigo, que ao explodir matou e feriu alguns ingleses, e dos portugueses matou um soldado, que por sinal presentira ser chegado o dia da sua morte, e feriu um cabo e um soldado.

Passados momentos, os ingleses procediam ao transporte em macas dos feridos de maior gravidade impossibilitados de se conduzirem por si ao posto de socorros, tendo começado pelos seus compatriotas, quando chegou ao local o referido alferes.

O soldado português era dos feridos de maior gravidade; e como as macas fossem menos que os feridos, e ao soldado se esvaia a vida perdendo o

sangue por três grandes ferimentos no peito e numa perna, urgindo ser socorrido; êle lastimava-se dolorosamente ao seu alferes, dizendo-lhe sentir-se morrer se não lhe acudissem, e acrescia ser um bom soldado e como tal uma vida preciosa.

O alferes Neto num impulso do seu nobilissimo coração, não esperou mais; transportou aos seus hombros o seu soldado, levando-o pela trincheira fóra enquanto as forças lho permitiram, provocando a admiração de quantos ingleses com êle cruzaram, por verem que em Portugal o oficial e o soldado se irmanavam no perigo e no sofrimento.

Percorrera mais de 200^m de trincheira, e afa-digado partilhou a sublime tarefa com a ordenança, seu impedido, que agora socorria o seu camarada prolongando-lhe a vida, e algum tempo mais tarde, menos feliz, perdia a sua, sucumbindo a um ferimento de granada.

Ao chegarem junto a mim presenciei com os olhos marejados esta scena de tesouros de alma.

Supuz o alferes tambem ferido, por ter a farda e a mascara anti-gaz manchadas pelo sangue do soldado; nodoas de sangue das que limpam a consciência mais pura; lavadas nelas precisavam ser Portugal e o mundo inteiro.

Cruzava de regresso uma maca dos ingleses, que de seguida transportou o ferido ao posto de socorros, onde foi pensado a tempo pelo tenente médico do B. I. 4, Dr. Guilhermino de Carvalho, que estava já ocupado em curar os ingleses.

De entre muitas e continuas sensações que a guerra nos oferecia, recorto esta, porque realça de beleza moral, e evidencia as maravilhas do sentimento humano num coração português de lei, atuando pela Filantropia e pela Abnegação.

IX

O meu boleto — A minha cama

A' medida que me ia aproximando das trincheiras, ia perdendo em comodidades.

Na viagem pelo mar, tinha não sei quê de suavidade extranha o conchego do beliche embaçado pelas ondas.

Éra rudimentar esse beliche, preparado toscamente pela adaptação de navios de carga a transportes de tropas, de dimensões acanhadas para dar lugar a quantos mais melhor; aliás como todos os beliches, mesmo os verdadeiros.

No entanto a fadiga da longa viagem em caminho de ferro de Tavira a Lisboa por via Setil, o marulhar do oceano e o balanço lento produzido pela ondulação, breve venceram os contras da situação, ajudados pelo coração ao largo, à sorte e á ventura, embora o espirito estivesse cheio da visão do Adeus á Família e á Patria, ao deslizar barra fóra ao cair do crepusculo dêsse dia 25-7-917.

O findar dêsse dia em cumplicidade com o veloz andamento do navio, pôz generosamente fim ao esvair dêsse espectáculo maravilha a sumir-se no horizonte, onde nos ficava a alma; embora estivesse o espirito a sentir vaga preocupação pelo submarino invisível, pela mina explosiva a flutuar, pelo torpedo que um dia após chocou e destruiu o barco patrulha *Roberto Ivens*, matando o comandante Cascais e quasi toda a tripulação, sendo apenas salvos 6 homens pelo rebocador *Berrio*, do comando do cap. tenente Baptista de Barros, meu irmão, que precedia aquele barco, sendo na sua esteira que o sinistro se deu, parecendo impossível que escapasse ao choque, o que certamente deve ter sido por um fio.

Não obstante tais preocupações, o entorpecimento veio, e o somno acolhedor e amigo alongou-se até ao meu pseudo beliche.

Foi assim a estreia da longa e variada serie de camas que gosei e sofri durante a minha jornada guerreira.

Após três dias de navegação aportámos a Brest. Ali fui alojar-me num hotel onde experimentei a verdadeira cama à franceza, cheia de molas tão flexiveis que mal nos permitem apoio para as voltas na cama, fazendo-nos passar por sensações de desequilibrio como ao banharmo-nos no mar. Oh grand matelas que nos tornas matelot!

O travesseiro em uso nos hábitos franceses é formidável; estende-se até meio da cama; é para se dormir em plano inclinado ficando sôbre êle meio corpo até quasi à cintura. Se não quizermos alterar os nossos hábitos destinando o travesseiro só para a cabeça, ficamos reduzidos a meia cama e encolhidinhos para lhe dar lugar.

O peor de tudo isto vinha a ser que cama tão

fôfa constituia péssimo tirocinio para quem em breve teria até de riscar a cama no duro chão...

Seguiu-se a viagem de aproximação em caminho de ferro através da França, que nos levou em dia nevoento e de chuva miudinha a Engheim, pequena aldeia da Flandres cujas casas eram na quasi totalidade cobertas de colmo. Ficava a alguns quilómetros de Air-sur-la-Lys.

Fui aí aboletado com o 2.º comandante da minha companhia, tenente Manuel Guimarães, num alojamento bastante confortável em casa de duas orfãs de nome Brouard, que nos proporcionaram as melhores comodidades de que dispunham, mediante o pagamento, estipulado na *mairie*, de 1 fr. diário, além de outro pago particularmente pela serventia de cosinha, que o francês é interesseiro e não perde ocasião. Esta serventia ampliámo-la dando-lhe foros de sala de jantar, o que sôbre maneira nos conveio por nos proporcionar realizarmos as nossas refeições num ambiente temperado nada para desprezar ao avisinhar do frio inverno que já ia começando a anunciar-se com os seus mimosos rendilhados matutinos nas vidraças, e nos lençóis de neve ainda pouco espessos, o que para algarvios era um mau prognóstico.

Tínhamos aí ao dispôr, além de duas pequenas alcôvas, uma sala ampla; as camas à francesa com o travesseiro *sui generis* e lençóis!, saudosa maravilha algum tempo depois tão cubicada e por fim eliminada por completo dos nossos hábitos.

Dali seguimos por algum tempo para a escola de Marthes, onde nos provámos na primeira alteração à boa cama. Para ser mais intensiva a instrução, ficaram as duas companhias do B. I. 4 bivacando próximo do campo de instrução, por não haver alojamentos que chegassem.

Já decorria o mês de Setembro próximo ao seu término, e o tempo ia arrefecendo para bivaque e para o nosso temperamento. A coroar esta situação, surgiu um violento temporal, cuja forte ventania partia arvores e arrancava as leves tendas-abrigos, propocionando-nos como que duchas escocezes quando recolhidos no seu relativo agasalho.

Se bem que tivéssemos cobertores a tapetar o solo duro, era solo tão diferente do da nossa Pátria, solo de estranhos, sem calor para o nosso coração; aquele calor e carinho preconcebidos pelos nossos sentidos na nossa Terra de Portugal, onde, a derramar-se sangue de portugueses, é Ela que o recebe e que o merece por lhe pertencer, por tê-lo gerado!

Se bem que o cobrissemos para desviar do corpo a sua algidês, trouxe-nos a natureza o complemento, mandando nas azas do vento o lençol de neve, único congénere com a nossa triste cama, envolvendo-nos na sua alvura sem mácula, neve estranha e desconhecida ao algarvio que via lá mui distante o seu torrão ardente, sem essas coisas esquisitas e tão frias de cortar o coração.

Ali jazemos 8 dias; saí de lá adoentado e enrouquecido pela humidade que ensopava o chão.

Ao desarmar da tenda descobri um companheiro que vivêra comigo esses dias, um lacrau ou scropião, animal mui vulgar nos campos algarvios, ali a destoar entre tanta *grenouille*. Deu-se bem comigo e não nos molestámos.

Regressámos novamente às nossas camas nos mesmos boletos das demoiselles Brouards. Com autorização prévia das donas da casa tive de transportar a caminha para a sala de fóra, porque a alcôva, apesar das grades de ferro do seu postigo

para evitar surpresas de inimigos, nem por isso possuía melhor telhado; e a chuva atrevida e abundante começou a despenhar-se sôbre o meu leito, forçando á mudança.

Não perdi com a troca, pois fiquei instalado com mais larguesa e luz; foi, porém, sol de pouca dura porque dentro em breve regressámos à tal escola, onde, dessa vez mais felizes, não tivemos o chão por cama, indo acantonar no povoado próximo agora disponível, denominado Ham.

Estive alojado em casa dum sapateiro, que por sinal me concertou as botas. Este sapateiro era soldado e fôra gravemente ferido por uma bocheche inteira de granada de artilharia, que o atravessára pelo quadril, revolvendo-lhe os intestinos, ficando vivo milagrosamente, porém bastante coxo, com uma perna muito tolhida e encolhida, permitindo-lhe já andar de bicicleta o bastante para poder ir à cerimónia que o condecorou com a Cruz de Guerra. Estava reformado por certo periodo de tempo e sujeito a inspecções médicas periódicas para avaliar da sua capacidade.

A cama que me coube era ainda com muitas molas mas muito desconjuntada; tinha assim o ar, pela sua inclinação lateral, de querer despejar-me para o chão, por não poder comigo, devido à sua avançada idade; ou como pessoa que estivesse de mau modo a prestar qualquer serviço, já farta de trabalhos e a fazer caretas, talvez por pouco espirito hospitaleiro como a fazer sentir que aquilo não era roupa de franceses... Ainda assim lá me acomodei, aconchegando-me como gato em açafate, considerando judiciosamente que o chão da primeira vez era incomparavelmente pior. Não há melhor para nos consolar-mos do que a sobriedade e filosofia sôbre a relatividade das situações e das

coisas. E o que viria depois?... Não fôsse Deus castigar. E demais não se exija em casa de sapateiro toque de rabeção, senão viria o risco de levar com o tirapé.

Decorreram essas noites treinando em acrobacia e em sonhos de mar encapelado, até que fomos deslocados para outra localidade, Roquetoire, onde notei por sôbre a entrada de um «estaminé» (venda), uma taboleta de «Brouard debitant», que vim a saber ser de parentes das irmãs Brouard do meu primeiro boleto, reavivando saudades de tempos idos no fôfo de bôa cama.

Aí coube-me partilhar do tecto de um relojoeiro, infeliz corcunda, impossibilitado de lutar pela Pátria, devido á sua deformidade. Contribuiria porém acarinhando no seu lar os que seguiam para o vulcão da luta.

Era realmente esplendido o agasalho; uma bela cama num belo quarto, o melhor da casa e casa bôa.

Mas foi tambem sol de pouca dura que mal me aqueceu; veio ordem e proseguimos na marcha de aproximação, e que desolação...; quantas vezes me assaltou a mente aquele vislumbre de bem estar, e o corcundinha todo amavel!

Chegámos em meados de setembro de 1917 a La Tombe Veillôt, de sugestivo nome, nunca tão a caracter como com a nossa chegada.

Coube-me em sorte o boleto em casa duma viuva com duas filhas. Ela esgrouviada e sêca de físico e de trato; a filha «ainée», aleijada e sofrendo desequilíbrio mental; a «cadette», criança de 15 anos, bonitinha e muito esquiva a galanteios dos alferes, só muito tarde permitindo assentar-se na roda, em volta do «poile», obrigada pelo frio inverno.

Fomos recebidos com sistemática descon-

fiança, imprópria da nossa situação de aliados desinteressados.

O aspecto da minha alcova pesou-me no coração pelo seu ar lúgubre, lôbrego e sombrio, de pequenas dimensões, tresandando a humidade; possuía uma pequena janela que na nossa terra permitiria entrada a muita da nossa abundante luz; porém na Flandres sombria e nevoenta mal dava nas vistas. Deitava para um quintal «le jardin», mal tratado, a denotar a falta de homem na casa.

A enxerga enorme enchia o quarto, era balofa, esmagada e bafienta; o leito não era de má marca, mas sumia-se por completo sob a enxerga que transbordava tanto que asfixiava. Mal eu presentia que ali curtiria uma forte gripe que quasi me atirava para uma pneumonia.

Vem agora o grave problema dos lençóis, a que eu, felizmente, já vinha quasi desabituaado. Buscando insinuarmo-nos no espirito da dona sobre tal assunto, disse-nos redondamente que não; mas a insistência e sobretudo a oferta de francos deu em abrandá-la, e deu azo a reunião de conselho de família, surgindo um cunhado vermelhaço e obeso, de bigode russo em cacho com aparência de pingar mesmo quando enxuto, que deu solução favoravel, mediante a espórtula semanal de: — «Deux francs».

E que lençóis! Cada remendo e cada falta de remendo, que davam triste faina aos nossos tristes pés em fugir-lhes.

Já com regular preparação na aprendizagem das novidades guerreiras, quasi todas reabilitações históricas, empreendemos a primeira visita às trincheiras de combate dos ingleses em Armentières.

Adquirira uma valise modelo inglês, que resolvia satisfatoriamente o problema da cama, e si-

multaneamente substituiu com vantagem a mala da ordem, constituindo um verdadeiro achado, uma cama ambulante de muito agasalho.

Foi em Armentières, numa fábrica de antes da guerra, onde passámos a noite, que fiz estreia da valise, colocando-a sôbre umas canastras de pão, para lhe dar o tom de cama alta com leito.

Daí fomos distribuídos pelas trincheiras para nos aperfeiçoarmos na instrução e adaptarmos ao meio. Apreciei belos abrigos onde se ingressava por escadas de 6 e mais degraus, só expugnáveis a artilharia grossa, morteiros médios e pesados, máquinas estas a que nada resistia, a questão era teimar.

Mas... esses abrigos não estavam vagos. O que me coube era mais à superfície, tinha mais luz e também mais ar, era mais volátil... Apresentava a aparência pastoril duma casita de campo; e como era numa trincheira coberta de «camuflage» disposta à semelhança de latada, excepto nas uvas, até essa circunstância lhe emprestava bucolismo.

As paredes dêsse abrigo eram de fiadas de sacos de terra, e como estava situado no revés ficava abrigado e oculto pelo talude anterior, sendo a blindagem de alguns carris, chapa zincada e uma camada de sacos de terra; destinado a hospedes, sempre importunos, não havia que dizer.

No interior, o leito consistia numa sarapilheira bem esticada por travessas de madeira, onde adaptei a valise; oh ceus, que belesa!...

Uma táboa junto ao tecto tinha a veleidade de constituir uma prateleira; eis tudo quanto a mobiliário.

Ali dormitei algumas noites, e foi na última soneca que fui despertado ao romper de alva por um grandioso bombardeamento que me trouxe á realidade.

Com milhares de silvos e rancos em todos os tons, como atrás referi, toda a artilharia inglesa do sector, que fôra reforçada, agradecia a seu modo aos alemães o mimo da véspera, de meia duzia de granadas na visita do general.

Para estreia, despertar assim em meio de ribombar continuo, ignorando a origem dos disparos..., deu-me a prova do grau de consistência nervosa com que poderia contar nessa via dolorosa, que bem necessário seria que se mostrasse em grau elevado.

Noutra visita às trincheiras inglesas, o abrigo ganhava em resistência e perdia em comodidade. Era construido dum semi-cilindro de chapa de ferro canelada, de uns 4^m×2,^m5, enterrado no talude anterior, e sopesando uma densa camada de sacos de terra.

O local era em extremo aprasivel, muito arborizado e em verdejante veiga. Um delgado regato coleava junto á embocadura dêste tonel de Diogenes, apenas dêle diferindo pela sua fixidez. Guarnecia-o uma táboa larga a servir de mêsã, e um estrado com rêde de arame bem êsticada para a valise.

Sem dúvida êste abrigo estava em melhores condições de segurança, mas em peores de higiene. Ali dormia-se debaixo de chuva permanente; valia-me o impermeável que estendia sôbre mim, caindo-lhe em cima cadenciadamente gôtas de humidade condensada na chapa ondulada, a ponto de ao acordar ter de sacudí-lo antes de o vestir, por estar completamente molhado.

Dai voltámos a Armentières, onde, num belo quarto dum esplendido palacete pouco atingido pela artilharia, aquele que eu já citára como tendo sido habitação dum médico, encontrei um leito im-

provisado consistindo num rectangulo de madeira com 4 pés, sôbre que fôra esticada uma rêde a imitar colchão de arame. Com a valise em cima ficava uma delicia!

Como a marcha dessa noite, de saída das trincheiras, fôra extremamente árdua e fatigante, repleta de sensações, quási toda em mascarada maquiavélica sob a ameaça de gazes de granada à mercê da direcção do vento, senti tal consolo ao deitar-me, que apesar do temor ao bombardeamento que soava na visinhança, de rajadas de granadas de gás, e da idéa fixa na novidade que então circulava, sôbre o emprego recente pelos alemães de um novo gás inodoro, não houve esper-tina possível, e adormeci nesse leito de penas como se de pennas fosse, com probabilidades de vir a acordar na morte.

Depois de muitos e variados tombos por outras aventuras, em intermitência de graça e desgraça pelas trincheiras, aconteceu-me, por uma noite daquelas frigidissimas em que o zero é vida, noite de vigilia, agarrado ao livro das comunicações de campanha, á luz da vela, dentro do abrigo em que o fogo se apagara no velho fogão de sala, tão bem adaptado a um canto e tão mal adequado à situação, que se estava aceso sufocava-nos, se apagado mais nos arrepiava pela sua presença, como que a vingar-se de o terem arrancado à tranquillidade dos escombros da bela casa onde fôra alguém; aconteceu-me que, estando meio entorpecido e afadigado pela vigília e voltas de ronda, me estendi sôbre o catre de linhagem, enrolado num cobertor, sem idea de dormir, mas... vencido, passada uma hora se tanto, acordei enregelado:

Como que sentia os pés mergulhados em lama viscosa e fria, numa indefinível sensação desagradá-

vel. Tentei sentar-me, mas do exforço que empreguei resultaram caimbras violentissimas e muito dolorosas nas falsas costelas que por forma tal se arrebiteram e contorceram, que só á força de fricções e sôcos que lhes appliquei, se desfizeram essas contracções; e, com a bréca! mal desfeitas ainda, uma nova e mui violenta me acometeu os musculos d'uma perna que se pôz rigida como pedra, só voltando ao seu normal pouco a pouco, depois de ter conseguido rebolar-me para o chão e pôr-me de pé, procurando andar para restabelecer a elasticidade dos membros contraídos.

Mal refeito, ingeri um golo de rhum, e saí para o exterior às apalpadelas, eram 3 horas da madrugada, noite de silêncio atrós e escuridão profunda a tal ponto que levava meia hora a adaptação da vista para se enxergar a alguns metros, noite boa de patrulhas; chamei a ordenança e pelo escuro da noite fui em busca do calor provocado pelo exercício de mais uma ronda na nossa 1.^a linha.

A noite de 8/9 de Abril de 1918 foi a última em que as vicissitudes da guerra me permitiram saborear a minha valise, colocada sôbre mais um leito improvisado, no quarto duma casa de campo situada na Rue des Chavates, destinada ao Comando do B. I. 4, casa já um tanto experimentada pela artilharia, com as portas interiores trespassadas por balas de shrapnels e algumas nelas incrustadas.

Dormia a sono solto conforme o permitia a nossa situação em apoio, quando pelas 4 h. da manhã, num repelão brusco de milhares de estrondos e milhões de silvos, num fragor inconcebível de batalha, fui acordado pelos solavancos e fortes sacões que as explosões produziam; e em meio

do estrépito das rajadas de destroços que tombavam, levantei-me, mal me vesti e apetrechei para a luta.

E como depois de 7.^h 30^m de bombardeio, fusilaria e sangue, nos vissemos cercados de innumera bicharia que surgia do nevoeiro denso em todos os sentidos, multiplicando-se como moscas, terminou a riqueza da minha valise de que me vi privado como de luxo impróprio de prisioneiro; e encetei outra serie bem mais miserável sôbre todos os aspectos morais e fisicos, tornado inútil, redusido á inacção, sem corpo nem alma, vivendo por favor como fóra da lei, à fome, à morte lenta e terrivel de privações, numa amargura de todos os instantes que bem previra em lágrimas que derramei ao reconhecer a nossa impotência por falta de recursos perante a formidável avalanche inimiga que nos atirou ao cativeiro.

Nêsse primeiro dia deixaram-me descansar em Salomé, adiante de La Bassée. Adormeci ali empilhado com outros, sentado numa espécie de canapé, que tinha no bordo do assento uma táboa pregada de cutelo, sôbre que tive de apoiar as minhas pobres curvas, lacerando-me a carne como em instrumento de tortura, deixando de sentir a dureza do chapéu de ferro que me servia de encosto, por representar um tormento menor, por aquele tornado despercebido. Mas a fadiga era tanta e tal o aniquilamento que mesmo dormiria sôbre baionetas.

No dia seguinte de manhã continuámos a marcha escoltada; passámos por Bouvain, até Carvin onde fomos encurralados num campo de prisioneiros vedado com arames á semelhança de redil, dentro do qual existiam os alojamentos, barracas de madeira providas de longas tarimbas, onde se po-

dia dormir á larga mas em colchão de pau. Associado a um camarada, antigo condiscipulo e ali companheiro de miseria, procurámos suavisar a dureza e o frio da tarimba, rebuscando e arrebanhando uns tristes fragmentos de palha dispersos no pavimento, tenues vestigios de outros tempos certamente mais humanos que a má varredura denunciava, porém tão escassos que nem sequer iludiram os nossos sentidos se bem que já embotados.

Mas Deus dá o frio conforme a roupa... Sempre contribuíram de forma a sentirmo-nos no dia seguinte aliviados da fadiga, e mais aptos a encetar no dia 11-4-918 a 3.^a etape da nossa peregrinação em direcção a Lille.

Chegámos a essa magnifica cidade, cuja travessia fiz, admirando a amplidão das suas ruas bem pavimentadas, os seus belos edificios, a Universidade, etc.; se bem que a nossa condição de cativos com a alma compungida e o espirito coacto por um turbilhão de torvos pensamentos e incertezas, fôsse pouco propícia a apreciá-la devidamente.

Fomos conduzidos à fortaleza da cidade, de amplos aquartelamentos inçados de alemães, onde, em seguida a longa formatura, nos destinaram a uns compartimentos do segundo andar, com o sobrado coberto de enxergas. Mas que imundicie de enxergas! Tão sujas e cobertas de terra que mais parecia estarmos na estrumeira... Ainda assim não eram tantas que não fôsse necessário mendigar logar.

E foi assim, que depois de pensar uma grande borrefa que a marcha e a dureza das botas inglesas me fabricaram num pé, a que apliquei a tintura de iodo da ampola de um penso, após prévia lavagem sumária consumada numa vasilha qualquer que achára algures; e depois de calçar meias, magnificência que um bom camarada, o alferes Can-

deias me proporcionara, oferta magnanima em presença dos parcos haveres dum prisioneiro despojado, acção de que conservo mui grata recordação; e ingerida uma refeição fornecida numa gamela e servida com uma colher-garfo da ordenança alemã que colhera de sob uma mesa em Salomé, luxo este pouco a caracter porquanto a maioria dos prisioneiros tinham de servir-se com pausinhos, como no arrôz chinês, em virtude da eliminação daquele utensilio visto que «quem não tem que comer escusa de pratos» como diz o rifão, o que não se applica bem ao caso, pois que a refeição ingerida de cevadinha e pedacinhos de carne de cavallo ainda era algo sucolenta; e foi assim que reconfortado me aconcheguei entre outros 2 miseros prisioneiros sobre a enxerga terrosa, e adormeci pesadamente, profundamente.

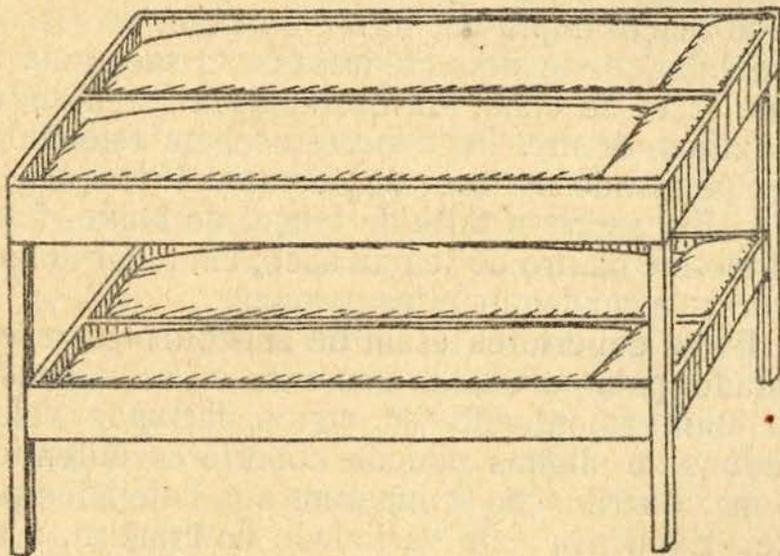
Alguns dias mais e seguimos de Lille pelo caminho de ferro do Sul da Belgica, atravessámos o Norte da França, a Alsacia-Lorena, passamos a região de Metz vimos Bel-Valle, logar admiravel que a prodiga Natureza cobrira de densos matagais verdejantes, e onde as sevicias alemãs já se haviam exercido, derribando a eito com fins utilitarios, as aleas de arvoredo das estradas, de que restavam as bases dos troncos a florando a terra, como a reclamar vingança e a denunciar o crime tanto mais barbaro quanto é certo ter sido praticado a dois passos de frondosos matagais onde abundava a madeira.

Proseguimos pela estação de Strasburgo e entramos na Alemanha, sendo despejados na estação de Rasttat, pequena cidade muito aceiada, a cujas ruas dava bonito aspecto a disposição de pequenos jardins gradeados, á frente de todas as casas, muito floridos nessa época de Abril.

Saimos da cidade, e a cerca de um quilometro dêmos entrada no campo da concentração de prisioneiros (gefangenenlager) de Rasttat, no Granducado de Baden.

Este campo era de dimensões enormes, talvez dum quilometro quadrado, e dividido em zonas. Coube-nos parte duma dessas zonas que anteriormente servira a soldados russos, e que por sinal soffria descuidos de hygiene, o que bem podia apreciar-se pela pujante cultura de pulgas que inçava as enxergas.

As enxergas na maioria eram confeccionadas de papel pardo imitando muito bem linhagem; eram tecidas pelo mesmo sistema empregado nos sacos de terra para as trincheiras. O enchimento era feito de aparas de madeira, maravalhas, que lhes davam belo aspecto de fôfo, mas que acamavam em poucos dias de uso, deixando sentir como que a dureza duma taboa ou duma tarimba.



Era engenhoso o modelo de leito para prisioneiros; consistia numa armação de madeira tosca,

dando logar á collocação de 4 enxergões em 2 planos como nos beliches; e tanta era a semelhança que quando os quatro pacientes se deitavam, por mais socegado que fosse o seu dormir, o menor movimento que escapasse, transmitia-se em vibrações a todo o jogo da armação causando pior que enjô, a insonia aos parceiros assim inevitavelmente ligados pela caranguejola e abanados por constante tremôr devido á sua fraca solidez.

Era ainda mais lamentavel a situação daqueles que habitavam o plano inferior, que pagavam caro o luxo de terem o plano superior por docel, não só porque aquele servia de degrau nas ascenções dos habitantes de cima, mas pior ainda, porque a malha larga do tecido das enxergas de papel permitia a saída constante da serradura em que as maravalhas do seu recheio se transformavam com o uso, polvilhando-os permanentemente.

A roupa de cama era muito original; constava de um lençol duplo em forma de sacco, de riscado xadrezinho, e de dois cobertores. O sacco com fôros de lençol de cima, era destinado a serem-lhe introduzidos dentro os cobertores bem estendidos, desempenhando assim o duplo papel de lençol e coberta. Eu supria a falta de lençol de baixo, introduzindo-me dentro do lençol sacco, em logar dos cobertores, estendendo estes por cima.

Estes cobertores eram de aspecto bizarro, emprestado pela variedade das suas côres, e constavam dum amontoado de panos, farrapos, velhos edredons, e alguns poucos cobertores autenticos que na distribuição couberam aos bafejados pela sorte. Explicava esta variedade de trapeiro, a sua proveniencia de pilhagens nas povoações francesas e belgas. Basta a descrição dos que me couberam, para dar uma ideia aproximada do que eram tais aba-

fos : Um dêles era formado de um aglomerado de trapos de chitas e outros tecidos de côres variiegadas e encorpado de uma dose grande de porcaria; era duvidoso que outr'ora tivesse sido uma desprerenciosa coberta de retalhos de casa pobre; pela descrição se vê que o seu poder de agasalho era nulo. Em compensação o outro de xava perceber que fôra um magestoso edredon todo vermelho, e tão pesado que ainda transmetia da sua própria côr a quem o sopesáva.

Desta forma metido no sacco entre aparas, maravalhas, carepas e farrapos, com a sensibilidade distendida pelo pulguedo bravio, fechava os olhos á fôrça, rebuscando na imaginação cansada, longinquas recordações dos carinhos da familia, e ainda adormecia! . . .

Tres meses passados nesse campo de Rasttat, junto á floresta Negra, fomos transportados para o Norte da Alemanha para o Campo de Bressen in Mecklemburgo, próximo a Hamburgo e ao Mar Baltico, onde nos deixaram jazer até ao Armistício na ultima cama de guerra.

Esse Campo, aliaz classificado por uma Missão espanhola de assistencia aos prisioneiros, como sendo o pior de todos os existentes na Alemanha, fôra anteriormente ocupado por romenos, e á nossa chegada era-o em parte por officiaes polacos.

Ali tambem as camas eram em papel e aparas de madeira, mas em leitos individuais por serem destinados a officiaes, generosa distincção hierárquica. . .

Porém, as aparas ou maravalhas eram tão escassas que a maioria quasi dormia sobre as toscas táboas dos leitos.

Finalmente em 28-12-918 saiamos do cativêiro, pela Holanda; e foi então na cidadezinha de Enchede, a nossos olhos tão linda e de tanta luz, que

de novo saboreámos a Vida, senhores da Liberdade.

Foi inefavel essa delicia sentida numa casa ampla, cheia de palha limpa e macia, de mantas doiradas; casa de paredes brancas, brancura de que a nossa alma era sedenta, de tão saturada de escuridão da masmorra, da negrura da Alemanha.

Um dia depois partimos para Haya (Hagg-S. Gravenhage), Capital da Holanda, a cidade do Palacio da Paz, tão simbolico como belo pela intenção com que foi construido, e a que muitas nações renderam preito concorrendo com as suas preciosidades, e cuja candura fôra maculada pela própria Holanda, garantindo hospitalidade ao próprio Kaiser, ao emulo da guerra, ao eximio sangrador.

Nessa cidade fui hospedado num esplendido hotel, onde reavivei a tenue recordação subsistente atravez de tanta e tão varia miséria sofrida, numa cama suavissima, completamente isenta da peçonha da guerra, de lençóis macios de linho, de colchão de arame fidedigno; mas era tão grande o antagonismo com os maus habitos adquiridos durante tanta privação, que na primeira noite dessa extranha delicia, foi-me impossivel conciliar o sono.

X

Um curto passeio na Terra de Ninguém

No sector de Fleurbaix, como o parapeito da 1.^a linha tivesse algum comandamento sôbre a Terra de Ninguém por forma a originar espaço em angulo morto, estava estabelecido que durante a noite, os postos da 1.^a linha colocassem uma metralhadora ligeira fóra do parapeito, pósta de forma a bater esse terreno em angulo morto afim de evitar surpresas.

Dois homens com a metralhadora instalavam-se assim sem abrigo, sobre o lamaçal, apenas resguardados da humidade por meio dum pedaço de linhagem a enganar; dispunham á frente da boca da metralhadora outro pedaço de linhagem em posição vertical á laia de biombo, sustentado por duas estacas espetadas no terreno, linhagem que era trespassada pelas balas da metralhadora, e tinha por missão ocultar o clarão dos seus tiros, denunciador do seu local.

Uma corda estendida no solo, com uma das extremidades na posse dos dois homens da metralhadora e a outra ligada ao braço duma sentinela interior ao parapeito, sentinela também fornecida pela guarnição da metralhadora, tinha por fim estabelecer a ligação, e era por meio de sinais constituídos por mais ou menos puxões que os homens da metralhadora e a sentinela se entendiam, quer a informar de patrulha inimiga que se aproximasse pela esquerda, quer pela direita, ou pela frente, etc.

Era este serviço extremamente perigoso e violento, obrigando á imobilidade, não só para evitar serem descobertos como para poderem escutar os menores ruidos, exigindo a maxima atenção e sujeitando a extremos de arrefecimento a ponto de enregelar.

Os homens eram rendidos de duas em duas horas de entre o pessoal da guarnição da metralhadora, demandando todo êste serviço metuculoso cuidado.

Estas disposições tinham em vista evitar surpresas do inimigo, que poderia aproveitar-se do terreno não batido rente ao parapeito, e assaltar a metralhadora não precavida, caso anteriormente succedido aos ingleses e por êles narrado, e que se tornava menos possivel com estas disposições.

Para que este serviço decorresse com perfeita regularidade, como demandava muita fôrça moral e resistencia física, tornava-se necessário exercer sobre êle muita vigilancia e assistencia, o que se obtinha por meio de rondas, e se completava com uma refeição extra de café quente, bolacha e rhum pelo frio da meia noite.

Tivemos bem a prova de que o nosso soldado, com a sua grande alma e sobriedade, é de facilima adaptação aos maiores perigos e desconfortos, e

tudo cumpre e afronta com a maxima exatidão, não necessitando de incitamento, nem mesmo daquele de que o francês, dispunha ao ver a sua Terra invadida e devastada num máximo de horror. Bastava um pouco de exemplo e presença dos seus superiores para lhes incutir ânimo forte e absoluto desprezo pelo perigo, pelas intemperies provenientes quer do inimigo quer da natureza.

Por uma noite muito escura e frigidissima, na tarefa costumada depois da meia noite, saímos do abrigo do comando da 11.^a companhia do B. I. 4 a fazer a nossa ronda.

A noite estava escura como breu; foi-nos necessário esperar cêrca de 1/4 de hora pela acomodação da vista á escuridão, para enfim enxergarmos, curvando-nos, o rasto da passadeira, que fomos seguindo, ora tropeçando ora escorregando, e quem escorrega tambem cai..., auxiliados pelo facho duma lâmpada electrica oculto pela mão que mal deixava coar luz à cautela contra a descoberta inimiga, e por algum Very-light, que se com o seu intenso clarão ajudava a marcha ao abrigo da trincheira, tambem nos fazia immobilizar e encolher quando a descoberto, pelo receio de sermos vistos, fazendo-nos buscar atitudes de D. Tancredo, procurando confundirmo-nos com os troncos quebrados das arvores, alem de que deslumbrando-nos com o seu brilho, nos diminuia a escassa visão; sendo de recomendar não os encarar para evitarmos perda de tempo em nova adaptação de vista.

Depois de muito caminhar, parámos na volta do último zig-zag do aproche que conduzia ao Posto n.º 2, em obediência ao surdo «Quem vem lá?», «Faça alto!, duma sentinela dobrada a que se seguiu o cauteloso reconhecimento.

Mal se divisavam aqui e ali os vultos imóveis dos homens do posto, ou de pé apoiados aos sacos de terra, ou acorados, ou assentados, segundo a altura da banquetta, vigilantes, armas aperçadas, apurando o ouvido na impossibilidade de ver, que o escuro era tal que não permitia sequer distinguirmo-nos pelas feições.

O posto era comandado por um 2.^o sargento, e tinha sentinelas vigiando a frente, os flancos e a rectaguarda; o seu isolamento era tal que poderia ser envolvido, o que já não seria caso virgem nêsse local, segundo as narrativas dos ingleses ao fazerem-nos presente dêsses belos postos.

A guarnição constava duma secção de metralhadoras Lewis, alguns granadeiros e atiradores.

Faltava-nos visitar a metralhadora colocada na Terra de Ninguem, parte mais util da ronda na missão de consolidar a força moral dos 2 homens que a manobravam, por ser a parte mais espinhosa e melindrosa no funcionamento do posto.

A visita dum superior quando nos encontravamos em situação difficil, levava-nos, só com a sua presença, um grande conforto ao nosso isolamento e às nossas preocupações, incutindo-nos sempre alma nova; além de que também era utilíssima ao prestígio dêsse superior, que se apoderava da nossa admiração e affecto, marcando sempre fundo na nossa sensibilidade, presa duma vibratili-dade extrema devida às circunstâncias escabrosas da nossa situação, por vir até nós partilhar dos mesmos perigos e contingências.

Ora, eram êstes dois fins que nós almejavamos com a nossa insistência, sobretudo o primeiro, por contribuirem por forma inestimável para a consolidação da solidariedade entre os homens da nossa companhia.

Trepámos á banquetta junto à sentinela ao parrapeito, e iniciamos a escalada para sair guiando-nos pela corda de ligação, quando a sentinela percebendo o nosso propósito, nos preveniu em sobresalto de que esse ponto estava sendo batido intermitentemente por uma metralhadora boche.

A confirmação ao seu aviso foi tão consecutiva, que talvez o atraso no nosso movimento de trepar produzido pelo momento de atenção que prestamos às suas palavras, tivesse sido o bastante para que essa sua prevenção desse o resultado de evitar que o crepitar e os silvos de várias balas que ouvimos passar por sobre a cabeça, tão nitidos que semelhavam beijos, fôsem sentidos e não ouvidos sómente...

Por prudência, que o seguro morreu de velho, escolhemos um ponto próximo mais abrigado e próprio para a passagem á Terra de Ninguém, e lá nos rebolámos talude abaixo até cair ao pé dos 2 amigos que muito acassapados se cosiam sobre a serapilheira encharcada, apenas ao abrigo duma dubia dobra de terreno.

Falando ao ouvido do que nos ficava mais próximo, êle transmitiu ao companheiro quem era o visitante: «E' o nosso capitão». Nestas palavras de identificação notei um certo tom de carinho que também me consolou.

Cumprida a tarefa que consistia não só em assegurarmo-nos da boa instalação da metralhadora, mas também em levar-lhes ânimo; quizemos profundar o desconhecido, e seguimos àvante, cautelosamente pela Terra de Ninguém, sentindo os efluvios do misterio, o vácuo da escuridão; tropeçámos num emaranhado de arame farpado; mais adiante enxergámos junto à cara outro arame que se atravessava como a dizer-nos, retrocedei...;

obedecemos, pois de novo se ouviam os sibilos da metralhadora alemã que tamborilava muito próximo.

Voltámos pelos 2 soldados e reentrámos na nossa trincheira, onde a ordenança já estranhava a demora. Nós não sentimos passar o tempo; nem sempre é o tempo bem passado o que passa mais depressa...

De regresso ao abrigo, pelas 3 horas da madrugada, com a vantagem de bem aquecidos de corpo e alma, pelo exercício e pelo dever cumprido, não pudémos fugir a filosofar sôbre a enormidade a que monta o soldado português no despreendimento pelo perigo, e na assombrosa simplicidade que mantem na grandeza dos seus actos.

XI

Rendição do serviço — Entrada nas trincheiras

Dentre as variadas rendições que o B. I. 4. executou em diversos pontos dos Fronts portuguezes e inglés, ocorre-me tomar para modelo aquella em que á 11.^a companhia foi dada alternativa, com inteira responsabilidade dos seus actos na manutenção da zona do Sector de Fleurbaix que foi confiada á sua defeza em meados de Novembro de 1917.

De vespera efectuamos o reconhecimento dessa zona, familiarizando-nos com ella directamente, e pela planta que nos deu coordenadas de varios pontos principais, tomando nota das disposições a adoptar pela companhia, herdadas da companhia inglesa a render e transmitidas pelo seu commandante, número de postos, abrigos para pessoal, cosinhas, abastecimentos de agua, munições, viveres e respectivos locais, postos de observação e escuta, ligações, etc.

Era já ao entardecer, formara a companhia em

obediencia ás ordens recebidas do Comando do Batalhão, e deramos-lhe a disposição mais adequada ás indicações obtidas no reconhecimento, prontos a marchar na frente os grupos que constituiriam os postos da 1.^a linha, e seguindo-se na coluna os diversos elementos, segundo a sua prioridade relativa á frente.

Iniciou-se a marcha escalonando as fracções em profundidade, a distancias de 100^m entre os pelotões; as mascaras em posição de «gaz alerta».

Alcaçamos o local onde nos esperavam os guias ingleses, que iam sendo distribuidos á medida que chegavam as fracções a que eram destinados, proseguindo silenciosamente, evitando fumar, o tenido do armamento, e tudo o que pudesse contribuir para que fossemos presentidos pelo inimigo, que certamente manifestaria o maior prazer em estorvar-nos no serviço, por forma a termos de deixar os moldes regulamentares e a alterar os planos preestabelecidos...

Durante a rendição apenas estoiraram alguns morteiros de ligeiro porte e vulto que não causaram damno, contribuindo mesmo para lembrar a todos a necessidade do maximo silencio na tarefa a concluir.

A' medida que nos íamos embrenhando no dedalo das trincheiras, algumas fracções divergiam pelos ramais que permitiam condução mais directa aos seus destinos.

Algum tempo decorrido, o bastante para a rendição de sentinelas e entrega de depositos de material e munições, em que abundava a mimica e os «come-on» á falta de interprete, começou o escoamento dos ingleses rendidos, por igual silencioso.

No abrigo do comando da companhia, depois das amabilidades do estilo, tais como a oferta de

cigarros dos da caixa habitualmente aberta sobre a mesa; um pouco de whisky e soda ou água do pote, digo da fonte; a troca de algumas palavras em geral algo escassas, conforme ao grau de conhecimento do idioma inglês; a entrega de alguns livros, material e telefone; após um vigoroso shake-hands e até por vezes um abraço de camaradas de combate, pois que dentre os ingleses nas 1.^{as} linhas, na familiaridade inerente á identidade de funções e trabalhos, escolhiam-se vários amabilíssimos e até muito comunicativos, talvez por saberem que a união faz a força. Depois desta despedida seguida ao tomar da posse, e de terminada a recepção do material e munições pelo 1.^o sargento, seguiu o bota fóra como na vida normal entre pessoas de educação, acompanhando o «Captain» rendido até ao começo da trincheira de comunicação que conduzia ao Comando do Batalhão.

Nesta altura um lieutenant, rapaz de 20 anos, do País de Galles, quebrou a monotonia da cerimónia, pondo-nos as mãos sôbre os ombros, e a dar saltos de contente dizia que enquanto nós ficavamos ali naquela massada, ele ia gozar e ver as demoiselles.

Assim terminou a rendição.

Esta nota alegre do alferes de Galles, faz-nos ocorrer outra mais incisiva, de um alferes, mas da nossa companhia e português de lei, o David Netto, que numa noite dessas muito escura e frígida, de serviço áspero, comandando o posto n.^o 2 da 1.^a linha, nessa mesma zona do Sector de Fleurbaix, tendo sido visitado pelo comandante do Batalhão inglês em que a nossa companhia estava enquadrada, visita em que o dito comandante, acompanhado de ajudante e oficiais, punha toda a solenidade de que os ingleses são capazes; à des-

pedida, em meio das atitudes sérias à ingleza, coadunadas com a situação, o nosso Netto, pouco disposto a scenas protocolares, dando uma palmada no rabo do que lhe ficava mais à mão, disse em voz que chegasse para todos «good luck, good luck...», boa sorte, boa sorte...

Esta tirada deu no goto por muito tempo aos oficiais ingleses, que a contavam como de bom espirito pelas circunstâncias em que foi proferida, dando a nota da forma como aos portuguezes era dado encarar o perigo de ânimo jocoso.

Ainda ao lembrar-me do mesmo alferes do Paiz de Galles, região de raça apurada entre ingleses e a que êle pertencia com vaidade, associe-lhe o seguinte, passado comigo num dos dias que levei em reconhecimento antes de entrar com a companhia: A' saída do abrigo do comando da companhia deparei com êle e com outro oficial inglês que se divertiam em exercícios com os seus revólvers da ordenança, uns revolvers enormes, mais avantajados que o nosso antigo Abadie, e como êle de inferiores qualidades balísticas. Alvejavam uma lata vasia de «confiture» posta a pequena distância. Assisti a vários tiros que nem fizeram êstremecer a lata invulnerável.

Saquei da minha Savage, e por sorte ao primeiro tiro a lata tombou.

Eles atribuíram a sua pouca destreza á inferioridade dos revolvers da ordenança inglesa; e um dêles em sinal de protesto lançou ao chão num arremeço as balas contidas no tambor do seu revolver, enterrando-as com os pés.

Manifestaram o desejo de que eu lhes offerecesse a minha pistola, ao que me escusei por ser tambem da nossa ordenança, e não poder dar o que não me pertencia.

Por sorte minha e dos credits da Savage, não foram examinar a lata que caíra ; e digo que caíra, porque depois dêles retirarem, eu quíz examinar os efeitos da bala da minha pistola, mas grande foi o meu espanto ao ver que na lata não havia vestigio algum de bala.

Caíra só com o susto... o que porém foi o bastante para inglês vêr...

XII

Rendição do serviço — Saída das trincheiras

Segundo o grau de desenfiamento das trincheiras de comunicação e das linhas de emergência, caminhos estudados em prêvios reconhecimentos como sendo os mais apropriados ao ingresso nas trincheiras na zona do Front ocupada, assim se estabelecia a hora de rendição, atendendo mais à comodidade ou á segurança.

Havia locais onde a rendição podia realizar-se a qualquer hora do dia; outros onde se buscava o escuro da noite, pelo entardecer ou antes do romper de alva.

Foi no Sector de Fleurbaix; aguardava-se o tombar da noite. A' medida que a hora se avizinhava, subia de ponto o aneio nas almas.

Demais, pouco antes, fôra a zona da companhia, toda ela, mimoseada com uma forte apalpada efectuada pela artilharia inimiga, divertindonos com o espectáculo mais ou menos próximo de

enormes explosões levantando colunas de terra e destrôços que subiam alto e tombavam com fracasso. Junto a nós num ronco enfurecido, rasando o parapeito, sulcando o plano de fogo e um dos flancos da cosinha próxima do comando da companhia, passou um projectil, que lá foi num furação, aos saltos colossais, espadanando terra pelos campos fóra, e derribando a cruz de madeira colocada com veneração numa das bastas sepulturas de camaradas ingleses enterrados onde morriam em combate, como se predestinados a combater perpetuamente. Por nossa boa sorte não explodira ao topar no parapeito, graças à humanitária espoleta.

Já noite escura chegavam as primeiras fracções do B. I. 17, que nos revesava nas trincheiras, e que seguiram a render os postos; outras e outras fracções deslisavam silenciosamente.

Já outras crusavam a sair, só diferindo nas fisionomias; que eram nuns as de quem ia para o inferno, e noutros as de quem de lá saía, deixando sempre alguns que não voltavam.

Tudo ia decorrendo bem e em socego; já o B. I. 17 entrara todo e ia em andamento o escoar do B. I. 4, quando mudou o aspecto da situação.

Grandes clarões a iluminar-nos os passos, grandes estampidos de granada e de morteiro a fazer-nos estugar o passo, mortinhos por não morrer ainda dessa vez nessa lotaria tremenda.

Percorriamos agora um ramal de trincheira perpendicular ao front, guarnecido de parapeito só dum lado e enfiado por uma metralhadora inimiga que nos obrigava a marchar cosidinhos ao parapeito para evitar sermos cosidos por ela. Iamos caminhando acompanhados pelo estribilho intermitente do sibilar das balas que perpassavam tão

rentes a nós que nos faziam exitar entre se seriam arrepios nossos se sopros delas. E, coisa esquisita, essas balas estalavam no ar como chicotadas sêcas, fazendo-nos encolher mais, parecendo que explodiam, lembrando a bala «dum-dum», suposição esta com que creio não difamar a Alemanha pela sua falta de respeito perante as Convenções de Genebra, visto que mais tarde eu próprio vi soldados boches armados de baioneta de gume serrilhado, instrumento de tortura por igual reprovado em convenções internacionais, instrumento de carnagem digno de ser usado por gente sanguinária que se regosija em matar, e despreza como utópico o principio que a civilização visa, buscando restringir o poder mortifero dos armamentos ao limite necessário para pôr homens fóra de combate, principio já de si sangrento inevitavelmente, porém repudiando o instinto de ferocidade.

Mas, bem evidente ficou, e ainda na pax estamos vendo a forma como a Alemanha busca desvirtuar os tratados que referanda...

Felizmente o bombardeamento proximo que parecia visar qualquer suposta rendição, não incidia sobre o nosso caminho, avassalando mais a Oeste.

A' medida que nos afastavamos das trincheiras ia-se notando nas fisionomias o regosijo, ia esquecendo a fadiga dos dias passados, e activavamos a marcha franca pela estrada ampla para chegarmos a Sally-sur-la Lys, largar a jugulação do equipamento, depôr o armamento mal que limpo, para estender o corpo, esquecer o inimigo, desoprimir o espirito, distender os nervos, dormir, sonhar...

A' medida que as fracções da companhia iam alcançando o terminus da marcha, seguiam a ocupar os alojamentos que lhes eram destinados nos

celeiros vãos das fermes, alguns bastante confortáveis com as suas coberturas de colmo espesso, outros terrivelmente esqueleticos e esfuracados pela acção do tempo, pondo bem á prova a resistencia e a sobriedade incomparavel do soldado portuguez nessas paragens frigidissimas e pouco hospitaleiras.

Tambem era mistér montar o serviço da cozinha, para o que previamente partira das trincheiras a secção de quartéis.

Já lá estavam instalados os rancheiros na cozinha sem modelo ; numa de milhares delas por onde arrastaram o seu mil vezes heroico, habilissimo e utilissimo trabalho cheio de sacrificios de toda a especie ; se nas trincheiras, encafuados em abrigos enterrados, asfixiando pelo fumo por falta de ventilação ; se á flôr do sólo, operando milagres na confecção dos ranchos cosinhados em fogo sem fumo, porque ao menór fio de fumo que se escoasse durante o dia, ou à mais tenue luz que surgisse pela noite, que não escapasse á observação inimiga, era certa a morteirada se lhe estivesse ao alcance ; senão, era divertimento para a artilheria que não se poupava ao pratinho de ver dançar os rancheiros, ferindo-os, matando-os, ou pelo menos obrigando-os a abandonar as panélas, e a entornar-lhas, deixando-nos sem alimentos, o que alem de constituir uma desfeita, vinha deixar-nos, senão fóra de combate, ao menos com a barriga vazia e a dar horas até que chegasse a refeição seguinte, o que contribuia pesadamente para o nosso depauperamento físico.

Era pois habilissimo o seu trabalho nas cozinhas desprovidas de chaminé e infumigeras, visando ao mesmo fim das polvóras sem fumo dificultando a referenciação das linhas de atiradores e

das baterias, como elas ocultando as baterias de cosinha com não menos interesse e utilidade.

Gravei no meu espírito um bem radicado preito de admiração pelos meus rancheiros, na sua espinhosa missão em campanha, cheia de perigos e sempre repleta dum trabalho insano e permanente. Considerei-os merecedores da Cruz de Guerra, mesmo quando essa condecoração tinha significação menos ampla.

Em Sailly-sur-la-Lys a cosinha era num canto dum espaçoso alpendre de muito pé direito; certamente uma das mais cómodas e luxuosas que os nossos rancheiros experimentaram em França. O francês, dono do alpendre, um bom velhote, recomendou muito cuidado não fôsse incendiar-se o telhado da pseudo cosinha, o que lhe foi garantido com sucesso.

Estabelecida uma sentinela junto á cosinha, encarregada tambem de acordar os rancheiros e o corneteiro para tocar á alvorada, que ali a distância ao front permitia toques de corneta, terminou assim sem maior precalço, mais uma saída periódica das trincheiras.

XIII

Altruismo de bom camarada

Havia no nosso Batalhão, como em todos, um oficial de metralhadoras Lewis. O nosso era um rapaz cheio de dedicação pela sua missão, pundonoroso e de belas qualidades morais.

Sempre que o Batalhão dava entrada num subsector das trincheiras, eram certas e frequentes as suas visitas ás companhias em 1.^a linha, empenhado no estudo metuculoso do seu plano de instalação das metralhadoras, suas posições, zonas a bater referenciando-lhes os limites, alças a empregar, croquis da instalação, etc.

Um dia aconteceu que um seu camarada, subalterno numa das companhias, quando rondava os postos da 1.^a linha na zona da sua companhia, ao abrigar-se duma rajada de metralhadora inimiga, caiu desastadamente, ferindo-se bastante na cara e ficando contuso pelo corpo. Sentindo-se doente em resultado da queda, lastimava não se sentir

com forças para desempenhar o serviço de comando dum posto na 1.^a linha, que lhe pertencia essa noite, mas não dava parte de doente por não haver quem o rendesse.

O alferes Sousa das metralhadoras, ao ter conhecimento do que sucedera ac camarada e do seu estado combalido, não se escudando com as prerogativas do seu cargo que o isentavam de serviço nas companhias, ofereceu-se para o substituir durante a noite no comando do posto da 1.^a linha, proporcionando assim em tal conjuntura ao seu irmão de armas, a prespectiva duma noite de descanso relativo ao seu fisico alquebrado.

Acção nobilitante para si, e de conforto para a força moral dos portuguezes sedenta de bons exemplos e de impulsos de nobresa numa atmosfera cheia de egoismos.

Tendo desempenhado o comando do posto, recolheu no dia seguinte ao Comando do Batalhão, certamente com o espirito consolado e o coração repleto da pureza da sua acção, sendo êsse balsamo dimanado da sua consciêcia exacta, a melhor e mais perfeita recompensa para o seu altruismo.

Foi bem fértil para nós a guerra em coisas espantosas ; pôz-nos bem a féra humana em evidência, na torpeza enfatuada e no egoismo em toda a nudez.

Mas a vasa moral não foi tanta que a putrefacção dos cadaveres nos desse a nota de emanar perfumes.

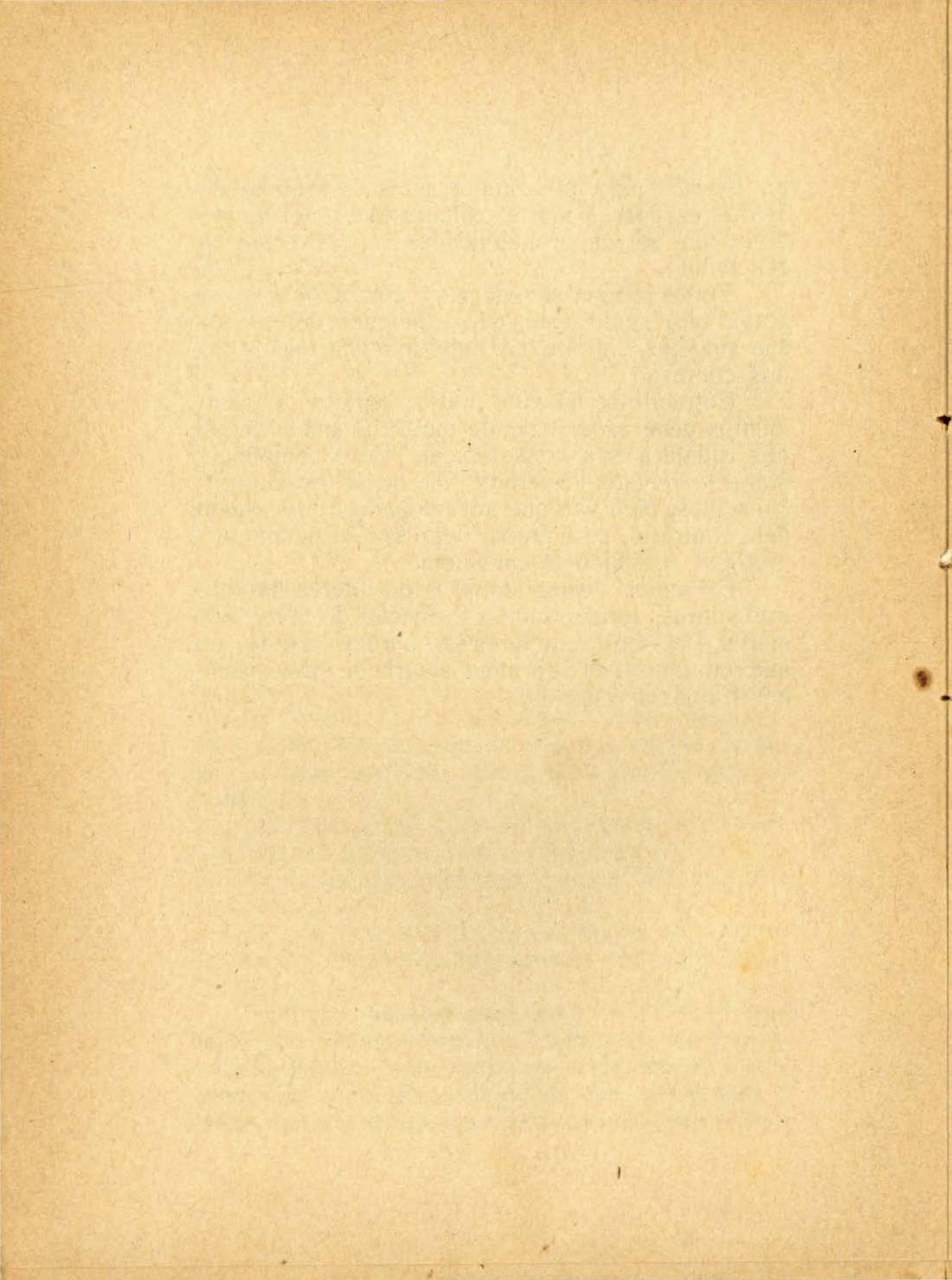
Ninguém ousaria por certo censurar a sua bela acção de ter oferecido o seu préstimo ao camarada doente, reprovando-lhe a abnegação e impondo-lhe o egoismo comodista que conservava o corpo mas destruia o character, que mandava a cada

um guardar para si a maior soma de probabilidades de escapar à morte, cálculo êsse que, na verdade, por ser de probabilidades, por diversas vezes falha.

Todos à uma se enebriam com a nobreza de actos tais como êste, que a ninguem férem e na sua singeleza abrem caminho à solidariedade que nos conforta.

Entrando-se na vida prática replêto de sentimentos generosos, depende muito do ambiente que nos rodeia a sua consolidação. Se a compleição moral é resistente perante os maus exemplos e conselhos, bem vai, que só amolgam e precaveem; pelo contrário, se é fraca, depressa se acomoda e inutiliza, tornando-se calculista.

Exemplos dêstes como o do alferes das metralhadoras, tornam fácil a formação de bons caracteres e de taes caracteres são o fructo, dando, aos que rodeiam quem os pratica, alegria de viver mesmo nos trabalhos e perigos.



XIV

Um belo episódio

(Dezembro de 1917)

No sector de Fleurbaix, a linha principal de defesa era na 2.^a linha, sendo a 1.^a apenas guardada por postos isolados, a uns 500^m à frente daquela, e com intervalos de extensão igual.

Estes postos durante a noite estavam em extremo sujeitos a um golpe de mão inimigo.

Os ingleses, que poucos dias antes haviam entregue á nossa defesa êste sector, deixaram-nos a história do local, narrando que já por duas vezes sucedera que 2 dêsses postos, em noites passadas, haviam sido cercados e apisionados pelos alemães que introduziam patrulhas pelos intervalos amplos, pela escuridão da noite, metendo assim o posto visado entre dois fogos, servindo-se de sinais lançados por meio de pistolas apropriadas como as de very lights, a fim de prepararem a armadilha.

O posto e os seus, ignorando o estratagema e contando sómente serem atacados de frente, con-

fusos, e apercebendo-se em apertado cêrco, facilmente desmoralizados pela surpresa, tornavam-se facil presa, tanto mais que a 2.^a linha desprecauida, quando acorria em socorro, já chegava tardiamente, limitando-se a restabelecer o posto esvasiado qual calix de aperitivo.

Afim de evitarmos estas desfeitas, e a procurar virar o feitiço, eram os intervalos entre os postos da 1.^a linha religiosamente observados durante o dia por patrulhas e rondas de oficial e sargento; e de noite reforçava-se a guarnição dêsses postos, tendo as vedetas ordens expressas para disparar a qualquer ruido por mais subtil, sendo defeso percorrer êsses intervalos, tanto mais que a trincheira da 1.^a linha estava em completa ruina por efeito das granadas e morteiros inimigos; estando preparada e inçada de obstáculos para embaraçar o passo e provocar ruidos, tais como rêdes de arame farpado, emaranhados de arame solto e fixo, grandes folhas de chapa metálica dispostas por forma a vibrar á menor pressão produzindo ruidos de alarme, pedaços de passadeira postos em falso, covas profundas cheias de agua; e á mistura, um ou outro cruzeiro das sepulturas de combatentes derrubados, como a indicar ao atrevido o fim que o espera.

O ingresso nos postos durante a noite, só se fazia pelas trincheiras de comunicação, e mesmo nestas o serviço era meticoloso, só podendo aproximar-se quem o reconhecimento permitisse.

Nas origens dessas trincheiras, perto dos cruzamentos com a 2.^a linha, e a cargo de postos ahi colocados, estavam montadas armadilhas, que de noite se armavam e eram accionadas por meio dum forte cabo, que ao soltar-se as fechava pela descida

duma portada de rede que enjaulava o espia que se aventurasse, como se fosse um animal bravo.

Foi victima do rigor destas instruções um soldado inglês da guarnição do Posto n.º 1, que tendo-se afastado um pouco do Posto, com conhecimento do vigia, em satisfação de qualquer necessidade demorada, deu tempo a que aquele fôsse rendido, sendo alvejado pelo novo vigia que ignorando o seu afastamento o tomou por inimigo matando-o instantaneamente.

Foi isto nas vesperas de tomarmos esta zona á nossa responsabilidade, quando eu ali estava em reconhecimento; vi-o inanimado sobre uma maca, e foi designado pelo comando da companhia inglesa, como na coisa mais frivola, com um simples «killed accidentally»...

Em meados de Dezembro de 1917 foi entregue á defeza e vigilancia da 11.ª Companhia do B. I. 4, essa zona do Sector de Fleurbaix.

Ao romper de alva dum desses dias, ao findar o «a postos», o official de ronda, alferes David Netto, percorria o intervalo dos 2 postos da 1.ª linha, quando a meio dêle descobriu uma cabeça que espreitava por cima das ruinas dum travez, cabeça essa coberta com um bonet alemão, e que em breve se ocultava. Bradou-lhe a exigir a sua sahida do esconderijo, e como não fosse obdecido, disparou a pistola, serviu-se da espingarda da ordenança, persistindo o alemão em ocultar-se.

Mandou a ordenança em busca de granadas de mão, e ao regressar a ordenança lançou uma na direcção, que ao explodir obrigou a mostrar-se e a entregar-se um official alemão, de braços no ar, exprimindo-se em francez correcto, declarando estar só.

O nosso alferes presentindo cilada não acredi-

tou, e na mesma lingua exigiu a saída da toca aos demais membros da patrulha inimiga, que sob a ameaça das granadas de mão se resolveram a sair, depondo no chão os seus armamentos em obediência á intimação.

Era a patrulha inimiga constituída por um tenente, um sargento e 6 soldados escolhidos, 2 dos quais e o oficial, condecorados com Cruz de ferro.

Da colisão ficou o sargento alemão gravemente ferido, motivo que os impeliu a entregarem-se mais depressa...

Avisados por um soldado do posto proximo e reunidos alguns soldados, acorremos pela tricheira de comunicação, indo esbarrar numa volta desta, com um enorme official alemão, a perfilar-se e a fazer a continencia, seguido da enfiada dos prisioneiros, a cuja cauda lobrigámos o olhar vivo e brilhante, a cara energica do alferes da ronda conduzindo a sua presa, não podendo esquivarmo-nos a aperta-lo num forte abraço.

Foi de extremo valor a sua proêza de 2 contra 8, pois que numa area de 200.^m em volta do local onde foi praticada, não haveria ninguem que o auxiliasse em caso de insucesso.

O sargento ferido foi rapidamente transportado pelos nossos maqueiros ao posto de socorros; no percurso, uns soldados inglêses que trabalhavam na linha Decouville, aproximaram-se da maca a chamarem-lhe «dog», e ameaçando-o com um maço bate-estacas, não consentindo os nossos a prática de tamanha barbaridade. Foi pensado pelo médico de serviço no B. I. 4 succumbindo pouco depois á gravidade dos ferimentos.

Ao official e aos soldados, que estavam cobertos de crostas de lama, sobretudo nos joelhos e nos cotovelos, provenientes da marcha rastejante, ofe-

recemos café e cigarros para aquecerem pois tremiam a olhos vistos...

Perguntando ao oficial se tinha frio, respondeu afirmativamente. O fremito que os agitava era de frio, sim, mas daquele que só ataca nas situações bicudas...

Na pequena demora em arrolar os espolios de material de guerra apreendido, que constava de 6 espingardas Mauser, uma pistola Parabellum, 12 granadas de mão, um punhal de oficial, (que os oficiais, em obediência á «kultur» e á sua ordenança, usavam punhal, e muitos soldados baioneta de gume serrilhado, como eu observei), muitos carregadores Mauser, 3 pistolões de sinais luminosos, etc., fiz varias perguntas ao oficial alemão; porem quando abordei qual o objectivo a que visava a sua patrulha, retraiu-se, e cerimoniosamente e com que diplomacia! . . . perguntou-me «Etes vous officier? Moi aussi. . .» recolhendo a completo mutismo, como a fazer sentir que lhe impedia o dever de nada divulgar, de não traír os seus.

Postos a caminho para o Batalhão e para a Brigada, escoltados pelo alferes e sua ordenança, e alguns soldados, foi a escolta no trajecto muito festejada pela população francesa.

O oficial alemão ao conhecer as condições em que fôra feito prisioneiro, apenas por 2 homens numa zona deserta, dissera admirar Portugal porque sendo um País tão pequeno, não obstante possuía homens capazes de praticar feitos como o de que fôra victima. Apenas 2 homens, sabendo-se isolados, terem decisão para aprisionar 8 escolhidos, sendo 3 cruz de ferro, a mais alta distincção por actos relevantes.

Pedi o nome ao alferes Netto, caso a nossa ordenança a isso se não opuzesse, para o reter na

memória e consagrar na sua admiração ; e lá o foi soletrando para bem o fixar...

E desta vêz verificou-se ter falhado o plano ao inimigo, que no mesmo local, contra os ingleses, tão bons resultados colhera.

Durante a noite seguinte, na paz mais profunda, não fossem molestar a sua patrulha, assistimos a um simulacro de arraial á moda da nossa Terra, com fôgo de artificio muito variado em sinais luminosos de varios feitios, e um aeroplano tambem a deitar estrelinhas, tal era o conjuncto de sinais preparados para o assalto ao nosso posto n.º 2. A'medida que ia tardando a resposta aos sinais, para o que a patrulha apresada vinha munida de pistolões, iam notando crescer no inimigo a preocupação e o aneio pela sua sorte, o que se advinhava na precipitação e abundancia de sinais, e nas estrelinhas do aeroplano que por fim já pareciam lagrimas...

Só passados 2 dias se convenceram de que a patrulha não voltaria ; a raiva do desaire cresceu-lhes no coração, semeando-nos de granadas, valendo-nos as fracas pontarias transtornadas pelo seu desespero.

O sector de Fleurbaix havia-nos sido entregue em consequencia da dilatação da nossa frente, com a entrada da 2.ª Divisão nas trincheiras. Como porém após curto espaço, inferior a 1 mês, a nossa frente fôsse diminuida, foi de novo entregue aos inglêses esse sector, pelo que os prisioneiros alemães feitos pela 11.ª Companhia do B. I. 4, tiveram para êles um valor inestimavel por lhes permitirem a identificação das tropas inimigas situadas em face, que se ficou sabendo pertencerem a regimentos bavaros ; identificação que anteriormente os inglêses ainda não tinham conseguido efectivar.

Como prova de alto apreço, condecoraram o

alferes e a ordenança com a Cruz de guerra inglesa «Military Cross», sendo também recompensados pelo C. E. P. com Cruz de Guerra 3.ª classe, e promoção por distinção ao posto imediato.

Ainda a título de curiosidade vale a pena narrar a impressão manifestada pelos soldados alemães ao verem um pedaço do nosso pão branco. Diziam só tê-lo visto identico antes da guerra.

Um pedaço de pão de guerra alemão, marcado com um K (kriegs-guerra), que o oficial tinha na algibeira e nos mostrou ao formar-se o espolio, e a que dava o pomposo nome de «mon Biscuit», era muito mais negro que o nosso pão centeio, e de desagradavel aspecto.

Mais tarde, pelo 9 de Abril, os que de entre nós ficaram prisioneiros, tiveram muito tempo de sobra para avaliar quanto êsse pão amargava; e como então reconhecemos, porem com fundada razão, a isso obrigados pela fome permanente e pela cada vez mais escassa ração que nos proporcionavam, como lhe podia ser applicavel com propriedade, a designação de Biscuit, ou antes a de «um figo». Mas não por êles, que como prisioneiros tiveram sempre ração farta.

No dia seguinte fui chamado ao Comando da Brigada, para rectificação do relatório sobre o feito da patrulha.

Fiz-me acompanhar pelo valente soldado ordenança, que fôra o companheiro de gloria do alferes Netto.

A caminho da 5.ª B. I., ao passar pelo Comando do nosso Batalhão, o Comandante, Snr. Tenente Coronel Sande Lemos, sahiu-nos ao caminho a abraçar-me, querendo assim manifestar o seu agrado pelo recente acontecimento na minha companhia.

Sentindo-me porem, embora desvanecido, como

que auctor de furto da manifestação do comandante perante um dos directos auctores da façanha, o soldado ordenança que proximo estava, indiquei-lho como o merecedor da honra que eu recebera; e êle então chamou-o a si e estreitou-o ao peito.

Pena é que estes galardões expressos em abraços, não nos ficassem em marca indelevel sobre as fardas, tal como se nos gravaram na memória e no coração, como premio ao Dever cumprido.

Estes bocadinhos de carinho que caem sobre nós, se bem que mal merecidos, escudam-nos contra os maus encontros e repelões que soffremos de outras vezes e de outros, sem que justiça hajam.

XV

Tenente Manuel Fernandes de Oliveira

(Morto com o tenente aviador Ulisses Alves num desastre
de aviação em Sintra, 14-10-922).

Publicado no *Diario de Noticias* de 20/10/1922:
Snr. Redactor: — O *Diario de Noticias* de 15
do corrente, na descrição do terrível desastre de
Sintra, recordou que o tenente de infantaria Manuel
Fernandes de Oliveira pertencia a Infantaria 4 na
Batalha de La-Lys.

Efectivamente prestou serviço em Infantaria 4,
mas foi na noite 4/5 de Março do mesmo ano (1918):

Como tivessem adoecido repentinamente dois
oficiais d'aquela Batalhão, o malogrado tenente
Oliveira, que pertencia ao B. I. 17, recebeu ordem
para se apresentar ali provisoriamente afim de preen-
cher aquela falta.

Sucedeu porem que os dois officas, que tinham
sido intoxicados com acido carbonico, breve se
reanimaram, e, briosos como eram não quizeram ser
substituidos.

Foi então que o tenente Oliveira pôz á prova o seu alto espirito de abnegação e camaradagem.

Ao receber a contra ordem, mostrou-se tão descontente por não serem utilizados os seus serviços, reiterou tanto o seu desejo de ficar até ao completo restabelecimento dos seus camaradas, que acabou por ser atendido.

Eu, que isto presenciei, rendo-lhe o preito da minha admiração, porque é em situações semelhantes que não fica em dúvida a verdadeira nobreza de sentimentos.

Ainda o estou vendo, prisioneiro de guerra na Alemanha, no Campo de Breesen, por uma manhã gelada de Novembro, passar em frente da minha barraca, esfregando as mãos, pescoço encolhido, mirrado pela fome, os calções esfarrapados, sem meias, tornozelos ao léu, rastejando pela neve umas sandalias de seu fabrico feitas de dois pedaços de tabôa ligados por umas fitas de ourelo a cingir os peitos dos pés !...

Agradecendo a publicação destas recordações, subscrevo-me de V.^a S.^a etc.

(a) *Francisco José de Barros, major*

XVI

No «9 de Abril» (1918)

Já iam decorridos 9 mezes de trabalhos e perigos em que andava embrenhado num esforço permanente o nosso Batalhão, 3.º de Infantaria 4, o B. I. 4; acorrentado ao Dever, á Disciplina e ao Brio, anelando pelo bom nome do Nosso Portugal.

Usofruíamos o relativo bem estar dum apoio ao Sector Ferme du Bois, adeante de Lacuture e Richeburg, na Rue des Chavates, estando as companhias dispersas por uns 3 kilometros; as 9.ª e 10.ª á direita, acantonadas nas escassas e arruinadas fermes até á estrada de La Bassée, a apoiar o B. I. 10 em 1.ª linha no Sub-Sector I; as 11.ª e 12.ª mais distanciadas ainda, para o flanco esquerdo, ocupando a primeira um reducto, posto Land's Down, e a segunda acantonada em casas fortificadas em Windy Corner, dando apoio ao B. I. 17 em 1.ª linha no Sub-Sector II. O restante Batalhão da 5.ª B. I., o B. I. 13, permanecia em reserva da Brigada, em Senechal Farm, 500.^m á frente de Lacuture.

No Comando do nosso Batalhão, instalado numa «ferme» bastante desfalcada pela acção do tempo e pelas refregas bastas e abundantes, e fustigada a miudo pelo granizo das balas crivando-a até aos reconditos, incrustando-lhe redondinhas de shrapnels nas portas das alcovas, dando de visu a noção da sua debil resistencia, e do fraco grau de segurança prestado aos seus habitantes ocasionais.

Aproveitando avara e avidamente êsses escasos momentos de socego que a sorte e a nossa estrela nos permitiam, confiados na vîgilância da sentinela aos gazes, dormiamos profundamente as nossas reduzidas horas de descanso sempre tão regateadas, normalizando os nossos membros lassos e os nossos nervos tensos; quando abruptamente, pelas 4 h. da manhã, sucedendo ao mais tenebroso silencio, irrompia um cataclismo de inumeras tempestades, em que milhares de canhões troavam e as explosões de miriades de granadas nos sacudiam os frageis corpos já meio aniquilados, desentorpecendo-nos com um pontapé formidavel, obrigando-nos a acordar e a agir.

Seria um frete vulgar? Um raid? Seria offensiva?!...

As rajadas e as barragens, não cessavam. Os telefonistas na cabine, vão de escada, auscultavam continuamente esperando ordens; mas as explosões ou o quer que fosse, já tudo desorganisavam e interrompiam, cortando as ligações, e as ordenanças não vinham atravez essa senda de morte semeada de armadilhas de malha tão estreita.

Seria uma simples represalia posta ao forte bombardeamento da vespera?

Era verdade que as sentinelas na 1.^a linha havia muito vinham ouvindo pelas noites fóra ruidos de material, rodar de camions, apitos de comboio

porem não transparecia que de tais sintomas se inferisse uma proxima offensiva.

Decorriam longos minutos, interminaveis horas; as rajadas sucediam-se, as barragens passavam em ondas pesadas; os nossos pobres ouvidos zumbiam em unisono com o silvar dos estilhaços das granadas.

Urgia actuar, tomar iniciativa.

Se guarnecessemos alguns dos fortes da Linha de Aldeias onde havia paiotes de viveres e munições, e que um pouco á nossa frente, já havia alguns dias permaneciam apenas guarnecidos de algumas metralhadoras pesadas?

Mas eramos tão poucos para tão bela empresa!

As companhias, distanciadas, não podiam ser distraidas da sua missão prescrita, e qualquer deslocação implicaria o abandono do local do comando.

Ficámos assim restritos a aguardar os acontecimentos, tomando posições com os fracos recursos próprios, para disparar contra o nevoeiro densissimo afim de desenervar, e sujeitos ao preceito sagrado de não abandonar os chefes nas occasiões criticas.

Seriam 8 horas, e o bombardeamento continuava sem a menor trégua.

Se por momentos abrandava, dando a impressão de ir cessar, resumindo-se numa forte represalia, logo recrudesca em novas rajadas e barragens, estilhaçando as casas, escavacando as arvores e dizimando os homens.

Já um médico do Batalhão estava em actividade na 10.^a companhia applicando pensos.

Agora açodado surgia um alferes da 12.^a companhia atacado de gazes, a reclamar socorro; contava que as 1.^{as} linhas, impotentes, cediam perante a força formidavel do numero e do material. Que

era a ofensiva... Entoxicado seguiu para a rectaguarda a receber socorros.

A nossa bateria de campanha cumpria a rigor, despejando sobre o campo inimigo continuamente e a curtas distancias.

Pelo campo de batalha, através da nevoa brumosa, já crepitava á doida a fusilaria e matraqueavam as metralhadoras no seu tom caracteristico.

Dois soldados do B. I. 10, mascarrados, sinistros, escorrendo em suor, com as mãos enclavinhas em granadas de mão descavilhadas, entravam de escantilhão, informando que o inimigo tendo destruído tudo com artilharia e morteiros, matando, ferindo e enterrando o Batalhão, tudo invadia com o peso de innumeras fôrças.

Saindo fóra do Comando a reconhecer os arredores, avistámos, destacando-se mal no novoeiro, a uns 80.^m pela rectaguarda do Comando, uma pequena força marchando ordenada através dos campos, para a qual apelámos a plenos pulmões ante- vendo um reforço; mas, após curta paragem provocada pelos nossos brados, seguiu para a nossa rectaguarda...

Só mais tarde conclui da sua attitude e pela direcção seguida, que aquella força que eu imaginava dos nossos pela silhueta dos homens munidos com os nossos chapéus de ferro, era uma patrulha inimiga em reconhecimento, disfarçada com os chapéus de ferro que tomára da nossa 1.^a linha.

Estavamos pois na eminencia de mil contingencias; era forçoso decidir da nossa situação em presença dos nossos poucos recursos, já em homens, já em munições que se consumiam a par das da nossa artilheria.

O alvítre para dispormos a nossa resistencia numa vala próxima e irmos recuando por lanços

ordenadas evitando sermos cercados e cair prisioneiros em meio da tormenta, não foi tomado, sempre coactos pela manutenção do local do comando; tanto mais que a nossa artilheria próxima estava impossibilitada de retirar pelos caminhos completamente cortados de funis de granadas, e continuava incansável a fazer fogo.

Seriam 11 horas e a situação ainda não mudara, quando foi notado que a artilheria inimiga alongava as suas trajectórias, sucedendo-lhe um intenso aumento na fusilaria.

Começavam a destacar-se os atacantes no nevoeiro pelo nosso flanco direito; quizeramos continuar a resistência, mas com que elementos?

Aos primeiros alemães que vimos nitidamente a uns 50 metros, já para a nossa rectaguarda, apontámos a espingarda com alguns escassos cartuchos que ainda possuíamos, mas era evidente a inutilidade de mais resistencia. O desespero da impotência fazia chorar de raiva. Restava a morte ou a prisão... Era inevitável!

O avanço inimigo havia-nos transposto em todos os sentidos num formigueiro incomensurável.

De olhos injectados, espingarda aperrada, baioneta em riste, espreitavam os nossos movimentos, ainda receiosos das surpresas do desespero.

E assim os vivos ficámos sem lei, reduzidos á miséria mais completa, passando a viver do favor inimigo, sujeitos á mais negra escravidão e ao cortejo sinistro da fome! E mais triste ainda, dentre nós um alferes da 11.ª companhia, de nome Sampaio, gravemente ferido na cabeça por estilhaço que lhe perfurara o capacete metálico, foi caminhando amparado aos companheiros até que foi morrer em qualquer inhospito hospital do cativoiro.



Prisioneiros, fomos conduzidos para a rectaguarda através das linhas inimigas que se sucediam, bendizendo a sorte dos mortos libertos que jaziam estendidos em atitudes enxovalhadas e em esgares terríveis de ranger de dentes, como a zombar da mesquinha acção do inimigo.

Este, meio assentado, as pernas enterradas, cabeça pendendo atrás, olhos abertos, vitrios, a bôca escancarada como a gargalhar. Ali, três a par, enfileirados, inteiros, junto ao funil da granada que os victimará, parecia irem numa marcha macabra obstinada. Aquele, cortado em dois, irreconhecível, simbolisando o Glorioso Soldado Desconhecido.

Os primeiros eram da minha querida companhia, toda de homens do sul de Portugal, toda de algarvios, tão bons, tão liais, tão resignados e valentes. Que de valores perdidos, braços abençoados nas lides do campo, simplicidade de crianças!

Cavadores da terra, abençoadas vidas que os egoismos arrastaram, roubando-lhes o alento em toda a pujanca no golpe duma bala; a êles cuja missão estava em começo, nos seus 20 anos, a missão sagrada dos que laboram a terra, regando-a com o seu suor!

Terminaram ali sem cumpri-la!

Jámais gotejaria suor seu a proliferar a terra mãe, pois que a sôfrega terra estranha lhes bebera o sangue!

A sua ausencia nota-se agora na própria terra da Patria, que fica esteril à mingua do seu hálito forte, transparecendo na escassês de tudo como causa primordial da carestia infinita das utilidades, sob a acção inevitável da lei da oferta e da procura.

Mas, admirável sacrificio, grandiosa a missão

em prol dos créditos da Pátria, Portugal, em que finalizaram.

Seguiu o nosso destino cheio de amargura, apenas a consola-lo o cicio brando de balas amigas que vinham de longe trazer-nos a loucura duma esperança de libertação, mas esperança tão tenue como eram tenues êsses sibilos, que ainda assim eram balsamo por sugerirem que ainda havia portuguezes a resistir.

Eram balas do B. I. 13 do Major Gustavo Pisara, que da Senechal Farm se acolhera a Lacouture e ali resistia com inglêses e com reforços do B. I. 15, até ao dia seguinte, 10 de Abril, em que tiveram a nossa sorte.

Pelo dedalo das trincheiras em grande parte rasoiradas pela metralha, ora transpondo-as, ora percorrendo-as, fomos levados a atravessar o que fôra a Terra de ninguém.

Um dos médicos do batalhão foi conduzido a pensar feridos de ambos os exercitos, num posto de secorros.

Num comando fomos experimentados com perguntas formuladas por um oficial alemão de bigodões grisalhos, falando um portuguez que adquirira no Brasil, mas que parecia limado na moderna educação, pois a todos tratava de «você».

Como tentasse informações sobre uma carta, ocorreu-me o que comigo se passara em melhores tempos e numa situação inversa da presente nesse momento, quando um subalterno da minha companhia, no Sector de Fleurbaix aprisionou um oficial alemão, que ao ser por mim ligeiramente interrogado, me falou com ar sacramental: Etes vous officier? Moi aussi! como a insinuar que como oficial seria traidor se dêsse informações contra os seus.

Apliquei ás suas perguntas este processo salutar, que surtiu efeito.

Numa atitude destrambelhada que não sei se atribuir a embriaguês de fumos alcoolicos festejando o sucesso, se a embriaguês de victoria, ripostou-me: você é um oficial inteligente...

Eu, que desde pequenino tentei alcançar tal conceito dos meus mestres, primeiro com medo á palmatoria, depois com medo ao zero e á rapoza, e nada conseguira..., foi bem como Cesar, embora vencido.

Respeitou-me a atitude, não insistindo, e fez-me a continencia em signal de assentimento.

Em tentativa identica, logo atraz das 1.^{as} linhas de atiradores, praticada por um comandante de regimento, fomos despedidos bruscamente por nada nos ser licito escorregar.

Aquele official dos interrogatorios teve chalaças para a Democracia em Portugal e em Inglaterra. Se eramos contra o Capitalismo, assuntos êsses escabrosos de tratar sobretudo em tão critica situação.

Tendo-nos pedido os papeis, ao ver dinheiro na minha carteira, perguntou-me: E' de você?

A' minha afirmativa retorquio com enfase: Eu sou alemão! Querendo insinuar que um alemão não rouba.

E seguiu á frásé o gesto de restituição, que eu aproveitei de bom grado. Dos papeis tambem nada aproveitou, pois eram apenas algumas cartas de familia, que a carta das trincheiras já eu inutilisara em pedaços nas voltas da trincheira.

Quanto á restituição de valores, de egual sorte não se gabam varios prisioneiros, entre os quais os Snrs. Tenente coronel Mardel, Major Xavier da Costa, Alferes Baptista, etc.

Ao primeiro, que comandara uma Brigada durante a batalha ficando muito ferido nas pernas, um médico alemão ao vê-lo, tirou-lhe as polainas, pondo-as a seu uso logo no dia seguinte, como o dono verificou; foi o pagamento da visita médica...

Um enfermeiro tomando o exemplo do legitimo superior, rouba-lhe o relógio de pulso chamando-lhe «suvenir de la guerre».

Em compensação um general adversário que o visitou, elogiou-lhe a resistência dos portugueses na batalha, significando-lhe que em idênticas circunstâncias as tropas alemãs não fariam melhor; manifestou-lhe toda a consideração e ofereceu-lhe um leito e melhor alojamento, o que foi rejeitado.

Ao segundo, Comandante do B. I. 29, coberto de glória e de ferimentos, com uma das mãos esmigalhada por um tiro á queima roupa, e inanimado devido a uma congestão que o acometeu ao ser novamente ferido, congestão de que ficou quasi cego, foi-lhe torpemente subtraído o seu dinheiro, não recuando perante o seu estado; despiram-lhe o fardamento e abandonaram-no enrolado num cobertor, tornando difícil a sua identificação.

Ao terceiro aproveitaram-lhes as botas, sendo ainda cavalheiros por lhe darem em troca umas botas velhas de um deles... Outros foram coagidos a transportar feridos, não lhes respeitando as patentes; e muitos outros casos edificantes, em abono da Kultur na sua brilhante perfectibilidade.

Mas, surge-nos outra compensação: Um oficial superior da artilheria pesada inimiga, de estatura meã mas bem encadernado num amplo capote, vem até nós com solemnidade, e a todos aberta a mão com calor em significado de leal adversário.

A artilheria que avançava, para vencer a difi-

culdade do terreno lamacento cobria o caminho com fachinas.

Foi em espionagem que êles mostráram maravilhoso engenho, e não nos livrámos de ser victimas do seu enredo, como prova o que segue:

Contou-nos um alferes da 10.^a Companhia, que na casa onde se alojava, das raras com habitantes, estava uma familia constituida por um velho, sua mulher e duas filhas, que, salvo êrro, deveriam ser francezes.

Na vespera do 9 de Abril, uma das demoiselles disera-lhe que sabia um segredo que era um grande acontecimento que estava para dar-se no dia seguinte, mais não querendo adeantar-se em confidências apezar da sua insistência.

Que não prestou maior atenção a essa conversa, porem no dia seguinte quando os alemães invadiram a região, viu o velho exhibir um papel que lhes mostrou, sendo por êles muito bem tratado, deixando-o em liberdade...

Então, relacionando os factos ficou convicto de que se tratava duma familia de espiões, e talvez que a essa gente não fosse estranho o corte immediato das nossas ligações telefónicas com os comandos, que sobre tudo em Chavattes foram interceptadas com rapidez e precisão demasiada para ser só efeito da artilheria inimiga.

E foi assim que, tendo-nos embalado o doce enlevo que a fortuna não deixa durar muito, produzido pela comunicação recebida das estações competentes, de que seríamos rendidos nesse dia por tropas inglêses, afim de termos o almejado descanso prolongado, reparador das forças alquebradas e dos nervos extenuados na tensão permanente das trincheiras, de que é modelo aquele soldado que pouco tempo antes, em noite escura, de senti-

nela ao parapeito da 1.^a linha, se deixou vencer pelo somno, ficando hirto, apenas amparado ao parapeito, esgotado num esforço sobrehumano em não esmorecer na vigilia, a quem o alferes Cabral ao passar de ronda, não conseguiu acordar nem com o estampido dum tiro de pistola junto aos ouvidos que mal lhe arrancou um gemido, continuando em somno profundo; foi assim que fomos empurrados para a negra fome do cativoiro.

Resta-nos a gloria de termos provocado tão formidavel consumo de munições de todas as armas e calibres, durante tantas horas successivas, o que patenteia que algum apreço os alemães deram á resistencia portugûesa.

XVII

Prisioneiros de Guerra

(9 de Abril de 1918)

E agora começa o nosso maior martirio, a morte lenta pela fome e pelas privações de toda a especie, lento definhar a cargo da alimentação scientifica da Kultur...

Quantas vezes em momentos lucidos, as lagrimas assomavam ao sentir o desalento e a infinita prolongação do cativo!

Se êles vencessem, o que nos reservaria o futuro..., a ajuizar pelo que nos iam mostrando em qualidades affectivas, de certo temperadas pela razão de se lembrarem de que tambem muitos dos seus eram prisioneiros, e terem receio que transpirassem entre os aliados as suas sevicias para conosco.

Se êles vencenssem, triste fim seria o nosso: bem o senti, pois crescia o seu rigor dando largas ao seu odio, se vislumbavam algumas vantagens no Front; vislumbres que felizmente se extinguiam, sal-

vando-nos, moderando o seu temperamento cruel e frio, sem humanidade, temendo o reverso da medalha.

O seu character, em meu juizo, é extremamente moldavel ás situações: Se teem os trunfos, torna-se modelar a sua arrogância e fria crueldade; exemplifica-o a resposta miseravel com que nos mimoseou o comandante do Campo de prisioneiros de Rastatt, velho coronel reformado que deveria ao menos respeitar a sua posição e idade. Ao nosso pedido para que nos dessem mais de comer que fosse suficiente para matar a fome, respondeu cnicamente que se quizessemos augmental-lo-hia com água...

A ferocidade das sentinelas perseguindo os prisioneiros, de baioneta armada, obrigando-os aos encontrões a recolher às barracas, sob pretexto de que lhes tinham feito caretas deitando a lingua de fora.

Já depois do armisticio, o seu tratar era outro mais macio, já nos pediam com sorrisos á mistura, cigarros e corned beef, dum presente que haviamos recebido dos inglêses, mantimentos que a estes já sobejavam ao serem repatriados.

Esta variedade de procedimentos dos alemães capacitou-me de que descem, quando perdidos, a extremos de sabujice e humilhação.

Se bem que houvesse excepções á regra: Assim, um dia um velho alemão, cabo quarteleiro, trocando impressões com um alferes prisioneiro, disse-lhe tristemente, que tinha um filho soldado no Front, do qual não recebia noticias havia muito tempo, talvez fosse morto ou prisioneiro.

Perguntando ao alferes se tinha fome, e por intenção ao filho, foi buscar um pão inteiro e dois óvos, oferecendo-lhos.

— «Dois óvos ! Manjar dos deuses !»

Quando entrei em Lille com muitos prisioneiros portuguezes e inglezes, a escolta, auxiliada por ciclistas da policia militar de Lille, não permitia a aproximação da população franceza, empregando brutalidades nesse serviço, empurrando, atropelando com as bicicletas, prendendo e distribuindo pontapés aos mais ousados.

Não obstante tais processos contra o povo francês, presenciei varios factos de extremo carinho e ousadia :

Uma mulher a chorar correu para mim, com a expressão do receio estampada no rosto, estendendo a mão a oferecer-me qualquer coisa que eu não via, tão pequena era ; recebi a oferta da sua mão tremula, e ví então um pedacito de pão negro tirado da sua minguada ração. Essa esmolinha, mostrou-me na grandeza do seu significado a miseria que oprimia a população franceza sob o jugo teutão, e significou-me á maravilha a miseravel condição a que desceramos como prisioneiros de guerra !

Outra franceza, tambem num momento de descuido dos guardas, passou-me meia duzia de barretes civis, dum talho semelhante ao das barretinas espanholas, mas sem pala ; eram para distribuir pelos camaradas. Ela bem sabia que nos seriam tirados os chapéus de ferro por serem material de guerra. Com um chapéu de ferro tentou um prisioneiro inglés escavar um tunel para fugir dum campo. Um official portuguez prisioneiro foi punido com três dias de calabouço por ser possuidor duma casquette franceza.

Uma senhora que por intermedio dum rapazito deu dinheiro aos nossos soldados, foram, ella e o rapazito, por esse motivo, ameaçados de prisão.

Uma menina, por oferecer um copo de cerveja a um oficial português sequioso em consequência da longa jornada, foi imediata e bruscamente presa, sendo lindo de vêr o aprumo e altivez com que seguiu para a policia alemã, saudada por longo murmúrio dos prisioneiros.

Muitos outros factos se deram como os que aponto, apesar da furiosa opposição dos alemães, recebendo muitos prisioneiros, cigarros, fósforos, pão, bolos, lapis e outros objectos, manifestando a população grande pezar por mais não poder dar, por tudo lhes faltar, devido ao miserrimo e rigoroso racionamento alemão.

Tudo isto admiravel e comovedor, atendendo á ferocidade dos guardas alemães, que buscavam cumprir a rigor o seu heroico papel.

Vi um dos guardas ciclista bater com a bicicleta violentamente contra uma mulher já velha, derubando-a, só por que não se afastara tão depressa quanto ele quizera.

Tambem tenho vincada na memória por forma indelevel, a impressão produzida pelo aspecto dum venerando ancião de grande barba branca, de casaca e chapéu alto, que com lagrimas correndo-lhe pelas faces e de chapéu na mão, nos saudava e brandava «à bas les barbares».

Valha porem a verdade, que a contrapôr ao procedimento do comandante do Campo de Rastatt, tivemos o do de Breesen, que vendo a nossa extrema miséria esquelética, nos cedeu uma boa porção de encomendas que tinha em depósito, pertencentes a prisioneiros romenos que haviam deixado êsse campo por terem terminado o cativoiro.

Mas lá vem a reforçar o mau conceito que faço do character alemão, a existência execranda do campo de represálias de Futshberg, onde aos

domingos não se comia porque o rancheiro alemão ia passear, ficando os estomagos dos míseros *gefangenen* a compartilhar do descanso semanal e a dar horas desde sabado até segunda feira.

Nesse campo as camas tinham as enxergas cheias com ramos secos de arvore, o que restava dos feixes verdes com que as encheram no principio da guerra, e a água de beber constava de dois ou três decilitros apenas diariamente, pois que a que nascia nêsse Campo pantanoso era tão amarela que pintava a roupa que com ela se lavava.

Ainda vale referir o exercicio desportivo de tiro ao alvo com que um graduado alemão divertiu os seus subordinados alvejando á pistola um prisioneiro, quando em 9 de Abril era conduzido para a rectaguarda, só devendo a vida á pouca destreza do larvado que ainda o atingiu bem num dedo duma das mãos, fazendo-lhe um ferimento que infectou e lhe proporcionou bastos sofrimentos.

No Campo de Rastatt, entre os varios nomes de generos com que enfeitavam empoladamento o «Spaise tafel» quadro do menu das nossas tristes refeições deficientes, quadro preto de madeira posto em logar publico, onde escreviam a giz os generos que diariamente as constituíam, aparecia amiudadamente um vegetal chamado ruibarbo, que nos ministravam em compota, que por ser adocicado se nos tornava agradável tanto mais na quasi ausencia de assucar a que nos sujeitavam; porem o rui-barbo era laxativo, punha-nos num estado permanente de relaxação intestinal, de desinteria, que nos arrancava todas as nossas poucas forças. Como não havia por onde escolher em vitualhas, sujeitos inevitavelmente ás parcas refeições, e ao dilema ou comes ou morres, não era possível evitar a ingestão do purgativo que na nossa terra só se vende

nas farmacias; mas ali tinha o duplo fim de nos depurar o organismo e de destruir em nós pelo enfraquecimento quaisquer veleidades de evasão.

Ainda no que respeita ao *menú*, era frequente entrar na sua constituição uma estranha iguaria denominada fischfleisch, peixe-carne, substancia oleosa, aos pedaços cheios de pelo e autenticamente podre, com a garantia de apresentar larvas secas de mosca varejeira, já mortas e taludas, com a sua caudasilha característica, mas o remédio que havia era fechar os olhos e comer...

Tambem eu tive bolachas numa encomenda, que ao parti-las para as ensopar no pseudo café da ração feito de baguinhas, despediam duzias de bichinhos de caruncho criados na própria bolacha durante os meses da viagem pelos correios, e que constituia uma variedade comestível nada de desperdiçar, e que eu engolia como pilulas substanciosas, na falta de melhor gordura, qual outro antropofago carunchoso.

Tambem as batatas «kartofeln» na sua supina amostra, eram comidas com casca para não haver desperdícios; e havia tanta batata na Alemanha que muitos campos de batatais eram abandonados, apodrecendo a batata na terra á mingua de braços que as apanhassem e portanto de estomagos alemães que delas necessitassem! E ainda em Fevereiro de 1923, não obstante a formidável carestia e escassês de generos, a batata na Alemanha se computava a \$05, o quilo segundo se lia nos jornais.

Junto ao Campo de Rastatt existia um campo de instrucção para as tropas alemãs. Nos exercicios de tactica notavam-se diversidades da nossa; assim, empregavam a formação de costado a quatro, passando da linha a ela por conversão de 4 filias contiguas, com frente a um dos flancos; a

passagem directa da formação de costado a 4 á linha com a mesma frente, e inversa ; da linha á de grupos de 8 de costado com a mesma frente, etc.

Muita firmeza na forma. Muito exercicio com a mascara anti-gás posta. Manobra de metralhadora assente sobre um estrado amovivel em vêz de tripé, e transporte de metralhadoras em pequenos carrinhos de mão. Tiro de metralhadora com bala simulada.

A bainha da espada dos officiaes era de metal enegrecido para não sintilar.

Os carros de companhia eram de modelo identico ao usado no campo para os trabalhos agricolas, medida pratica para não faltarem ao exercito em boas condições militares em caso de mobilisação.

A mostrar como tudo estava militarizado na Alemanha, até nos trabalhos agricolas se viam homens fardados a cavar, e tambem officiaes fardados guiando charrétes...

As mochilas eram de modelo semelhante á nossa antiga ^m/94, forradas de cabedal, conservando-lhe o pêlo próprio, para serem mais macias ao serem empregadas como encosto.

Na viagem em caminho de ferro, de Lille para Rastatt, atravez do sul da Belgica, pela França, Luxemburgo, Alsacia-Lorena, até Metz e Strasburgo, fomos passar em Karlsruhe, cidade esta varias vezes bombardeada pelos aeroplanos aliados por ser centro de fabricas de munições de guerra. Nesta viagem, ainda que presos de corpo e alma, iamso alongando a vista pela beleza das paisagens pujantes de verdura de Abril.

Em Bel-Valle, na Alsacia-Lorena, ao longo de imensas florestas que ofereciam madeiras inesgota-

veis, impressionava ver que não pouparam as maravilhosas aleas de arvoredo, ao longo de extensa estrada rectilínea, de que apenas restavam as bases dos troncos serrados atestando a barbaridade.

Na reparação das linhas férreas empregavam-se muitas alsasianas muito tristes, e algumas muito lindas, sujeitas á direcção de mulheres alemãs. Também vi raparigas alemãs trajando como homens, blusa e calça de ganga, empregando-se nos caminhos de ferro até como maquinistas e fogueiras, subindo e descendo com os comboios em andamento, mostrando muito desembaraço nos seus misteres.

I — Desinfecção

Tinham bem montado o serviço de desinfecção, não faltando nenhuma prevenção contra epidemias.

Fomos sujeitos a vacinação contra variola, tifo e cólera; o nosso vestuário e calçado metidos em estufas de vapor e ar quente. Felizes aqueles cuja farpelinha unica foi esterilizada na de ar quente, que a de vapor esterilizava de mais, destruindo os tecidos, empastando-os, enegrecendo-os, encarquilhando-os, e queimava o calçado, deixando o triste gefangen em misero aspecto.

Depois de todas estas violencias higiénicas e outras mais miudas, tais como a applicação de permanganato nas doenças de garganta, appareceu a operação de despiolhagem e suposta destruição de outros parasitas que por sua sorte não haviam ficado prisioneiros, medida esta applicada com o rótulo de medida geral a que eram sujeitas todas as tropas alemãs invariavelmente. Consistia na introdução dos prisioneiros numa ampla barraca de banhos de chuveiro, onde numa piscina eram obriga-

dos à abjecta humilhação de se despirem sem distinção de postos, numa promiscuidade de oficiais superiores e alferes, obrigando-os a ajuizar mal do seu apregoado respeito pelas hierarquias, nem sequer mostrando respeito pelas idades, sujeitando os cabelos brancos à nudez perante a juventude. Estes processos explicavam-se apenas pelo propósito fim de humilhar, mais que pelas necessidades higienicas.

Depois de tudo a nú, quais sereias, embora limpinhas de carnes pelas privações, mal deixando já perceber as linhas da perfeição, surgiu um vermelhudo soldado alemão espirrando saúde, vermelhidão não de vergonha que a não tinha, pois nem sequer o seu bestunto atingira que naquele serviço a que o obrigavam, era êle de todos o mais humilhado. Vinha munido de um balde cheio duma espécie de pomada liquefeita, e dum pincel. Entrou acto-contínuo na sua faina de pincelar-nos as regiões condenadas, respeitando as cabeças e peitos não sei porque motivo; talvez que na ordem para a execução do trabalhinho só lhe indicassem a pintura das regiões mais possivelmente infestadas. Um capitão francês depois de pincelado, ousou retocar a pintura com um dedo para espalhar melhor a tinta; como o alemão tivesse visto o retoque, avermelhou mais do que uma beterraba, enfureceu-se não sei se por melindre á sua arte, e de novo com o pincel, com toda a grosseria e violência, alambusou abundantemente o corpinho do esquelectico capitão, em meio do alarido protestante das demais victimas presentes.

Este capitão francês, possuidor da Legião de Honra, contava amarguradamente a odisseia do seu aprisionamento que tivera lugar quando cumpria uma ordem expressa e urgente para apoiar

tropas inglesas. Enquanto estabelecia a sua companhia e tomavam posição as suas metralhadoras no local que lhes fora determinado, notou que os ingleses se escoavam pelos seus flancos abandonando as suas posições. Comunicou a situação crítica em que o deixavam, pedindo instruções que já não pode obter, porque rapidamente foi envolvido pelo inimigo e feito prisioneiro com a sua companhia.

Depois de concluída a tarefa da besuntadela, permanecemos assim alguns longos minutos necessários ao efeito do depilatório. A seguir abriram os chuveiros com intermitências de água quente e fria, sujeitando-nos a escaldões e a arrepios conforme o desejo ou pericia do soldado boche. A pomada escorreu com a água e levou consigo as nossas preciosidades capilares pondo a calvo as partes resguardadas e mais reconditas, deixando-nos aspecto identico ao duns galinacios que existem sem penas no pescoço. Estava consumada a obra; agora era esperar alguns meses que a Natureza nos reabilitasse.

Deu-me que pensar esta sevicia higienica com que a Alemanha mimoseava as suas tropas, atacando-lhes a integridade de character e desfeiteando-lhes o aspecto fisico e viril, deixando-as rapadinhas de todo, de forma que também com tal medida e outras identicas lhes ia vinculando a sua passividade.

II – Mais sevicias e outros aspectos

Também na prisão fomos postos em contacto com diversas iguarias para nós desconhecidas, figurando entre elas com mais repugnantes caracteriscos o fisch-fleisch (peixe carne), fóca ou cavalo marinho a que já fiz referência, substancia oleosa

coberta de cabelos, já de si ascorosa, mas ainda ministrada em putrefação. Um dia em que eu, acosado pela fome divagava em torno da cosinha aspirando sofrêgo as particulas volateis de esquisito odôr que sahiam pela janéla aberta, ao passar junto dela, fui chamado pelo rancheiro, prisioneiro francês, que se empregava na preparação do tal peixe-carne, de que me mostrou um pedaço coberto de larvas secas de mosca varejeira com o rabicho *sui-generis*, larvas de grandes dimensões que não escapavam á vista.

Mas... a fome vencia a repugnancia! Não havia escolha possivel. Era fatal o dilema — ou comês ou morres. Para glória da Alemanha.

Entre os prisioneiros portuguezes havia um alferes miliciano de infantaria, chamado Ferreira, que era padre. Os prisioneiros com crenças religiosas conseguiram vencer dificuldades varias para alcançar a instalação dum pequeno altar sobre uns caixotes, duas vélas colocadas em garrafas servindo de castiçais, e dois pequenos crucifixos. O alferes padre obteve os paramentos dum padre alemão, e de dois frasquinhos desiguais se prepararam as galhetas, sendo a maior dificuldade escassear por vezes o vinho, tornando a missa impossivel.

A essas missas tão rudimentarmente instaladas concorria uma extréma devoção exacerbada pelos sofrimentos de portuguezes, francêses, e inglêses, como não se nota nas grandes catedrais.

Constituia um passatempo na prisão, observar meticulosamente tudo o que de extraordinario se oferecesse aos nossos avidos sentidos, e bem ia quando alguma coisa se oferecia digna de tal, que nos afastasse da mente a tremenda opressão do interminavel sequestro para que só havia um ligeiro lenitivo na esperança fugaz dum inverosimil resgate,

ou no vislumbre de Victoria, incensado pelas indubitavelmente adulteradas noticias que nos chegavam coadas pela censura ou pelos comunicados dos alemães nos seus jornais, ou no desânimo manifestado por algum dêles expresso no fraseado «Alemanha caput»! (a Alemanha está degolada), em terminologia da guerra.

Assim, anotei dum pedaço do *Petit Parisien*, que fôra enrolado numa encomenda para soldados franceses, que existiam Tanks com artilheria e Tanks com metralhadoras, tendo respectivamente a classificação de Tanks machos e Tanks femeas.

Depois, correu que na Austria faltava o pão; não dei grande apreço a essa noticia porque havia muito me habituára a essa falta.

Mais me chegou aos ouvidos que os alemães além da infinidade de cousas que substituíam fabricando-as de papel, tais como camisas, ceroulas, toalhas, atacadores para calçado, calçado, tripa para chouriços, enxergas, sacos de terra, chapéus, bonets, etc..., também empregavam ligaduras de papel nos ferimentos, sobretudo nos feridos prisioneiros...

Fui encontrar-me no Campo de prisioneiros com os três alferes do B. I. 4 que haviam ficado prisioneiros no combate de 2 de Março de 1918. Um dêles, o alferes Dores, foi ferido nêsse dia num quadril com bastante gravidade, com um estilhaço, quando se descobria para lançar granadas de mão.

Tambem soube que os soldados russos supriam a falta de meias, enrolando os pés em tiras de pano como continuado às grévas.

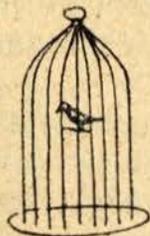
As sentinelas em volta do Campo fumavam no posto e de cachimbo.

Da *Gazette des Ardennes*, folha de espiona-

gem alemã, como *La Belgique*, escritas em francês, recortei o seguinte: «Para qualquer ser ministro em França não se lhe pergunta o que sabe, mas sim de que partido é. Em cada politico francês ha hoje um dirigente; é o que se chama Liberdade. Em cada francês há um ambicioso que quer tomar o lugar a outro; é o que se chama Igualdade. Quanto a Fraternidade, ela consiste em devorarem-se politicamente em família; os republicanos comem-se uns aos outros, os monarchicos fazem o mesmo; e cada um pretende possuir o meio infalivel de salvar o país, pondo sôbre a cabeça uma aureola de glória...»

Caspitè, mas que bela carapuça!...

Em 31/4.º/918, pela noite escura, quando já estavamos nas enxergas, foram avivadas as nossas reminiscencias por meio dum admirável bombardeamento de aeroplanos aliados, sôbre a cidade de Karlsruhe, situada a pequena distância, onde havia fábricas de munições de guerra. Este bombardeamento foi levar-nos recordações da vida das trincheiras, onde apesar de tudo se era gente; fez-nos sentir mais a algidez tumular em que jaziamos, e a nossa negra sorte provocou-me o estro malfado que mais não deu que o seguinte versejo:



A GAIOLA

*Para melhor apreciarmos qual-
quer situação, não ha como ver-
mo-nos nela.*

E' sempre uma prisão bem denegrada,
Embora seja em oiro e pedraria;
A Liberdade, joia de valia
Jamais pode nela achar guarida.

Avesinhas ha a que se prende a vida,
 Outras a que tal sorte mataria.
 A Liberdade é alento, é alegria;
 Antes a morte que vê-la perdida.

Já sentia dó ao vêr o passarinho
 Picar as grades com o fraco bico,
 Buscando fugir dêsse falso ninho.

Agora que estou preso verifico
 Como é longe a familia e o seu carinho.
 E com dôr igual eu me mortifico !

A iluminação do Campo foi apagada, ficando imerso em densa treva apenas entrecortada pelos clarões das bombas bem distintos entre os dos tiros dos canhões anti-aereos.

Era digno de aproveitar-se, sonhar com a libertação num avanço dos aliados...

No dia seguinte houve um grande incêndio proximo a Rastatt, que durou algumas horas. Viase um enorme clarão e labaredas altissimas; os alemães olhavam para lá consternados mas esquivavam-se a informar do que se tratava.

Por causa da carestia da vida, em Roanne foi proibida a entrada aos revendedores nas feiras e mercados, só podendo ali entrar depois dos vendedores, produtores e consumidores terem feito as suas transacções livremente até uma certa hora. Talvês que êste preceito não fosse para desprezar aplicado entre nós na época presente.

Em 3 de Maio de 1918 foi-nos lido a uma formatura de Appell que as encomendas que contivessem caricaturas ofensivas para os alemães, seriam distribuidas pelos prisioneiros mais necessitados.

Bem sei que não merece critica e é feia acção aquella a que se deixou arrastar um prisioneiro, pon-

do-se a esbravejar em altos brados e gesticulado agreste, direito a um superior digno de todos os respeitos pela graduação, pela idade e pelos seus merecimentos e conducta no Front. Eu bem sei que também é feio expôr aqui o nosso feitio tal como êle é, mas julgo merecer desculpa, porque se o faço é com o fim de tornar patente que êsse feitio barulheiro e descomposto retumba bastante cheirando a ridículo, e esperando assim contribuir para que haja emenda.

E' que quando aquilo acontecia, passava junto um sargento alemão, e presenceavam a scena preplexos muitos francêses e alguns belgas; e o sargento alemão explicou então com ar galhofeiro: «*Revolution in Portugal...*»

III — Morte dum camarada

Em dois de Julho de 1918 acrescento a estas desprezenciosas efemerides, a triste occorrença característica do barbaro regimen de fome a que a Kultur nos sujeitava com as suas tabélas scientificas de racionamento, macabras disposições que nos iam tirando a vida lentamente num definhar constante e inevitavel. Não colhia o argumento lançado a correr mundo, da escassez de alimentos na Alemanha motivada pelo bloqueio dos Aliados, pois os alemães apresentavam-se gordos, sãos e escorreitos; e depois do armistício bem vi extensos batais abandonados a que atraz me refiro, a apodrecer na terra, certamente não por falta de quem os apanhasse, mas sim de alemães para os comer.

Seria sim o plano calculado e cruel de nos irem aniquilando pela inanição á mingua de sustento; era o producto do frio character prussiano.

O alferes Simões Dias do B. I. 1 começou a

tossir e a golfar sangue; a tuberculose galopou, e em três dias libertou-o para sempre daquele martirio.

Quando partiu para a guerra era gordo e cheio de saúde; o serviço das trincheiras tinha-o posto muito doente, tendo chegado a sair de lá em maca. A fome no cativeiro contribuiu por forma fulminante para o seu rapido aniquilamento.

Por uma triste manhã nevoenta e chuvosa, foram ao cemiterio de Carlsruhe trinta companheiros de exilio, que a mais não foi permitido acompanhá-lo á sepultura, para êle já certa, para nós muito provavel, naquele chão humido e frio, em contraste com o ardente solo da nossa Patria Querida, onde ha conforto no repouso eterno.

Interpetrou o nosso estado de alma, á beira da sepultura do nosso camarada, o Snr. Coronel Deocleciano Martins.

Um padre alemão fêz a oração e disse algumas palavras em francês de despedida ao companheiro de batalha que baixava á sepultura. Não faltou o formal adeus ao camarada, proferido por um official alemão, acompanhamento de banda militar, oferta alemã de duas corôas e descargas por uma força de sessenta praças e dois officiais. O caixão forrado a preto tinha no tampo a palavra Portugiese.

Era tristissimo e comovente ver chegar ao Campo, depois da sua morte, as cartas da familia e as encomendas, pão para o espirito e para o corpo que já chegava tardiamente, porque êle já não sentia a fome que o matara!

IV — Secção Pietas da C. V. Suissa — C. V. Portuguesa

No dia 5-6.º-1918 foi recebida no Campo, dirigida ao alferes Calazans do B. I. 4, uma carta da

Secção Pietas da Cruz Vermelha Suissa, comunicando a instituição caridosa e patriótica, por um grupo de portugueses na Suissa, do Comité de Secours aux Militaires et Civils Portugais prisonniers de Guerre, Hotel Richemont-Lausanne-Suisse. Avenue de la Gare, 17.

De entre êsses bons compatriotas apenas recolhi os nomes de Acacio Calazans, Fructuoso da Silva Neto, Conde de Penha Garcia, e Castro Gonçalves. Este ultimo aguardou-nos em Haya quando da nossa libertação, onde em nome do Comité nos encheu de amabilidades que fundo gravaram no meu reconhecimento.

Este Comité deu-nos encomendas com alimentos e servia-nos de intermediario para com as nossas familias para remessa de encomendas, dinheiro correspondencia, lutando contra a morosidade da censura alemã. O alferes Calazans escreveu um postal para a Suissa, a seu irmão Acacio Calazans, de quem obteve resposta passado 25 dias.

Vem aqui a proposito referir-me ao também inolvidavel auxilio que nos foi prestado pela nossa Cruz Vermelha, com a extrema solicitude em remeter-nos as encomendas que recebia, facilitando assim a assistencia carinhosa de nossas familias.

V — Audaciosa fuga de três prisioneiro portugueses

A 12-6.º-918, três officiaes portugueses, conseguiram efectuar a fuga do Campo de Rastatt, o cap. Pires do B. I. 13, e os tenente Neto e alferes Calazans do B. I. 4.

Haviam organizado um farnel bastante escasso para tão longa viagem pelo Vale do Rheno até à Suissa, para o qual concorreram alguns camaradas

com o pouco de que puderam dispôr, algumas conservas, bolachas e algum pão negro.

Correndo o risco de serem descobertos pelas ferozes sentinelas instruidas com as ordens mais severas de matar quem o tentasse, realizaram o seu intento com o auxilio de um alicate corta arame alcançado pelo Calazans da ferramenta dum carpinteiro alemão, com que conseguiram cortar os arames das vedações, depois de terem rastejado da barraca até elas, seguindo um caminho prévia e cautelosamente estudado ao longo da fraca sombra de leve ondulação do terreno contra a intensa luz dos arcos voltaicos dispostos em volta do campo bem iluminado.

Avançou primeiro o alferes Calazans impellido pelo aneio da liberdade, alcança com facilidade os arames, corta-os por forma a abrir passagem por onde deslisa, e corre, atravessa o caminho das sentinelas quando a mais próxima seguia de costas, e embrenha-se na seára que o oculta. Segue de perto o capitão Pires com igual felicidade; e os dois seguem pela seára e vão aguardar a junção do tenente Neto.

Este, porêm, quando estava entre as duas vedações de arame, é surpreendido pela aproximação do turno de sentinelas que procede á rendição. Cose o corpo ao terreno, aconchega-se ás raras ervinhas que a Providência permitira não tivessem sido tosquiadas na ultima ceifa periódica ao Campo, destinada ao fim de nada ficar oculto às sentinelas. Passam em grupo; distraidos pela conversa não se apercebem dêle. Um dêles pára para acender o cigarro, e o tenente Neto, como bom algarvio passa nalguns momentos as passas do Algarve.

Felizmente disfarçado pela côr do nosso far-

damento, vence mais esse precalço, e parte pela seára em busca dos companheiros no sítio combinado, os quais persuadidos pela demora de que qualquer obstáculo surgira que o obrigasse a desistir, e com receio de serem descobertos, já ali não se encontravam. Conseguindo porêem alcançá-los mais adiante, proseguiram juntos na sua tentativa, marchando protegidos pelo escuro das pequenas noites dessa época do ano nessa região, e ocultando-se para descansarem durante o dia na Floresta Negra.

Merece bem agora a descrição do que se passou no Campo no dia seguinte: Ao alvorecer, a claridade do dia mostrou à sentinela o rasto deixado na seára pela passagem dos três fugitivos. Desconfiada, pesquisou nos arames e fez uma grande cara de asno que ninguém viu mas que é de presumir, e deve ter praguejado com os seus botões, ao certificar-se de que estavam cortados.

Acto continuo deu sinal de alarme, disparando a espingarda para o ar, promovendo na guarda grandio azafama improdutiva, em buscas pela floresta caçando pistas, pois a essa hora já os nossos homens levavam algumas horas de caminho.

No Campo foi imediatamente executado o toque de formar para verificação de faltas (appell), toque mal sonante e desagradável como todos os que ouvi, sendo de admirar num país de tanta música e em que tudo era militar.

O Campo estava repleto de franceses e bastantes belgas. Compareceu todo o pessoal da Comandantur com um ar de fera impotencia e nervosismo, dando ao caso muita solenidade.

Deram começo á chamada pelos franceses, seguiram aos belgas e por fim aos portugueses, e foi esta circunstância de termos ficado para o fim,

que tornou a scena mais prolongada e de maior sensação.

Após chamadas repetidas e de várias formas repisadas nos franceses e nos belgas, passaram então aos portuguezes. A certa altura da chamada deu-se a primeira falha. Ao nome David Rodrigues Neto, repetido por várias vezes e em diversos tons não respondeu ninguém. . .

Ao profundo silencio da expectativa seguiu-se um estrondoso alarido iniciado pelo entusiasmo ir-reprimivel dos franceses, causando nas fisionomias alemãs um aspecto apoplético que se manifestou por esgares e sons guturais de ridicula aparência destinados a restabelecer o silencio.

Anotada esta primeira ausencia, proseguiu a chamada, reproduzindo-se a scena ao ser notada a falta do capitão Pires do B. I. 13 e depois a do alferes Calazans do B. I. 4.

Foi singularmente audaciosa esta evasão do Campo de prisioneiros de Rastatt, atendendo sobretudo á extremada vigilância e severidade, à disciplina de ferro, e à ferocidade das sentinelas de tropas escolhidas sempre prontas a matar.

Houve tambem no Campo de Breesen in Mecklemburg a evasão ousada de outros prisioneiros portuguezes antes do armistício, tambem de merecimento pelas suas peripécias, mas igualmente sem successo.

Foram os portuguezes muito felicitados pelos prisioneiros de outras nacionalidades, constituindo a temeridade dos nossos três fugitivos o assunto de maior sensação por êsses longos dias. Foram amavelmente discutidos os portuguezes, elevando-nos no seu conceito.

E' dos regulamentos militares estrangeiros a obrigação expressa que todo o prisioneiro tem, de pro-

curar evadir-se afim de voltar aos seus e ao combate; ficou bem evidente esse desejo nos nossos fugitivos de antes do armistício, vinculado pelo seu procedimento. Em qualquer exercito, o seu acto bem testemunhado ser-lhes-hia averbado, não só pelo significado moral que tanto exprime, mas por contribuir para bem conceituar o nome português.

O orgulho escabroso dos alemães deixou-se molestar com a fuga dos nossos camaradas, acção aliaz por êles considerada como um direito que assiste a todo o prisioneiro. Vieram logo as represalias, cerceando-nos a correspondencia e reduzindo o número de linhas nos postais e nas cartas; sustaram a correspondencia a receber, protestando dificuldades de censura; passou a haver maior rigor nas formaturas de chamada (appell); perseguições aos prisioneiros pelas sentinelas de baioneta armada quando á noite tardavam em recolher á barraca ainda que por motivo instante, ameaçando-os e dando-lhes encontrões infames; e outras mesquinhas de igual jaez com geito a humilhar.

Munidos de bussula e uns croquis do vale do Rheno que haviam conseguido, lá seguiram no seu empreendimento, ora pelas florestas, ora pelo vale, numa região povoadissima e cortada pelas águas do Rheno e seus afluentes.

Numa das noites de avanço embrenharam-se nas ruas de uma cidade com o fim de atravessarem; a noite ia decorrendo sem que alcançassem o extremo oposto, pondo-os em risco de serem surpreendidos dentro dela pelo dia que já alvejava, quando em fim conseguiram transpô-la, voltando a occultar-se, a descansar, a reconfortar-se com a escassa fatia do farnel, e a dormir. Nem a chuva lhes faltou, tendo de enxugar a roupa no corpo e fazer fogo na floresta para se aquecerem.

Foi no 4.º ou 5.º dia, 15-6.º-1918, de manhã, quando dormiam a somno solto proximo de Oxemburg, occultos numa seara, que uns camponeses, homens e mulheres que andavam na apanha de cerejas, ao subirem ás arvores, descobriram a seara pisada e acamada no sitio onde êles se occultavam. Aproximando-se para verem o que causara aquele estrago, descobriram os nossos fugitivos profundamente adormecidos e descuidados de que é defezo meter foice em seara alheia. Por certo que o somno dêles nessa hora de desgraça era povoado de lindos sonhos de liberdade, de beijos e caricias de familia no seio da Patria bem merecida; mas os gritos das camponesas que a má sorte ali levara, cortaram cerce o seu deleitoso torpôr embalado e embalsamado no sicio brando e aromas subtis da natureza.

Acordados em sobresalto, tentaram salvar-se fugindo em direcções diferentes, o que conseguiram o Neto e o Calazans. Porem o Capitão Adriano Pires, menos feliz, foi o escolhido pelas fêras que para o segurarem se agarraram a êle com unhas e dentes, e de tal feitio que uma das mulheres o esgatanhou ou mordeu num pulso!

Os componezes conduziram-no a um hotel onde foi tratado com moderação, tendo-lhe feito notar que se fosse inglêes lhe bateriam, porque corria fama que os ingleses maltratavam os prisioneiros alemães, e o odio que lhes tributavam era de raça e de má raça... Daí foram entrega-lo á sua auctoridade militar, que o mandou para o Campo de Fredericfest, onde cumpriu 15 dias de prisão, regressando depois ao nosso Campo.

Os outros fugitivos conseguiram ainda libertar-se da perseguição que lhes moveram, embrenhando-se na seara. O Calazans buscou o Neto por

meio de brados e assobios; o Neto que se ocultava, ouvindo chamar espreitou, vendo então o companheiro.

Seguiram juntos ainda a noite seguinte, já desfalcados de esperança e de farnel, quando novo azar os levou na estrada ao encontro duns soldados alemães, que ao cruzarem com êles desconfiaram do seu aspecto, e talvez por não terem respondido á saudação que um dêles lhes fizera. Desconfiança foi que lhes voltaram no encalço intimando-os a parat; a êles que com tanta alma e fé haviam empreendido tão espinhosa emprêsa, e que vendo-se sem recursos para a continuar, e exaustos de fadiga e fome, fome acrescentada á que já tinham antes de a iniciarem, acederam á intimação e foram de novo banidos daquele aceno da Liberdade que havia seis dias lhes dava alento, e que extinguindo-se lhes deixava a alma mais sedenta dela.

Estiveram em riscos de maus tratos porque os tomaram por espíões. Foram metidos numa prisão imunda, onde um aleijado lhes deu café com leite e uma fatia de pão. Um soldado prisioneiro francês e outros russos dos que trabalhavam nos campos espalhados pela Alemanha, davam-lhes ás escondidas pelos buracos da porta, pedaços de pão e cigarros.

Tiveram o mesmo destino que o outro companheiro de aventuras, regressando também ao nosso Campo depois de cumprirem dôze dias de prisão.

Nessa prisão foram bafejados pela sorte, pois tiveram passeios no Campo, de três horas de duração, conversando muito com oficiais prisioneiros de varias nações, sendo os franceses muito amáveis em oferecer-lhes bolachas, cigarros e charutos em abundancia; conservando os ingleses o seu espirito frio

e pratico que não se convence facilmente a prestar-se a generosidades.

VI — O que se vai passando e sofrendo

A 13-6.º-1918 chegou ao Campo um alferes francês, prisioneiro havia quinze dias. Relatou que a impressão em França a nosso respeito sobre o 9 de Abril era muito boa.

Teve logar uma visita ao Campo, feita por um general alemão acompanhado dum oficial com uma perna de pau. Fez muita promessa sobre correio, alimentação, encomendas, etc... mas nada de obras; apenas ajudava a bem morrer, como na extrema unção. O único beneficio resultante de tal visita foi uma varredela nas barracas, e acido fenico nas retretes.

Recolheu ao Campo, vindo dum hospital onde recebera curativo, o alferes Serafim Rodrigues, do B. I. 20, ferido no dia 9 de Abril.

Contou que um soldado ferido que estava no mesmo hospital, lhe dissera que a mesma granada que o feriu matara o Tenente Eduardo Guerreiro, algarvio, anteriormente condecorado e promovido por distinção, e o Capitão Serrão Machado.

Na Alemanha os proprietarios rurais em obediencia a uma lei de racionamento, deveriam entregar ao Estado a colheita completa; porem como muitos sonegassem parte dela, precisando para isso de ter como cúmplices os soldados prisioneiros obrigados a trabalhar nas suas propriedades, redundava essa manigancia em beneficio desses prisioneiros, que tambem comiam para haver moralidade.

Presenciei numa quinta nas proximidades do Campo, já depois do Armisticio, a efectivação dum

contracto entre o dono dum porco sonegado á lei è um prisioneiro belga, matador de porcos, em que êste pedia pesado tributo, tal como um presunto inteiro e mais miudezas, para se prestar a abate-lo.

Foi bem posto em evidencia no cativo o valor do encargo que nos subjuga contraindo entranhadamente o vicio de fumar. Alguns prisioneiros que eram dêle fieis escravos, chegaram a vender o pão escassissimo para com o producto da venda comprarem tabaco na cantina, carissimo, 25 cigarros de tabaco fingido, qualquer herba perfumada com essencia de tabaco, Mk.^s-5, 75, ao/C.^o \$45, o que equivalia a cerca de 1\$68. Confessavam que a fome refina o vicio.

A 19 de junho começou a lavrar entre nós uma epidemia gripal, manifestando-se por febre muito alta, atingindo perto de 40.^o A doença mantinha-se uns três a quatro dias, depois declinava rapidamente, vindo depressa o restabelecimento, que na nossa situação era mais rapido porque não podia exceder o nosso depauperamento geral, contribuindo ainda para deprimir o nivel da nossa fraquissima vitalidade. Enfim, era contentar, que a escola das privações, do sofrimento e do perigo, é que faz o homem...

No Campo de Rastatt estavam em contacto com muitos officiais franceses, que como recebiam periodicamente esplendida bolacha de França, nos presentearam um dia com 5 dessas bolachas por cabeça, dadiva valiosa, porque essas bolachas de trigo magnifico, submetidas á operação de uns pequenos furos de canivete, e postas na água, absorviam-na e inchavam muito, transformando-se nuns pãesinhos esplendidos depois de secas ao sol.

Estas bolachas foram-nos oferecidas por opinião dum comandante francês prisioneiro, que en-

tendia que se como aliados distribuíamos equitativamente os perigos nas trincheiras, também no cativeiro deveria haver igual equidade na distribuição dos escassos benefícios que a caridade proporcionava. Mas esse vislumbre de generosidade depressa foi abafado, e a sua realização não passou dum dia; venceu a maioria dos franceses, que diziam ser a bolacha pouco abundante, mal chegando para êles, e que nós eramos muitos. Isto é, se sobrasse... Esta goloseima das 5 bolachas foi espicçar mais o martírio aguçando-nos o apetite.

A alma generosa do Major francês, querendo acolher-nos, mais nos desconfortou com o seu óbolo, e mostrou como são raras as almas como a sua. Quando ha a distribuir amarguras, gotas de fel, cedese de bom grado o quinhão completo; mas se as gotas são de mel...

Se bem que noutros Campos onde estiveram portugueses muito ficassem devendo á generosidade dos franceses.

Um jornal alemão de 1-7.º-1918 referia que portugueses, franceses, ingleses e belgas trabalhavam em três linhas de entrincheiramentos em volta de Hasebruk e Amiens, e na colocação de muito arame. Era assim que uma vez por outra nos consolava alguma noticia do C. E. P.

Pela nossa Comissão de assistencia nomeada entre nós, foi enviada, com permissão da Comandantur, uma reclamação em francês ao Ministro espanhol em Berlim, encarregado dos negocios de Portugal, sobre a deficiencia da nossa alimentação e descrevendo a sua constituição; o nosso enfraquecimento, consequencia dessa alimentação, atestado já com o exemplo de tuberculose num alferes de 21 anos, a que outros se seguiriam. Mencionava a falta de encomendas de Portugal, das nossas fami-

lias, depois de dois mezes e meio de cativeiro, frisando a diferença de situação em relação aos franceses e ingleses que recebiam bolacha e «colis». Eram frequente, os casos de desmaio entre portugueses devido á falta de alimentação.

Até principio de Junho já eu presenceara cinco casos de deliquio durante o nosso cativeiro em Rastatt.

A 5-7.º-1918 começaram os preparativos de transferencia para o Campo definitivo em Breesen in Mecklemburg, lá ao norte da Alemanha, para o mar Baltico. Era essa mudança pouco prometedora de conforto, tanto para o norte, ao aproximar do inverno, para a região dos lagos gelados onde o frio campeia infréne. Os nossos corpos enfraquecidos iam sentir o gelido abraço da fome ao frio, tiritando nos ossos sem carne, e regelando-nos as almas só de o presentir.

Teve logar uma revista de preparação para a marcha, em que fomos vasculhados nos nossos magros haveres pecuniarios, de que mais tarde passaram conta-corrente em cadernetas individuais, permitindo-nos sómente usar o nosso dinheiro a conta gotas, protestando a necessidade de tal medida como preventivo contra fugas e tentativas de corrupção nos soldados alemães tambem susceptiveis de pecado não obstante a tão apregoada perfeição de cultura.

Nesse dia deu entrada no Campo, vindo dum hospital, a juntar-se a nós para a viagem, o Capitão Vilas Chãs do B. I. 8, fôra ferido no 9 de Abril, no ante-braço direito junto ao cotovelo, tendo tido os dois ossos fracturados por uma bala de metralhadora. Foi mal curado a ligaduras de papel, ficando-lhe imperfeitos os movimentos de preensão. Contou-me que ao cair ferido na trincheira Picantin, no

S. Sector Fauquissart II, escoar-se-lhe-ia todo o sangue pelo ferimento se não fôra a abnegação sublime dum Soldado, que pertencendo á sua companhia, tambem caíra ferido a seu lado, e que esquecendo os ferimentos próprios, se arrastou até êle a aplicar-lhe um penso que lhe estancou o sangue salvando-lhe a vida.

Foi belo o gesto dêsse Soldado, já por ter tido execução sob o bombardeamento, já por ter sido sob a acção e natural desanimo do ferimento próprio. São actos assim de humanidade tão grande, praticados pelas almas simples, ainda em meio de tanta ferocidade, que em todos os tempos salvam e redimem o homem.

VII – Viagem de Rasttat a Breesen in Mecklemburg.

Pelas 11.ª 45.^m do dia 4-7.º-918, partimos de Rastatt para a estação do Caminho de ferro 137 officiais portuguezes, onde chegámos pelas 12 45.^m.

Um quarto de hora depois partiamos no comboio por Oeligheim-Bieligheim-Fornheim, chegando a Karlsruhe pelas 13 45.^m.

A primeira curiosidade que observei foi uma mulher adornada com um enorme laço de fita na cabeça como é de uso nas crianças, dando a nota de uma criancinha já muito alambazada; era ao certo um simulacro dos belos trajes alsacianos.

Próximo á estação estava instalado, numa extensão enorme, um parque de carros agricolas mobilizados, muito alinhados em filas infinitas, todos iguais, e identicos aos carros de quatro rodas que vi usarem os alemães no exercito. Esta identidade entre os carros militares e agricolas é indício de muito valor da preparação alemã para a guerra.

Partimos de Karlsruhe às 14 45.^m na direcção N. N.E. Como ignorava o nosso destino, ía marcando num blok-note por esta forma, a direcção e o sentido da nossa viagem, apontando o nome das estações e as horas de partida, reunindo assim elementos para mais tarde satisfazer a curiosidade, reconstituindo a viagem sobre uma carta.

Chegámos a Friedrichstad. Os soldados da escolta usavam nas espingardas Mauser uma chapa metálica de superfície cylindrica a resguardar a culatra, disposta de forma a acompanhar os movimentos da culatra. Algumas espingardas eram de fabrico recente; tinham indicado o ano de fabrico 1918 na marca gravada na corôna, o próprio ano em que estávamos.

Nos campos próximos viam-se grandes culturas de papoilas côr de rosa de um belo aspecto. A utilidade desta cultura seria medicinal ou talvez para destilação de alcohol.

Passámos Graben — Neudorf — Wagazusel — Hoekeuheim.

Dia nebuloso e frio.—Schwetringen. Nesta estação estavam varios vagons de carga partidos, e próximo via-se uma casa com o telhado destruido de fresco, indicios evidentes de alguma bomba de aeroplano aliado nalguma visita recente. Os alemães tinham abrigos subterraneos nas estações, refugios contra os aeroplanos, cujas entradas se notavam.

Rheinan — Manheim — Nekaran. As crianças que se dirigiam á escola, transportavam a mala dos livros á laia de mochila, medida comoda e de adaptação militar a que tudo obdecia naquele povo; até senhoras de chapéu, desembarcavam do comboio com grandes malas-sacos afiveladas ao dorso por meio de suspensorios.

Os telhados das casas eram inclinados a mais de 1/1 como é próprio nas regiões da neve. As casas construídas de tijolo e sem caiação, produzindo um efeito muito triste por falho de luz.

Havia 4.^a classe nos comboios, e compartimentos W. C. com a designação «Abort»; a semelhança deste termo com o de significado abortivo na nossa língua, sugeriu-me chalicear em abono dos alemães, por preverem, além de outras necessidades em viagem, mais essa... Oh a confusão de línguas!

Chegada a Friedrichfeld. Um soldado da escolta que estivera em Lisboa em 1901, como músico violino, e falava francês, disse constar-lhe pelos jornais que nesse dia estava em Paris o Rei de Espanha, julgando-se que por causa da paz, que se esperava estivesse concluída em Outubro, no que quasi foi profecta; e que o Presidente Wilson falara sobre o mesmo assunto. Esta referencia é interessante de previsão porque muito se avésinha da verdadeira data da paz.

Lainburg; atravessámos o rio Necker, afluente do Reno. Observei um homem a dirigir um grupo de rapazes de 10 a 12 anos, empregados em trabalhar nos campos á falta de homens.

Weiheim; próximo notava-se um grande cartaz de felizes tempos, propagandeando cacau, artigo muito escasso em epocha de bloqueio. Nessa altura surpreendeu-me a acção duns garotos, que gritaram Portugais, fazendo um deles com um cruzar de braços, um energico e intuitivo gesto tradicionalmente português, denunciando haver perto ou terem já aí passado portugueses.

Seguiu-se Henesbach, depois Heppumeim e Bensheim. Nesta região viam-se muitos telhados de ardósia.

Anerbach; por ali as crianças andavam quasi

todas descalças, o que confirmava a escassez de cabedal. Já havia notado muita tomba no calçado; umas empregadas do caminho de ferro andavam muito engraxadas, mas já pouco lhes restava do material primitivo nos sapatos cheios de remendos. Depois do armistício vi, numa montra dum estabelecimento, um par de solas para vender consistindo numa adaptação de pequeninos retalhos de sola colados sobre uma palmilha de qualquer tecido. Tudo isto explica a cobiça com que subtraíram o calçado a muitos prisioneiros, dando-lhes em troca um par de sabots (tamancos de madeira inteiriça); e os cintos de oficial eram capturados como material de guerra, sendo a concussão efectuada na presença dum soldado de baioneta armada para dar ao acto solemnidade oficial.

Zuingenberg - Bickemback - Eberdadt - Darmstadt. Ao longo da região atravessada pela linha ferrea, iam avistando muitas fabricas desse paiz das industrias.

Langen - Nen - Isemburg - Frankfurt ás /20.20^m
Nesta estação fomos conduzidos a uma barraca de madeira, semelhante ás de comes e bebes das nossas feiras, anexa a um restaurante, guarnecida de mesas e bancos já em muito uso, construida para fornecer refeições ás tropas em transito durante a guerra. Tinha letreiros afixados nas paredes acautelando os incautos com as recomendações vulgares, tais como, cautela com a lingua por causa dos espões; rauchen verboten, é proibido fumar.

Instalados na barraca, foi-nos servido por espremidos e conspicuos creados de casaca, do restaurante contiguo, uma tambem espremida amostra de refeição mal cobrindo o fundo do prato, constando de macarrão, um bolinho de carne, e depois

uma limonada ; refeição bastante para nos excitar o apetite.

Proseguindo viagem, atravessámos o rio Fulda, e pelas 16|45.^m do dia 5 de julho, passámos em Grifte, localidade onde existia um Campo de prisioneiros de guerra ; depois em Wilhmeshohe e Cassel, onde passámos um tunel com varias aberturas por onde penetrava a luz do dia ; na gare outro comboio despejou muitos passageiros civis, muitos dos quais providos da tal bolsa-mochila ; até uma menina de uns 18 anos, muito bem ataviada, levava a mochila bem recheada como qualquer soldado em marcha. Julgo êste habito pratico, inconcebivel no nosso meio por se incompatibilisar com a estética tal como a idealisamos.

Notei que o bornal e o cantil dos soldados alemães eram semelhantes aos do nosso antigo equipamento m/94, diferindo o bornal em possuir presilhas de pano, e o cantil em ser de rolha roscada e não ter copo, Nesta última localidade havia uma fabrica de munições de guerra.

A's 18|20.^m passávamos o rio Wesser ; a seguir Kragenhof, Speele, Wilhemshauses, Ham, Mindem.

Nesta estação assistimos á chegada dum comboio com tropas de infantaria e varia palamenta (carros, cosinhas rodadas, carros de munições, etc.) ; as praças traziam as platinas enroladas com o fim de occultar os distintivos de regimento e graduações. O material mostrava-se bastante gasto.

Noutro comboio estavam 4 peças de artilheria de campanha inutilisadas, tendo uma o cano rebentado abrindo em rosacea, advinhando-se que fôra granada que explodira dentro do cano.

De novo atravessámos o rio Wesser num belo vale semeado de chalets, numa região de matas densas abundantes de cedros.

Obereden, a 132^{k^m} de Hannover, Göttingen onde se avistava um posto de telegrafia sem fios. Boven-den, andavam varias mulheres com cestos adaptados ás costas, cestos de forma achatada apropriada a êsse fim.

Nörton, Sudheim, Northeim, Harlkode, Gode-nau, onde se viam prisioneiros franceses trabalhando em varias fabricas. Rantelm, Else, Nordstennan, Barnten, Sarstedt. Mais prisioneiros franceses trabalhando em varios pontos da linha ferrea. Rethen, Wülfel, Hannover; ás 14|30.^m do dia 6 de Julho de 1918.

Tivemos um almoço de macarrão abundante, por certo erro de calculo, com uns salpicos de carne e batata. Da estação avistava-se o hotel Hoen-zolern e a Estação central dos correios. Havia próximo um Campo de instrução de infantaria, onde soldados se exercitavam na ordem extensa em acelerado, avançando e retirando seguidamente sem se fixarem no avanço, e transportando a espingarda deitada sobre o braço direito.

Beng doof; culturas de grandes campos de espargos para fabrico de conserva.

Celle, Garsen, Blokestelle, Umderslens. Em Celle estava instalado um Campo de prisioneiros ingleses.

Sudenburg, Klein Süstadt, Ulsen, Emaldorf, Revensen, Biennembüttel, Deutsch, Rapen, Lüneburg. Passámos o Elba às 21 do dia 6 de Julho. Daldorf, Buchen, e até que finalmente chegámos ao extremo d'essa viagem de travessia da Alemanha, pela uma hora do dia 7 de Julho de 1918.

A' chegada ao Campo de Breesen in Mecklenburg tivemos uma refeição para a qual havia muito tempo que os nossos estomagos vinham apregoando

urgencia, e que de tão minguada, logo nos mostrou a continuação da dança da fome.

Estavamos enjaulados no Campo definitivo. Ali teríamos de contar momento a momento esse tempo infindo que decorreria até ao Armistício e á Libertação pela Holanda, num terrível suplicio de esgotamento físico e moral, e esvaír da vida através da alimentação teorica, simulada, escassa e por vezes putrefacta.

Alanceados pela dúvida tremenda sobre se o fio da vida seria suficientemente longo e resistente, nêsse adelgaçar constante e inevitavel, trabalhado pela mingua, que nos permitisse ainda voltar á liberdade e ao seio da familia. Atroz provação esta, a maior da guerra.

VIII — Mais notas diarias e martirios

Nêsse Campo era-nos permitido escrever á familia duas cartas e quatro postais, ou oito postais, por mês.

Havia uma cantina mas não tinha nada de comer. . .

O melhor que nela havia era uma especie de groselhe imitação e cerveja. De solidos ingeríveis, apenas uns comprimidos «Vigor», intragaveis de salgados que eram.

Falava-se na organização de listas para passeios nas proximidades, bons como distracção, se bem que as nossas forças alquebradas mal nos permitissem arrastar as pernas. Recordo-me bem da dolorosa fadiga que de mim se apoderou, cheia de violentas dores nas espaduas, quando realisei o meu passeio nos arredores do Campo. De agradável senti apenas o desentorpecer dos membros contraídos e

retesados pelo supremo esforço do regresso, ao estender-me sobre a maravilha da enxerga de maravilhas.

Tambem da Komandantur descia auctorisação para cultivar-mos uns pequenos tractos de terreno ao longe das vedações do Campo, para o que nos venderam sementes, e donde mais tarde colhemos umas couves e alfaces regadas com o nosso fraco suor, alimentos que certamente não deram para refazer-nos do abalo sofrido com o titanico esforço que empregamos no seu cultivo a pá de leiva.

No dia nove chegaram ao Campo quinze soldados, sendo dois portuguezes e os restantes franceses e belgas. Um dos portuguezes era do B. I. 8 e o outro do B. I. 11. Haviam estado feridos 60 dias num hospital, um nun braço e o outro no ventre, por estilhaços de granada. Um dos franceses, de nome Oruz, caporal, ainda trazia o ferimento em cicatrizaçãõ ; contava êle que depois de três anos de trincheiras, com muito tempo em Verdun sempre invulneravel, foi cair varado na Belgica por uma bala de metralhadora, tendo passado tormentos, sem curativo num ferimento grave que o atravessara do peito ás costas junto ás ultimas costelas, apenas desinfectado superficialmente de dias a dias com escassa tintura. Estendido no pavimento duma Igreja, ali passara varios dias em promiscuidade com tremenda camaradagem esfacelada, cujos gemidos resoavam aflitivamente pelas naves. Narrou que de noite, na profunda escuridão do templo, se algum ferido por qualquer motivo tinha necessidade de arrastar-se, apenas guiado pelo tacto, era inevitavel molestar os corpos mutilados que tapetavam o pavimento, acordando-lhes as dôres e os gemidos doloridos em todos os tons, num alarido horrivel e permanente.

Mostrou-me uma fotografia em grupo com a família, fotografia que tinha na algibeira interior quando foi ferido, e que mostrava a coincidência interessante de ter sido perfurada pela bala que o trespassara, precisamente no mesmo ponto do seu peito e á mesma altura.

Este cabo rendia homenagem e admiração á forma serena e aparente tranquilidade de espirito com que os alemães se conduziam no combate.

Esta opinião estava concorde com a minha apreciação aos dotes guerreiros alemães, baseada no que vi no dia 9 de Abril, em que me appareceu o combate com as suas linhas de atiradores, as suas formações de costado, os seus escalonamentos regulares e regradados, fazendo inveja a um exercicio de tactica aplicada em tempo de paz, não se notando excitação nos homens, operando automaticamente sem um entusiasmo que os precipitasse, sintomas do seu character frio e insencível, e da disciplina rigida bem ministrada e aceite.

Tambem manifestava profunda admiração e firme crença nas qualidades militares do seu General Foch e no seu comando unico, que conduziria brevemente os aliados á Victoria.

E eu tive assim, nesta palestra, ocasião de bem avaliar o ardor, o patriotismo, a perseverança, a dôr exacerbada, que faziam do francês o primeiro soldado de entre os aliados, porque êles viam e sofriam a sua Patria invadida e ensanguentada.

Tambem se distinguiam entre os alimentos constitutivos das nossas refeições, algumas vitualhas mais de pestilenta memoria : o peixe, que depois de preparado perdia todo o seu aspecto, apresentando-se completamente delido, numa massa aggressiva de espinhas impossivel de correr nas guelas, manjar intragavel apesar da fome ; curtido de pepinos enor-

mes, melancias e melões verdes, espapaçados numa vinagrada suja e extremamente acre.

Na preparação dêste e outros acepipes, também havia processos dignos de análise. Assim, a salada de beterraba vermelha, manjar dos mais aceitáveis de entre os que nos eram fornecidos, era preparada cortando as beterrabas em pedaços e deitando-os dentro duma barrica de cimento ou coisa parecida; em seguida regavam a barricada com um liquido avinagrado, semeavam-na de pimenta em baga, e pisavam tudo muito bem com um cacete, operando com êle dentro da barrica como maço de almofariz, mas com tal preceito, que por vezes na distribuição nos vinha parar à tijela algum pedaço de madeira estilhaçado com tanta cacetada; depois dessa tarefa, introduziam a tampa dentro da barrica sôbre a salada, dispunham sôbre a tampa um pedregulho apanhado adrede, e ficava assim a curtir até ao dia seguinte (*assaisonner la salade*). Esta salada, apesar de tudo isto, como levava o condimento da nossa fome, era de chorar por mais.

Deixo aqui registado por amor á verdade, um acto generoso do Comandante do Campo, Major Amburst: Compellido pelo nosso triste aspecto mirrado e esqueletico e sobretudo porque a fome ia enchendo de victimas a barraca hospital, deunos cerca de 50 encomendas que haviam chegado ao Campo com destino aos prisioneiros romenos já depois da sua libertação.

Mas a parcéla que coube a cada um de nós foi muito diminuta para a nossa sofreguidão. Coube-me no rateio um punhado de feijão preto, 3 pedaços de bolacha, uma mão cheinha de aletria, outra duma especialidade de massa, outra de sopa Juliana, um pedacinho de toucinho rançoso que

me soube a pouco, outro tanto sucedendo com um pedaço de cabeça de arenque estivado e algo combalido que deslisou sem que sentisse as suas cartilagens esfolar-me as guelas.

O jornal *La Belgique* de 12-7-918, da espionagem alemã, escrito em francês, disse que o novo chefe português no Front de Oeste era o sr. Coronel Garcia Rosado. Andavam bem informados.

Quando se observava bem o estado de magresa dos oficiais portugueses prisioneiros era na ocasião do banho, tendo todos perdido bastante espessura; as pernas já não tinham barriga e as barrigas autênticas já estavam concavas. Eu à minha conta já perdera 10 a 12 quilos; o meu Comandante cêrca de 25 quilos; o Tenente Soares do B. I. 17 uma arroba; o capitão Pacheco pouco mais ou menos a mesma cousa, etc.; isto em cêrca de três mêses.

Acabariamos certamente por nos sublimar, se não começassem a chegar os socorros de nossas familias, que foram atenuar esse descalabro tornando-o mais lento.

Como nas encomendas que recebiamos das nossas familias, iam alguns pedaços de sabão e carros de linha que nos sobejavam das nossas necessidades, e esses artigos escasseavam entre os alemães, prestavam-se á montagem de comércio clandestino com as sentinelas, através das vedações de arame farpado. Em volta do Campo a Comandantur tinha umas culturas de couve-nabo, espécie horticola que desconheço em Portugal, com rama semelhante á das nossas couves e criando um volumoso e arredondado caule á flôr da terra, de sabor intermédio entre nabo e abobora; como nos servia sem distinção tudo quanto se comesse, eram sacrificados êstes couvaes, por mais á mão

das sentinelas, á traficância e ao contrabando que se etectuava à noitinha pelo escuro. Os prisioneiros jogavam por cima das vedações os pedaços de sabão, e as sentinelas roubavam as couves-nabo do hortejo do seu comandante, e expediam-no-las à laia de morteiros, o que sugeriu para êstes actos a denominação de combates nabais...

A censura na correspondencia constituia para os alemães uma fonte de espionagem sôbre o que se passava nos paizes inimigos, pois lendo nas entrelinhas sempre iam tirando conclusões.

Foi assim que concluíram que em Portugal escasseava o tabaco.

Em 13-7-918 recebemos do alemão uma lição de disciplina militar: Tocou ao Appel para a chamada de presença quando estávamos na 1.^a refeição; deu-se conhecimento na Comandantur de que estava decorrendo a refeição á hora determinada. Da Comandantur insistiu-se pela formatura immediata, e como houvesse demora em formar, no final da formatura o Comandante do Campo observou que pelo regulamento militar se deveria formar logo que tocasse. E' certo que ao superior compete ponderar sobre a situação; porem se o toque de formar se executa, ou se o superior chama, não é qualquer motivo futil que pode servir de pretexto para retardar a apresentação do subordinado digno dêste nome. Em caso algum o subordinado pode mandar dizer ao superior que já vai, ou que não pode comparecer porque está almoçando, não vá arrefecer o petisco.

As premissas erradas em que êle se baseava, eram as de considerar motivo futil o almoço de prisioneiros esfomeados...

No dia 14-7.^o recebemos uma carta do Comité de Secours aux Portugais, da Suissa, dizendo

ter-nos mandado 2 encomendas por cabeça, que já deveriam ter chegado ao destino.

Nessa data ainda não havia sinal delas; havia que contar com a censura e pouca pressa alemã. Na mesma carta avisava ter já informado as nossas famílias, e aconselhava-nos também a escrever-lhes indicando-lhes a direcção pela Secção Pietas, em Berne, como meio seguro de nos remeterem as encomendas.

Outra carta da mesma proveniencia, dirigida ao Presidente da Comissão de Assistencia aos prisioneiros, por nós instituida, acusava a recepção das listas dos nossos nomes, afirmando-as mais perfectas que as que anteriormente havia recebido; e avisava ter escrito ao Govêrno Português, por intermédio do membro do Comité de Secours, sr. Ministro de Portugal na Suissa, fazendo valer a sua influênciã para patrocinar os pedidos da nossa Comissão de Assistencia.

Como alguns prisioneiros recebiam nas encomendas gêneros para cosinhar, procuraram cosinha-los nos fogões de aquecimento das barracas, aproveitando como combustivel tudo o que podiam, sendo por vezes sacrificadas algumas taboas das retretes na falta de carvão e turfa, que mesmo na época do frio não davam sequer para nos desenregelar. Para terminar com êsse pseudo abuso, a Comandantur mandou fechar com arame as entradas dos fogões; e como medida repressiva fez circular a ameaça de suspender a entrega dos gêneros cosinháveis das encomendas, e de transferênciã dos delinquentes para um Campo de represálias.

Os fogões de aquecimento, para ter justificação a sua existênciã perante as leis da humanidade, sómente quando já muito adeantado o periodo

dos frios e da neve, e quando havia muito fumegavam as chaminés das barracas dependências da Comandantur, mostrando que para os naturais da região já era insuportável o frio, receberam umas espremidas pás de turfa que ardia como pólvora, e de carvão que se acabava quando começava a aquecer-nos.

Como distração contra o frio tínhamos a dita de poder aquecer a alma uma vêz por outra, ouvindo um pedacinho de guitarra dedilhada por um camarada que a fazia gemer, e gemendo compartilhar da nossa miséria.

Por parecer inverosímil é digna de conto a forma como foi possível ir parar uma guitarra ao Campo de prisioneiros, o instrumento nacional que tanto sensibilisa as fibras do nosso sentimento. Por longas e escuras noites de trincheira aconteceu chegarem-nos aos ouvidos deliciados os acordes de concertos musicais e canções levados das bandas do inimigo nas azas do vento, para não ser apenas veículo de gases venenosas, amenisando assim a sua acção deleteria. Por certo esta circunstancia de arte sugeriu ao sentir português levar até á 1.^a linha como represalia o nosso instrumento predilecto, para, encostado ao parapeito como se a balcão de bela moça, lacrimejar endeixas, as suas maguas, e provocar os seus rivais...

Ora, quando surgiu o Nove de Abril, nas primeiras arremetidas alemãs, caiu prisioneiro do dono da guitarra um graduado alemão, que depois de desarmado foi tratado com a urbanidade não desmentida entre portugueses, sempre inspirada nos preceitos da cavalaria antiga em contraste flagrante com o proceder por vezes presenciado e sentido em circunstancias identicas e inversas. Como assim o caso duns soldados ingleses ameaçando com um maço

bate-estacas um sargento alemão ferido e muribundo sobre uma maca transportada por soldados portugueses, prisioneiro dos nossos numa colisão de patrulhas, agressão que foi evitada pelos nossos soldados.

O caso daquele alferes português de artilharia, prisioneiro no 9 de abril, a quem um graduado bochissimo alvejava á pístola, quando já desarmado e indefeso, para gaudio dos seus subordinados, ficando a dever a vida apenas á porca destreza do larvado, sendo ainda atingido numa das mãos, vindo a sofrer dolorosamente devido a uma infecção obstinada.

Voltemos porem á história. Como proseguisse o combate sem treguas e não fôsse azado evacuar o prisioneiro, chegou o avanço irresistivel do inimigo que fez inverter os papeis, passando o prisioneiro a liberto. Foi então que, admirando a lhaneza como fôra tratado sem sevicias, quiz mostrar-se reconhecido, facilitando por sua vez o tranze ao seu captor, que poude por esta forma levar a guitarra para a prisão.

Fazendo um estudo superficial comparativo entre os Campos de Rastatt e Breesen, o primeiro de concentração de prisioneiros e o segundo definitivo; dá para o primeiro mais amplidão, arredores mais concorridos para distracção da vista, e horisonte um tanto mais amplo, cantina com alguns generos alimenticios ainda que caros e ruins, mais aceio nas retretes devido a serem desprovidas de divisorias e a concorrerem á sua serventia individuos de varias nacionalidades, obrigando-se a toda a compostura e respeito como em sala de ceremonias, água mais potavel e abundante, bons lavadouros, melhor sala de leitura e entretenimento; dá para o segundo, quartos separados para pequenos gru-

pos, camas individuais, menos pulguedo, (feroz bicharia, que no outro Campo era de raça apurada e populosa, e proviera dos prisioneiros russos que ali nos precederam, pena foi que por consanguinea, não se tivesse organizado em soviets para que enquanto se comessem nos poupassem), melhor roupa de cama, mantas se bem que sebatas, em vez da celebre miscelanea de coberturas e farrapos colhidos de certo em qualquer povoação invadida, bacias de mãos individuais, pratos em lugar das gamélas.

Quanto a alimentação, andava ela por ela, continuando na contingencia da quadra do Bucage :

Se alguma coisa digo
E o halito á boca puxo,
Sobem-me as tripas e o buxo
A perguntar se mastigo.

As barracas em Breesem eram tambem de madeira, mas de paredes e tecto duplo, como paliativo contra o frio inverno nessa região do norte da Alemanha ; tinham pouco pé direito, 2 a 5", e frestas de 0^m80 0,×40.

Fogões de aquecimento guarneciam as barracas, fogões encabeçados de grandes camaras de ar com o fim de ampliar a superficie de emissão de calor e regularisação de tiragem, mas... o carvão era quasi a 0 graus, a turfa idem, e os estomagos tambem falhos de combustivel, tudo contribuindo para a permanencia frigidissima dos nossos corpos conseguindo eu amornar o meu sómente na cama, empilhando sobre êle toda a minha pobre roupa de vestir.

No dia 18-7-918 foi exigida a assinatura dum documento, compromisso de honra, aos prisioneiros

neiros que quizessem ser incluídos nos grupos de passeio, sendo da seguinte tradução: Eu dou sobre esta carta, pela minha assinatura, a minha palavra de honra, que, ao deixar para não importa qual fim, este campo, com consentimento do comandante, me não evadirei, nem tentarei uma fuga, nem a preparação, nem cometerei durante este tempo acção alguma contra a segurança do Estado em que me encontro, e finalmente, que não ajudarei evasões ou tentativas de fuga de terceiros. Eu não ignoro: 1.º que ao deixar o Campo sou obrigado a entregá-la, e que à volta me será entregue. 2.º Que o uso desta carta por um terceiro, é considerada como uma falta de palavra de honra por parte dêste, bem como por minha parte. 3.º Que a perda desta carta deve ser comunicada imediatamente ao comandante. 4.º Quê ao deixar este Campo definitivamente, a carta deve ser restituída ao Comandante. O conteúdo desta carta foi-me comunicado na minha lingua materna, por meio de tradução feita por um oficial superior da minha Nação.

Estes passeios eram raros porque eram por turnos; não faziam porém muita falta porque não estavam aptos para dispendios de energia que não poderíamos refazer.

O seu unico lado util consistia em proporcionarem-nos maior campo de acção para a colheita de ervas para coser, que a esfomeados se afigurava util no combate contra a fome; pois como distracção não colhiam, por não haver linitivo para a nossa amargura; e como higiene eram contraproducentes por eliminarem os rasquícios das exaustas reservas do nosso vigor.

Para bem se patentear a que grau de miséria chegámos na Alemanha, basta analisar pequenas manifestações proprias da natureza humana a rea-

gir, sendo postos à prova quer o feio egoísmo, quer o justo sentimento de defeza própria. Assim, para a realização das parcas distribuições alimentares tinhamo-nos constituido em grupos. Houve um dia em que na refeição do meio dia, disposta sôbre a mesa a bacia ou gamela de ferro esmaltado com uma magra sopa de sarrazim, dera começo ao seu labor aquêle a quem coube a faina da distribuição; senão quando, antes que a primeira rodada se completasse, surgiu na gamela qualquer coisa de extraordinário, pois o denunciava a fisionomia do operador ao passeiar olhares atemorizados e concupiscentes por sôbre a roda dos companheiros e a gamela.

Perante tão muda aflicção corremos os olhares em busca do motivo. Fôra que, mal descido o nivel da sopa na gamela, a florara um esburgado ôsso mal franjado de raspadas falripas de nervuras.

Perante o acontecimento já os espiritos se predispunham ao habitual sorteio, unica justiça possível em casos tais de indivisibilidade, como êsse que decorreria na distribuição do osso, quando o distribuidor obviou ao inconveniente prestidigitando-o para o seu prato sob a acção de um irresistivel impulso de egoísmo, e arrostando com um chuveiro de impropérios e protestos.

Não há duvida que a acção foi feia, mas não caiu em desabono de ninguem, atentas as circunstancias de ocasião, e porque a par tambem se desenvolveram em alto grau os sentimentos sublimes de altruismo e abnegação.

Bem indiscutivel é a lealdade do fiel amigo, não obstante quando em comunidade encontra um ôsso, arreganha o dente e é inevitavel a disputa. Para castigo geral bastou o ar de reprovação e cobiça, e os doestos a que foi sujeito o usurpador

que de fisionomia envergonhada, em que se lhe espelhava a alma contricta, lá foi roendo o ôsso, e nós roendo-nos na consumpção de sentimentos ruins.

Estavamos a 22-7.º-918, a ordenança fachina da minha barraca, o cabo francês Oruz, 3 citações, 2 cruces de Guerra, sendo uma com palma, mostrou-me a caderneta da sua esquadra, documento oficial, contendo escriturados os seus soldados com toda a minucia, preceito de bôa prática como precioso auxiliar do comando em todas as conjuncturas, e seria entre nós um meio de radicar a autoridade do nosso chefe de grupo, correspondente ao cabo de esquadra francês.

Tendo constado que a Comandantur nos cederia umas caixas de bolacha destinadas aos prisioneiros romenos que já haviam sido repatriados, um prisioneiro puxou de lapis e papel, e fez o cálculo da partilha, concluindo pela força dos numeros, caber a cada a beleza de 50 bolachas!...

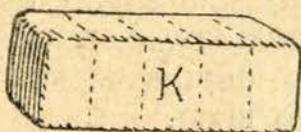
Satisfeito com o seu calculo, esfregava as mãos de contente, quando um companheiro que vira o calculo errado, o advertiu mansamente para lhe evitar alguma forte comoção: Mas como é essa conta de 50 bolachas? Vê lá bem que te enganaste.

Ele voltou a conferir e concordou ter errado, atribuindo a culpa aos zeros maléficos, o que lhe provocou grande decepção, mergulhando-o de novo em maior tristeza.

Ainda bem que o companheiro deu pelo erro a tempo, senão seria capaz de comer adiantado o pão da ração, que nessa altura ainda era para 5 dias e depois passou a ser destinado a 7 e mais dias, ao que aliás não resistia, mesmo sem outro motivo que o justificasse.

Logo que recebia o meu pão, marcava-o cuidadosamente nas 5 rações para os 5 dias a que era destinado.

Cada ração teria 200 gr. O pão tinha a forma paralelepipedica:



Até o seu consumo nos servia para educar a vontade. Quando á noite, antes de deitar, pelas 21 h. 30, comia a ultima magra fatia para entreter o estomago, tinha de reunir todas as paixões, necessidades e sentimentos perante o tribunal da consciencia, para sopesar a enormidade do crime em que incorreria na transposição do traço previamente marcado no pão, como fronteira entre os dominios da fome do dia que findava e da do dia seguinte, mesmo porque era preciso trazer a fome equilibrada.

Houve um prisioneiro que, tendo recebido o pão para 5 dias, não resistiu á tentação de o comer todo duma assentada, bebendo-lhe em cima uma cerveja; de tal procedimento para com o estomago desprevenido e desabituaado de maré cheia resultou-lhe uma forte indisposição, e o triste pão, unico e solitário, foi vomitado e perdido.

Tivemos conhecimento de que tinham chegado ao Campo, havia já alguns dias, muitas cartas de Portugal, mas ainda não as distribuiam por terem de ser submetidas a um banho quimico revelador de segredos. Era mais o suplicio de Tantalos na angustia do nosso martirologio, termos as cartas ali e ignorarmos se alguma nos pertenceria. Eu sentia essa amarga duvida, tendo já recebido 6

cartas em datas anteriores; quanto a sentiriam aqueles, muitos ainda, sem noticias de suas familias!

Para garantir no inverno o máximo aceio compativel com a situação, tinhamos de lavar a camisa unica, encardida sem sabão, que ainda não chegára o das encomendas, e sem forças para a esfregar, esperando depois a sua seccagem ao escasso sol que raro fazia.

No dia 26-7.^o-918, tive um bafejo de felicidade, pois pelas 11,45.^m o nosso alferes padre Ferreira informava-me de ter chegado ao Campo a minha primeira encomenda, remetida por minha mulher. De 9 de Abril a essa data, apenas alimentado pela miserima ração-esmola que me puzera o esqueleto á mostra; esvaia-se-me o cerebro, desmemoriando-me e sepultando-me em permanente deliquio. A profundidade do nosso inferno e o pavor da morte lenta eram tais, que a depressão física e moral já nos avisinhavam do desespero.

Ah! Mas não estranhe quem não experimentou bem a fundo a adversidade!

De forma que a primeira encomenda foi dar-me resignado conforto ao corpo e ao espirito.

Outro tormento violento consistia em assistir á distribuição da correspondencia; corriamos todos de coração surpreso e alvoroçado, e escutavamos cheios de ancia os nomes que iam sendo apregoados, mais impressionados ainda aqueles que estavam sem as primeiras noticias da familia, das mulheres, dos filhos, dos pais; tanto mais que corria estar a Patria infestada pela epidemia pneumonica, fazendo milhares de victimas. Iam decorrendo os nomes em voz alta, ouviam-se as exclamações dos felizes, viam-se as fisionomias decaidas dos preteridos pela sorte. E ao finalizar a chamada, tudo

debandava, exultando os bafejados nessa especie de lotaria, mais consumidos e de olhos rasos de água os mais uma vez desiludidos.

Mas tambem a violencia das fortes alegrias têm grandes perigos; houve disso entre nós um grave exemplo: Um alferes prisioneiro portuguez, no Campo de Königsberg, ao receber a primeira carta de sua esposa, repleta de boas noticias, chocou-o tanto a alegria, que o juizo se lhe toldou, e endoideceu!

Por 28-7.^o-918 chegaram ao Campo vindos de Strasburg 25 officiais portuguezes, que para ali tinham sido remetidos de Rastatt. Um desses officiais, o Tenente Belo do B. I. 2, que no 9 de Abril fôra ferido de bala num braço, e nas costas por estilhaço de granada, contou ter sido tratado dos seus ferimentos em postos de socorro instalados nas igrejas, em conjunto com muitos feridos alemães que nos dias 9 e 10 de Abril viu passar junto a si. Só depois foi para um hospital. Aí amputaram um braço a um cabo do B. I. 2, que sob a acção do cloroformio da operação gritava que queria lhe restituíssem o seu braço, senão que mataria todos os presentes.

Tambem um capitão medico prisioneiro narrou ter observado na Belgica o estado moral abatido como os alemães já avançavam para a luta, chorando officiais e soldados; e que em Lavantie em 9 de Abril, as poucas casas que escaparam estavam cheias de numerosissimos feridos alemães.

Em 31-7.^o um prisioneiro recebeu uma carta de sua familia, referindo ter havido em Lisbôa uma reunião de senhoras das familias dos prisioneiros, que haviam solicitado do Chefe do Estado para serem encetadas negociações com a Alemanha afim

de se efectuar a troca de prisioneiros ou o internamento em país neutro. Dizia a carta que a comissão fôra bem recebida e que as negociações para esse fim estavam já iniciadas com o auxilio de Afonso XIII. Estas noticias embora com pouca probabilidade de realização, tinham o condão de nos servir de lenitivo ás nossas amarguras, acenando-nos com o conforto que faz vislumbrar ao naufrago a taboa de salvação.

Um prisioneiro português da leva de Strasburg, fez referencia à forma obsequiosa como ali haviam sido tratados por officiaes prisioneiros italianos e franceses. Tambêm os officiaes ingleses tinham abundância de alimentos, mas como mais previdentes tudo enceleiravam, olhando ao que de futuro pudesse vir, não achando a ocasião propicia para generosidades, pois se havia quem tivesse fome, tambem a êles poderia chegar a vez de te-la, e era bom fazer por evitá-lo...

Officiaes italianos prisioneiros disseram que sempre que no cativo estiveram em contacto com officiaes ingleses, lhes observaram abundancia de abastecimentos que recebiam do seu governo, mas embora os vissem a êles esfomeados, não eram de feitio a ter generosidades.

Esses officiaes italianos tambem descreveram afrontas a que os alemães os sujeitaram nas viagens de exhibição através da Alemanha para alimento do fogo sagrado. Aviltavam-os escarrando-lhes para cima, precisando ocultar a cara com os braços e muitas vezes de limpar com o lenço os escarros que lhes cuspiam. Soldados italianos que empregavam em trabalhos, chegaram a morrer de fome; houve um dia em que numa certa região morreram 16. Estes maus tratos eram attribuidos á circumstancia de os italianos terem tido tratado

de aliança com alemães e austriacos para o caso de guerra, e terem faltado a êsse compromisso.

No Campo de Breesen in Mecklemburg estavam conosco uns 40 oficiais polacos, feitos prisioneiros quando conspiravam contra a Alemanha.

Alguns usavam casacos de cabedal, faziam continencia com 2 dedos, e na posição de descanso em formatura cruzavam as mãos atrás das costas.

O seu aspecto, em geral esguio, acomodava-se ao tipo russo no fardamento e estatura. Alguns apresentavam-se de esporas que os alemães lhes haviam deixado, preferindo ficar-lhes com os caválos... De resto, gosavam dum trato especial, porque os alemães pensavam em resolver a questão polaca dando-lhes um príncipe alemão para seu governo... dêles.

Em 1-8.º-918 todos os oficiais portugueses foram chamados á secretaria da Comandantur para lhes serem registados os sinais e a altura, sendo a alguns passada minuciosa revista, medida esta preventiva para o caso de identificação. O dinheiro que encontraram pertencente aos prisioneiros ficou em poder da Comandantur, passando o tesoureiro uma caderneta a cada possuidôr de dinheiro.

Nas barracas existiam uns armarios estreitos e alongados destinados á guarda dos infimos haveres dos prisioneiros.

Um dêsses armários estivera certamente a uso dum primoroso artista pintor, pois tinha na porta, pintada a côres, em tamanho natural, uma deslumbrante e gracil mulher, a fazer-nos negaças com as mãos em frente do nariz, naquele sugestivo gesto trocista. Não era sómente morrer á mingua de alimentos, era tambem morrer na falta absoluta de affectos! As mães, as esposas, as filhas, as mulhe-

res!... Foi feita a pintura por quem sentiu e sofreu, e nos quiz patentear num ardil delicado o que ia oculto na alma de cada prisioneiro...

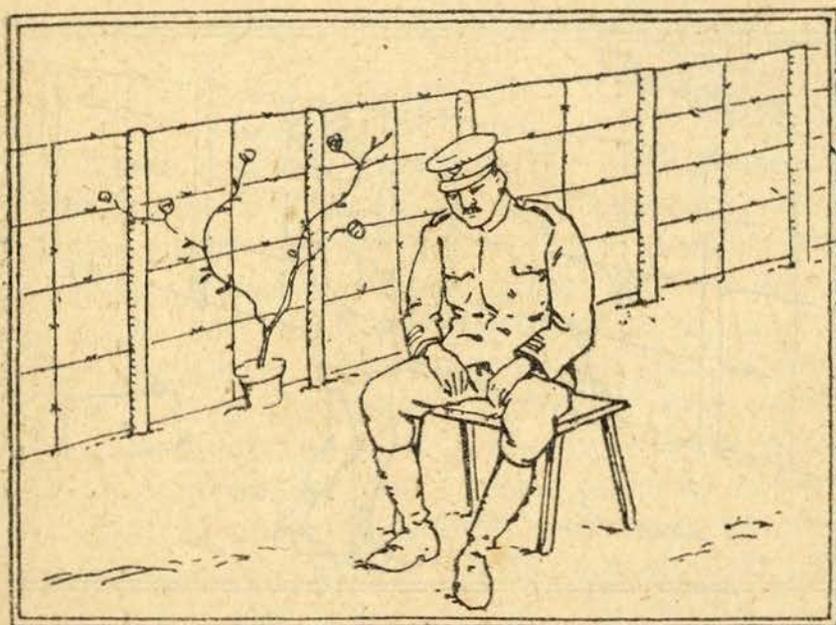


O estro incipiente e desbotado voltou a borbular :

O prisioneiro anda triste
A pensar na liberdade ;
Mais triste quanto mais pensa,
Pensando cresce a saudade.

A primavera a sorrir
Põe florinhas no canteiro,
Só não consegue florir
A alma do prisioneiro,

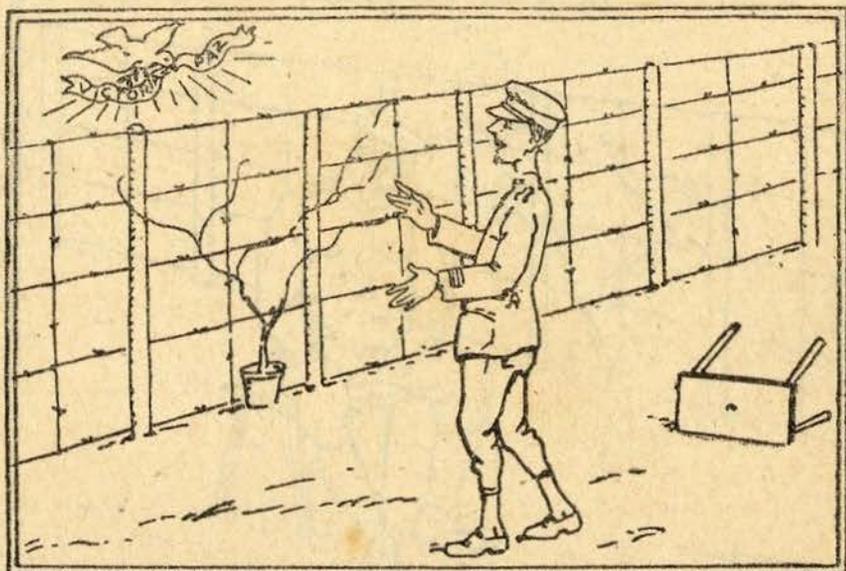
Ocultas as grades com rosas,
Enlaçando com carinhos
Suas chagas dolorosas,
Mas, a rosa tem espinhos.



Este gracejo com a dôr, foi completado em
11-11.º-918, data do Armistício :

Os irmãos do prisioneiro,
Iluminados de Gloria ;
Destruíram o cativoiro
Enlaçados na Victoria.

Põe de parte as suas dôres,
Todo o martirio esquece;
Com mil abraços e flores
O prisioneiro agradece.



No dia 11-8.º-918, teve lugar mais uma conferencia, pois que algumas haviam já sido realizadas por vários officais, tendo todas o condão de nos suavisar amarguras e matar tempo. Foi esta apresenta a pelo alferes Hernani Cidade, tomando Camões para assunto. No final pediu a todos que se reunissem em volta da Memória do nosso Epico como simbolo da Patria, sendo esse pedido feito como protesto contra a pol t quice, que mesmo ali cativos, miseros, apesar de tudo nos dividia.

Por essa data conjectura-se o fim da guerra ; o tenente ajudante alemão confessou estarem os alemães sofrendo reveses em todo o Front, parecendo jogarem-se as ultimas.

A titulo de curiosidade pelas preciosidades

que a entretecem cabe aqui transcrever a ordem seguinte, em extremo característica:

ORDEM DA COMANDANTUR

PASSEIOS

1) Os oficiais prisioneiros portugueses não teem direito á concessão de passeios, visto não existir ainda acordo algum entre a Alemanha e Portugal. A sua concessão pode por isso ser retirada. Os que neles participarem teem que sujeitar-se a cumprir todas as ordens e prescrições publicadas pelo Comando com respeito a passeios. No caso contrario estes serão suspensos, alem de outras punições que os oficiais poderão sofrer.

2) Dos passeios podem participar os oficiais que tenham assinado a «Carta de palavra de honra» destinada a esse fim. A «Carta de palavra de honra» deve ser entregue ao Comando antes de sair para o passeio, e ser restituída ao prisioneiro ao findar o passeio.

3) Os passeios devem ter logar por grupos, em geral não excedendo 20 oficiais. Cada grupo deve ser acompanhado por 1 cabo e 2 soldados. Estas praças não teem por fim a guarda dos oficiais, mas apenas serão os seus guias, ainda que teem a obrigação de vigiar pelo cumprimento das prescrições. As indicações dadas pelo cabo devem ser imediatamente cumpridas, ficando reservado o direito de reclamação mais tarde aos oficiais.

4) E' expressamente proibido aos oficiais terem relações com a população civil, entrar nas habitações, comprar ou trocar quaisquer géneros, etc.

5) A' entrada das povoações, a frente deve fa-

zer alto, e todos os officiaes reunirem-se, devendo assim reunidos atravessar as povoações.

Breesen, 23 de Junho de 1918.

(a) Amburst, major e Comandante do Campo.

As humilhações contidas e mal disfarçadas nestas alineas eram apropriadas á triste condição de prisioneiro.

Num pedaço dum *Diario de Noticias* de 11-4-918 que entrou no Campo enrolado numa encomenda, lia-se a noticia incompleta da offensiva alemã de Armentières. Dizia que os alemães depois de efectuaem um dos maiores bombardeamentos, atacaram as linhas portuguezas protegidos por denso nevoeiro, rompendo as linhas em consequencia da superioridade numérica. Frisava o facto de termos sido atacados pela frente e rectaguarda. Prestavam-nos referencias elogiosas as informações inglesas e francesas. Que opôz brilhante resistência a nossa guarda da rectaguarda, evitando que o inimigo produzisse um mal de mais importancia. Frisavam estas noticias o facto brilhante dum povo pequeno estar representado valorosamente na 1.^a linha; e denominavam-nos fieis aliados... Calculam em 8 Divisões o efectivo alemão que atacou o C. E. P.

Se a memoria me não falha, um interpetre alemão que no dia 9 de Abril encontrámos no caminho de Salomé, referiu-se a 9 divisões alemãs empenhadas na luta.

Com a devida vénia, cabe-me enxertar aqui o meu juizo, com o testemunho da minha presença no 9 de Abril, sobre o ponto do campo de batalha onde caiu a violencia mais formidavel da luta; creio

teria sido em Fauquissart, onde os alemães concentraram os seus maiores esforços, o que é atestado por ser onde baquearam mais defensores, sobretudo do B. I. 29, do comando do sr. Major Xavier da Costa, onde muito grande foi a percentagem de baixas. E' natural que assim succedesse por ali o terreno se apropriar mais ao avanço, embora em La Bassée, na Rue des Chavattes, onde gosei o espectáculo em frente de Lacouture, também se houvessem saboreado belas arremetidas teutonicas das 4 h. ás 11,30^m.

Noutro jornal, com referencias ao 9 de Abril, vinham incluídos numa lista de feridos em campanha, as seguintes praças do B. I. 4: soldados da 10.^a, 412 Antonio Salles, 451 Belmiro Pedro, 695 Joaquim Gonçalves Carrapatinho; da 11.^a, 460 Victorino Viegas Mendonça, 577 João José dos Santos, 660 Manuel Verissimo. Intoxicados de gases: 12.^a, alferes Barbosa, 10.^a, soldados 726 José dos Santos, 732 João Martins Cavaco.

O jornal *Belgique*, de 12 e 13-8-918, nos seus comunicados officiais das potencias centrais e aliadas, descrevia muita actividade no front de Oeste.

Os alemães nos seus jornais procuravam occultar os seus revéses afim de não desmoralizar os povos, empregando termos apropriados como «replier», «nouvelle ligne», «arrière garde de la retraite strategique de Hindenburg», «attaque echouée» etc... Mas pelo que se lia nas entrelinhas, pelos comunicados dos aliados transcritos nos mesmos jornais, pelas informações traduzidas dos jornais alemães e expostas no placard da nossa comissão central, e ainda pelo «nous retirons au terrain plus favorable», e também pelos 300 canhões e 25.000 prisioneiros feitos pelos aliados, concluía-se que a luta ia rija e que os alemães não levavam a me-

lhor; e os sintomas eram de não ficar por ali a lambada em paga de contas atrasadas.

Merece relato a narrativa sôbre a estada dum grupo de 25 oficiais prisioneiros portuguezes num campo em Strasburg, pelas amabilidades que encerra. Era o official chefe dos prisioneiros franceses nesse Campo um individuo finissimo e inteligente; parecia sonhar de noite amabilidades a prestar aos portuguezes em cada dia, dando-lhes alimentação, vestuario, etc., e estabelecendo-lhes relações com o Comité de Lyon que lhes enviava Colis.

Tambem pelos jornais soubemos que a 11-8-918 os alemães foram atacados em condições identicas àquelas que lhes permitiram avançar no dia 9 de Abril contra o front português.

Exprimiam-se da seguinte forma :

A infantaria estava completamente entregue ás suas proprias forças visto que a opacidade do nevoeiro protegia o avanço inimigo de maneira que só se via surgir a sua sombra quando estava à distancia de alguns metros das trincheiras.

Não era possivel constatar a sua aproximação pelo ouvido porque o barulho infernal de milhares de canhões o não permitia.

A infantaria viu-se reduzida á sua defesa numa partida tão desigual.

Por estas palavras se vê que em condições identicas sofreram bem os mesmos efeitos; o que de resto já tinham confessado pela bôca dum coronel alemão, que dissera que tropas alemãs no caso das tropas portuguezas em 9 de Abril, não conseguiriam mais resultados.

Dizia tambem o *Belgique* de 13-8-918 que as metralhadoras alemãs adotavam fitas de balas apropriadas a lutar contra tanks, e para o mesmo fim

as granadas de mão eram amarradas em feixe a fim de destruírem as rodas daqueles engenhos.

Em 17-8-918 chegaram ao Campo, vindos do de Fredicsfeld, a 30 quilómetros da Holanda, 12 soldados portugueses para serviço do Campo. Um dêles era o Bacôco, seu apelido legitimo, ciclista do B. I. 4.

Descrevendo a sua odisseia desde 9 de Abril, diz que um dos alemães que o aprisionou estava tão toldado de vinho, que com uma pistola matou um dos próprios camaradas alemães metendo-lhe uma bala na cabeça, tombando varado mesmo a seus pés. Como os alemães obrigassem os prisioneiros a carregar com os seus feridos, ele e mais dois combinaram fingir êle de doente atacado de gases, para que os outros o levassem amparado pelos braços; com tal manha se livraram de transportar maior carrego. Que tinha trabalhado muito e curtido muita fome, alimentando-se a beterraba e sementes pretas.

Por duas vezes andou a carregar pedra em vagon; tinham de carregar 6 vagon por dia, trabalho em que muitos portugueses ficaram alejados, êle próprio ainda estava ferido numa mão. Achei-o tambem muito magro. Contou mais que grande numero de soldados portugueses juntamente com ingleses, foi levado para Armentières para carrego de munições de artilheria; foi mais um abuso da kultur, sujeitar soldados prisioneiros á condução de granadas.

Dignos de nota, vi alguns productos da paciencia, vagar e sobretudo habilidade de alguns prisioneiros, principalmente uma caixinha de madeira toda polida, gravada e cheia de beleza, feita pelo alferes Djalme, bem como um bandolim construido pelo alferes Almeida do B. I. 4.

No dia 22-8-918, recolheram ao Campo, vindos dos hospitais, os seguintes oficiais feridos no 9 de Abril:

Ten. Coronel Mardel Ferreira, ferido nas pernas, Cap. Angelo Moreira com 7 ferimentos, na cabeça, numa mão e numa perna e pé, indo ainda muito coxo e apoiado a duas bengalas; Alf. Sá Vieira do B. I. 13, ferido junto à clavícula por estilhaço de granada; Alf. Salgado do B. I. 29, no ombro direito ficando muito preso de movimentos do braço; êste oficial também foi ferido pela mesma granada que matou o Ten. Eduardo Guerreiro, que não morreu logo, tendo sido ainda pensado pelos soldados da companhia, e matou instantaneamente o Cap. Serrão Machado.

Eu tive por companheiro de barraca, um oficial que para matar a fome não fazia como aquela pobresinha da poesia nefelibata, que se punha a contar as estrelas, o que melhor fôra; mas que tendo alcançado um violoncelo, áparte uns raros momentos de boa e sentimental música que deliciava, levava intermináveis horas a ensaiar com tal frenezi, que não era possível aos meus pobres timpanos afrontar tantas vibrações que não comessem a zumbir e a latejar.

Então fugia, abandonava constrangido o meu pobre tugurio ao canto da barraca, e ia refugiar-me lá para o mais recêso do Campo, impellido pela necessidade de não ouvir.

Um dia porem, depois do nosso pseudo jantar, estava o prisioneiro dando largas á sua arte pelos acordes do violoncelo, quando de subito nos entra pelo quarto dentro um corpalhudo rapazote imberbe, oficial polaco ou polonês, prisioneiro do compartimento contiguo ao nosso.

Vinha possuido duma grande algaraviada e

gesticulação que ninguém entendeu, conseguindo por fim por gestos e momices universais fazer-se compreender mais ou menos: lá pedir para acabar o violoncelo que lhe incomodava a cabeça e não o deixava estudar a lição.

O nosso companheiro supondo-o doente, interrompeu o seu cultivo de arte e passatempo.

Como porem houvesse no Campo um polaco que sabia francês, serviu de interprete no caso, ficando-se inteirado de que o pequeno como estava em principio de carreira desejava que não se tocasse durante o dia para poder estudar a lição.

Era exigente, queria tudo a seu bel-prazer.

Foi tambem nesse dia 26-8-918 que compartilhei do primeiro passeio de hora e meia de duração. Foi pelas estradas. Não tinham interesse os sitios que vi; Roggendorf é um pequeno agrupamento de casas; proximo descobre-se em meio do arvoredos uma casa apalaçada. Passámos junto a uma propriedade onde trabalhava um prisioneiro inglês, que chamou dois de nós e deu-lhes maçãs e peras e uma cigarrilha a cada. Para de alguma forma dar utilidade ao passeio fui comendo amoras de silva e apanhei um ramo de flores do campo, muito lindas, que transportei para a barraca onde as coloquei a enfeitar numa lata de conserva vasia.

Nesse passeio, como nota edificante dos tempos, vi passar um carro de campo com soldados prisioneiros e raparigas alemãs á mistura; era a acção do tempo limando as arestas entre os inimigos.

As botas do official alemão, ajudante do Campo, estavam cheias de tombas, uma delas quasi do tamanho da bota, o que atestava a grande falta de cabedal que havia na Alemanha.

Dessa data em diante pronunciou-se mais a tendencia para desaparecer o pão; passou a ser por forma que 6 das rações que até ali recebiamos, se estendessem para chegar para 7 dias. Foi mais um motivo para novo aperto de botões no cós das calças. Foi feita reclamação para o ministro de Espanha em Berlim sobre a diminuição da diminuta ração de pão; a continuar assim tendiam a destruir a regra da indivisibilidade do átomo.

Os oficiais polacos iam partir brevemente, a 30-8.º; para a Polónia, a seu pedido. Iam passar a ter Patria, Monarquia independente, mas uma independencia ficticia; os seus recrutados seriam instruidos por oficiais alemães, isto é, os polacos seriam dos Centrais.

No ultimo passeio, uma mulher de idade e umas crianças alemãs ofereceram maçãs aos prisioneiros que passavam fome; a mulher mandando as crianças dar, educava-as nos sãos principios de humanidade e amor ao semelhante.

Muitos prisioneiros italianos e russos morreram á fome; tambem não recebiam recursos dos seus governos, o que não sucedia aos franceses e aos ingleses.

Fomos prevenidos de que não deveriamos empregar tinta roxa na correspondencia porque alastrava ao ser-lhe aplicado o banho quimico da censura.

No dia 5-9-18 houve novo passeio para o meu grupo.

Passeava-se mais para apanhar alguma coisa de comer do que por distracção e higiene. Nesse passeio fez-se alto junto a um campo de trigo ceifado, á beira da estrada. Como a ceifa fôra recente, espalharam-se todos ao «rabisco», a respi-

gar, aproveitando os bagos caídos das espigas; alguns conseguiram reunir uns punhados de trigo que depois moeram e fizeram em papinhas.

Chegava-nos a noticia de que a essa data já os aliados haviam recuperado as nossas posições de 9 de Abril. Os alemães ao recuarem desculpavam-se desse movimento como sendo propositado e com o fim de tornarem o front rectilíneo, para obrigarem o inimigo a atacá-los de frente, mas o que os desmentia eram os inúmeros prisioneiros e artilharia que deixavam nas mãos dos Aliados. No dia 3-9-918 os Aliados penetram nas linhas de Hindemburgo e fazem 10.000 prisioneiros.

Como o inverno vinha já asperrimo e muitos prisioneiros não tinham agasalhos, a Comandantur forneceu alguns capotes aliados que tinha armazenados, para serem distribuídos pelos mais necessitados.

O velho comandante do Campo de Breesen, Major Amburst, era rabujento mas de bom coração, alma generosa e characterrecto.

Da Dinamarca avisaram que nos iriam enviar generos almenticios gratuitos, e que escreviam á Cruz Vermelha Dinamarqueza com o mesmo intuito.

Recebemos do Hotel de ville de Lyon algum café, chá, assucar, carne e sardinhas.

Soube-se por meio de uma carta, que o nosso Governo, em resposta ao Gremio dos médicos de Portalegre, dissera que não se podia pedir ao Governo alemão para activar a identificação nem a repatriação dos médicos, visto que estes ficavam á disposição do Governo alemão, não devendo ser considerados prisioneiros; e seriam repatriados se o Governo alemão dispensasse os seus serviços. Lembrou o chefe de gabinete do Ministerio da guer-

ra que seria preferível pedir para que os médicos ficassem nos Campos de concentração de prisioneiros afim de socorrerem os seus compatriotas, a pedir-se a sua repatriação.

Um jornal alemão transcrevia dos aliados que a batalha decisiva teria lugar brevemente; actuaria por surpresa e pelo número. 1.500:000 americanos constituiriam a reserva.

Com que entusiasmo falava o caporal Oruz, verdadeira alma de poilú, o coração francês chorando pela sua Patria destroçada, antevendo o gozo da vingança. Que consolação êle sentiria se visse os Aliados dentro da Alemanha na desforra da França por tanto sofrimento! As aldeias da França!... Era um simples cabo. O ardor e a fé com que êle falava do seu general Foch, e no Comando unico. Era ver como se avançava sempre desde que havia um só chefe, e um chefe a valer; chefe já de antes da guerra, oficial de carreira.

Este francês era um belo modelo de soldado; dispunha bem ouvi-lo e vê-lo. Mostrava bem como é diferente combater longe da Patria de combater sangrando-nos o coração por vê-la despedaçada; com soldados nesta condição, é mais preciso sofrealos que incita-los. O que êles veem e presenciam incita-os e enraivece-os contra os que lhes espesinham o sagrado solo da sua Terra. O cabo Oruz era disto um vivo exemplo.

Traduzia-se dos jornais alemães que os aliados iam atacar com três elementos soberanos; surpresa, massa e rapidez.

Dia 14-9.º, foi lido ao appel um aviso prevenindo de que seriam restituídos e não seguiriam ao seu destino os bilhetes postais escritos com letra muito miuda, por dificultarem a censura. Como nos haviam limitado o número de linhas, procuravamos

escrever mais alguma coisa diminuindo a letra, mas logo veio a ameaça a corr gir-nos.

No dia 15-6. 918 anotava eu o seguinte: Estou querendo escrever uma carta de familia, mas nela não se pode dizer o que se sente. Nesta triste situação nem com os entes queridos se pode pensar livremente. Muito que o pensamento dite vem algemado nas garras da censura. Se quizeramos verter todo o fel que nos ia na alma, mesmo o espectro da dôr que causaríamos naqueles para quem escrevessemos e pelos qua s ali tão bem sentiamos to a a grandeza do nosso affecto, nos obrigaria a calar. O prazer imenso que se sente ao escrever uma carta, que como que nos transporta ao seio da familia, ao que nos é mais caro, substituindo a conversação com os entes queridos ; todo êsse prazer, todo esse deleite da nossa imaginação fica aniquilado.

Os mil carinhos, delicadezas de alma, anceios, corações, beijos, abraços, tudo aquilo que signifique intimidade, fica exposto á indiscrição do censor que nos restringe a liberdade de sentir, de pensar, e nos transtorna a forma de dizer. de escrever, transformando-nos a carta, único elo com a felicidade grandiosa da f mil a de que no captiveiro poderíamos sentir a suavidade, num producto ibrido do nosso doloroso cogitar, para enf m poder seguir sem entraves, reduzida a um simples papel com letras:

IX — Mais ephemerides

Dia 15-9-918. Foi punido com três dias de prisão um prisioneiro ! O alferes A. Boavida, irrisão da sorte, boa vida!, foi punido por ter pregado na parede da barraca junto á sua cama, uns pos-

tais ilustrados com as bandeiras aliadas e frases alegóricas importando desprestígio para os alemães.

Foram-nos rejeitadas varias cartas destinadas ás famílias por estarem escritas em letra mais meua do que elles queriam, acompanhando a rejeição com a ameaça de que de futuro quando assim succedesse não seriam restituidas e não seguiriam, sem que disso tivessemos conhecimento. Era a segunda intimação sobre o tamanho da letra, e era difficil de cumprir, porque as letras que a elles pareciam miudas, eram para nós de molde a parecerem-nos tão grandes que uma só abarcava a carta toda.

Dia 16. Dos jornais extraem-se noticias varias, tais como, que a Austria se dirigira ás potencias beligerantes amigas e inimigas, convidando-as a enviar representantes a um país neutral para conversarem sobre a paz, mas sem que essa reunião de delegados representasse quebra de hostilidades, e sim com o fim de analysarem se sobre as circumstancias então presentes se poderiam iniciar negociações tendentes áquele fim.

Que os americanos e franceses em S. Mihiel continuavam a avançar, tendo já em seu poder cerca de 25 km. e 13000 prisioneiros.

Que os franceses haviam já respondido á nota da Austria, não querendo conversas sem que os alemães evacuassem primeiro o territorio francês.

Que os aliados já bombardeavam Metz com artilheria grossa e que muitos aeroplanos despejavam diariamente muita metralha sobre cidades alemãs, como Karlsruhe, passando por sobre a Alsacia-Lorena sem lançarem bombas.

Que a Alemanha, de futuro só lutaria pela sua defeza e por uma paz sem compromissos.

Dia 20. Regressou do hospital um alferes que

ali havia baixado por haver sofrido desaranjo mental.

Dia 21. Constatou que na estação do correio de Roggendorf fôra descoberto e preso um gatuno das encomendas, dizendo-se que era o serralheiro da estação.

Dia 23. O Comandante do Campo achou pretexto para punir com 3 dias de reclusão um tenente prisioneiro português, por lhe ter sido encontrado um capacete metálico francês, que não entregára por constituir para êle um «souvenir».

Dia 3-10.^o-918. Os aliados tomam Cambrai, Armentières e Saint Quentin, tendo feito 30.000 prisioneiros e tomado 200 canhões, e a Bulgária entrega-se.

A temperatura desceu a 7 graus centígrados, porem os nossos animos confortam-se e são acalentados pelas boas novas.

Dia 5-10.^o-918. Aniversário da minha estreia nas trincheiras. Telegramas dessa data mencionam que a Alemanha pedira armistício em terra, no mar e no ar, afim de se tratar imediatamente da discussão das condições de paz.

Dia 7. Metz está em poder dos aliados.

Dia 11. Que Berlim está embandeirado, festejando os pronuncios da Paz.

Dia 12. Confirma-se a noticia de que a resposta a Wilson sôbre a Paz, já foi dada afirmativamente, e que já seguem para Haia os plenipotenciarios da Paz.

Por este desencadeár de noticias mais ou menos veridicas se pode fazer uma palida ideia dos abalos por que ia passando o nosso atribulado espirito.

Nesse dia, o corneteiro alemão entrou pelas

barracas á hora do Appel, saudando com «bon jours» e a dizer Friede! (Paz).

Colhi da narrativa do alferes Sá Vieira do B. I. 13, ferido no 9 de Abril, que havia sido muito bem tratado, num hospital alemão, por enfermeiros franceses e por um medico russo. A dedicação que para com êle teve um enfermeiro francês, foi ao ponto de passar as noites em claro á sua cabeceira, abraçando-o e beijando-o a chorar ao saber que ele seria operado.

Tendo-se convencido o Comandante do Campo, major Amburst, não sei por que espécie de apparencias, de que tivera havido qualquer conflito inverosimil e vias de facto hipotéticas entre officiais prisioneiros, deu á publicidade prisional um documento educativo que merece transcrição :

«Tive conhecimento de que houve há poucos dias um conflito pessoal entre dois officiais prisioneiros neste Campo, que levou a aggressões fisicas. Se eu em geral não tenho querido intervir nas questões pessoais dos officiais prisioneiros, é no entanto meu dever como comandante reprimir com rigor tais acontecimentos porque a ordem e a disciplina do Campo são por êles em perigo. Tais aggressões fisicas por forma alguma deveriam dar-se numa classe social como é aquella a que pertencem officiais. Todo o homem educado deveria ter sobre si uma tal força de vontade, que mesmo num momentode maior cohera pudesse dominar-se, sem se deixar levar a tais manifestações de força fisica. Conflitos entre prisioneiros de guerra deveriam resolver-se com a boa vontade e a disciplina que deve haver nos que pertencem a uma classe educada, recorrendo ao conselho dos camaradas que pela idade e posto estão superiormente colocadas, e que estão sempre

prontos a prestar para isso o seu auxilio conciliador, etc, etc...

Neste documento o Major Amburst individualisa o ideal da Sociedade das nações quanto a conflitos armados...

Dia 26-10.º. Que as Linhas de Hindemburgo estão já completamente na posse dos Aliados.

Um prisioneiro português, cabo de infantaria, foi bastante ferido num dedo, numa fabrica onde trabalhava, e um soldado prisioneiro ficou aleijado dum a mão devido a um calo trilhado; nesse estado queixava-se para ser presente ao médico, mas não o atendiam, obrigando-o a continuar no trabalho.

Na noite 19/20 do 10.º, um capitão, ainda muito fraco dum ferimento recebido no 9 de Abril, e esquelectico pelo regimen alimentar do cativo, teve um forte abalo nervoso, soltando um grande grito de aflicção que acordou em sobresalto os companheiros visinhos, e esteve um mau pedaço sem dar acordo de si. Um bom camarada correu descalço pela lama e em camisa, a chamar um dos médicos portugueses, mas felizmente foi cousa passageira, recuperando os sentidos com o auxilio dum frasquinho de sais.

Corria que os alemães estavam em risco de serem cortados na Belgica, entre o mar e a Holanda.

Que o Comandante do Campo formára o pessoal e lhe fizera predica incitante á resignação, porque estavam sós, visto que a Austria e a Turquia haviam deposto as armas.

Um jornal alemão dizia que em alguns pontos a retirada era tão rapida que a aviação dos aliados perdia-os da sua observação. Que os franceses se apoderavam de quasi toda a artilheria. Emfim era o fim!

Chegou-me não sei de que proveniencia a se-

guinte quadra destinada aos festejos a realizar em Lisboa a favor dos prisioneiros, e que aqui acolhi com todo o carinho e gratidão por definir tão bem a nossa situação:

Sem um sorriso de amôr!
Sem um beijo de mulher!
Sem lar, sem pão e sem luz!
Pobres filhos do Dever!

Dia 24-10.º-918. As hipóteses de proxima paz vão-se desvanecendo; na America lavra a tendencia para uma Victoria completa, segundo rezam os jornais alemães; e na Inglaterra e na França vai vingando a mesma doutrina.

Um dos membros do Governo inglês diz não ser rasoavel haver essa esperança de proximo fim; que não está tão proximo como se imagina.

Dia 25-10.º-918. Wilson responde gostar da nota alemã, e que apresenta-la-ia aos Aliados em Versailles. Torna assim a crescer a esperança de paz proxima no espirito dos prisioneiros sempre em bolandas.

Consta-nos que o governo alemão a fim de evitar qualquer revolução, mandara distribuir granadas de gaz á policia; até já lhes serviam para uso interno...

Como indicio de paz proxima, a Comandantur passou a permitir a distribuição dos livrinhos de mortaldas para cigarro e pasta para dentes, que até então eram apreendidos nas encomendas.

Dia 26-10.º-918. No parlamento alemão, um deputado, embora tardiamente, falou na fome que os prisioneiros sofriam, sendo pateado. Como se avizinhava o fim do prelio seria conveniente ir preparando o terreno pela amenisação dos martirios que

nos eram impostos, para assim evitarem o merecido ajuste de contas.

Dizia-se que o kaiser, partira, ignorando-se para onde. Que muito povo de Berlim em grande magote, foi a um Campo e soltou os prisioneiros, não querendo êles sair do Campo a não ser que lhes dessem um comboio que os transportasse á fronteira.

Dia 27-10.º-918. Chegaram ao Campo dois representantes da Legação de Espanha, um deles era coronel médico. A missão deles consistia em observar o tratamento dado aos prisioneiros franceses, belgas e portuguezes, em 400 Campos. Andavam nessa missão havia 4 anos.

Foi-lhes feita a resenha das desconsiderações e maus tratos sofridos; as humilhações em Rastatt com o depilatório; a agressão a oficiais prisioneiros por soldados alemães, com gaudio dos outros espectadores, de que foi apresentada queixa que não surtiu efeito, nem sequer meras palavras de desculpa; que nas reclamações sôbre alimentação nada se obtivera, excepto a oferta da Comandantur de Rasttat de acrescentá-la com água; atrocidades de que haviam sido victimas os soldados prisioneiros, sendo obrigados a trabalhar mesmo quando doentes e sem assistencia médica, ficando varios aleijados; que os que se queixavam de falta de forças para trabalhar, eram sovados e depois enviados de novo para trabalhos pesados em minas e pedreiras, sendo até forçados a trabalhar nas trincheiras e na condução de munições.

Foi-lhes narrada a expoliação pelo médico e pelo enfermeiro alemão, respectivamente das polainas e do relógio do oficial ferido no 9 de Abril. Que em Furnes foi subtraído a todos os portuguezes que por lá transitaram todo o dinheiro excedente

de Frs. 500, justificando o acto com o pretexto de reverter para uma sociedade de socorros. Que muitas das nossas encomendas desapareciam no trajecto, e outras chegavam maquiadas. Aos soldados e a alguns officiaes foi-lhes tirado o calçado, com a declaração de terem falta de cabedal. Que um soldado portuguez prisioneiro foi espancado por um sargento alemão, na presença de três soldados de baioneta armada, etc., etc.

Os membros da Legação espanhola declararam não ter dado entrada na Legação nenhuma das reclamações por nós a ela dirigidas, tendo tomado nota dos assuntos e das datas.

Afirmaram que o nosso Campo era o peor de todos os que por elles foram visitados, mesmo Campos de soldados.

Tambem foram informados de que a turfa que nos era fornecida era insufficiente para aquecer individuos do nosso clima; que devido á infima alimentação haviamos perdido muito peso, atingindo nalguns uma diminuição de 25 quilos; que em seguida á evasão de alguns officiaes, foram exercidas represalias sobre os que não haviam fugido; e outras coisas mais, todas em abono da grande humanidade germanica...

Disseram tomar tudo em consideração e que comunica-lo-iam ao Govêrno Portuguez, tanto mais que eram nossos irmãos de raça.

Dia 28-10-918. Foi nesta data que, vindo dum Campo perto da Russia, chegou ao nosso, o major Comandante do B. I. 29, sr. Xavier da Costa, que no 9 de Abril, como atrás referimos, fôra gravemente ferido.

Contou ter havido muita difficuldade na sua identificação, por ter desaparecido a sua placa de identidade, e terem-lhe tirado o fardamento; sendo a iden-

tificação abonada por dois médicos portugueses prisioneiros.

Falou também do alferes Leão que continuava ainda em curativo, com um braço quebrado em dois pontos, e um pé atravessado.

Referiu que foi admiravelmente tratado pelos franceses, que lhe deram de tudo como irmãos.

Dia 3-11-918. Corre ser opinião em Inglaterra que em todas as negociações de armistício seja incluída a condição de entrega imediata de prisioneiros.

Que Clemenceau no seu jornal diz que as condições de armistício para a Alemanha são tão deprimentes que é de supôr que ela prefira resistir até ao fim a aceitá-las.

Num jornal alemão Hindemburgo fala ás suas tropas dizendo-lhe que a Alemanha é invencível se todos se unirem em volta da bandeira da Patria que o inimigo quer esmagar.

Diz Hindemburgo ao povo que esteja em socego, que a honra e interesses da Patria estão ao cuidado do exercito.

O Comandante do Campo, major Amburst, fez visita ao major Xavier da Costa, e declarou-lhe que muito o comovia sabê-lo cego.

Dia 6-11-918. Constatou que os soldados alemães dos regimentos que partiam para o Front mostravam indisciplina dando tiros para o ar e soltando vivas á Paz, e que se entregavam sem combater.

O govêrno alemão fez proclamações pedindo socego por mais uns dias, que breve se faria a Paz.

Dia 8-11-918. O oficial que havia regressado do hospital por se achar curado de desarranjo mental, voltou a manifestar desequilibrio. Eram 7 horas da manhã, manhã de muito frio e neve, per-

corria êle as barracas, atravessando pela neve, em trajos menores e descalço, acordando a todos, officiais e soldados, perguntando-lhes os nomes, que em seguida repetia em ar de chamada, exigindo a resposta «pronto».

Se algum lhe dizia o posto, respondia que não havia postos, que queria só os nomes. Como lhe dissessem que o sr. major Xavier da Costa não o via por estar quasi cego, disse: Não vê? Já vae vê; a Providencia já o faz vê: Pronto, já vê.

Junto á cama de outro official, disseram-lhe que o dono dessa cama estava doente no hospital. Está no hospital? Já vou ver isso. E seguiu dizendo. Não querem crer que há bruxas. Tambem tentou ir fazer a chamada aos alemães, o que foi impedido; sendo acompanhado ao hospital por um camarada.

Mais uma vítima da nossa atróz situação. Esta serie de desatinos praticados por êle, mais nos vinham confranger a alma por nos patentear mais uma terrivel expectativa para nós, se tal situação perdurasse.

Dia 9-11-918. Um alemão disse que o belo império se estava desfazendo; que estava como um burro a quem batem no rabo e que por esse facto abaixa as orelhas. Esta alusão merece referencia por ser proferida por um indigena.

Nesse dia as sentinelas estavam de capacete; alguém disse a uma «le casque est très joli», ele respondeu, agitando-o no ar «c'est trop léger, c'est de carton»... Este era alsaciano.

Que uma comissão de generais alemães foi recebida por Foch, dois quilómetros á rectaguarda do Front, sendo-lhes entregues as condições do armistício, devendo a resposta ser dada dentro de 72 horas, até 2.^a feira proxima.

Parece haver qualquer desinteligencia entre a Inglaterra e a América do Norte por causa das colonias alemãs, que os americanos não querem que sejam anexadas, e os ingleses querem anexar partilhando-as com os americanos; e tambem porque o govêrno inglês não quer que seja concedida á Alemanha a liberdade dos mares.

Estão suspensos os jornais na Alemanha.

Dia 11-11.º-918. Alfim desponta o sol da Liberdade!

O dia está de sol mas frio, 1 grau centigrado ao sol; mas aquele outro Sol fá-lo refulgir e abraçar!

Foi indefinivel o transporte nos nossos corações em risco de nos estalar o peito, ao conhecermos a certeza do Armisticio coroado pela Victoria. Este santo dia trouxe-nos tanto balsamo, uma tal loucura de alegria, que foi de recear que nos matasse, tão forte foi o choque do contraste. Terminára a duvida torturante que nos oprimia, não nos permitindo ver o futuro sem um negro ponto de interrogação.

Em território francês já não havia alemães, foram de lá corridos em combate.

Num jornal *Welt in Bild* vinha reproduzida uma fotografia dum alojamento num Campo de concentração portuguez, com a qual pretendiam mostrar a má instalação de 22 marinheiros alemães prisioneiros num unico compartimento pequeno, pertença duma antiga fortaleza «Peniche».

Ainda se atreviam a criticar a forma como eram tratados os seus prisioneiros em Portugal!

Certamente tinham a barriga cheia, e a fortaleza não seria peor do que as pocilgas de Lille onde nos empilharam sôbre enxergas imundas de terra e lixo.

Dia 13-11-918 iam cessando gradualmente os preceitos da reclusão. Já nos eram entregues as encomendas sem censura, e as cartas fechadas. A luz dos arcos voltaicos empregada na vigilância do Campo passou a ser apagada ás 11 horas da noite.

Recebemos do Grupo Pró-Patria, constituído por portugêses no Brazil, tabaco, assucar e goiabada.

Constou que os soldados prisioneiros em Hamburgo, se haviam negado a trabalhar, acto este a que uma mulher revolucionaria respondeu, que na Alemanha quem não trabalha não come; sintôma de ordem pouco coadunavel com tamanha convulsão.

Hoje caiu alguma neve.

Dia 19-11-918. Começa a desesperar-nos tanto esperar pelo dia da partida. Varios officiaes prisioneiros foram á Comandantur pedir os seus depositos para se irem embora, o que lhes foi negado. Como em resposta foi afixado no placard da comissão um telegrama recebido na Comandantur, vindo de Altona, recomendando a continuação de rigorosa vigilância sobre os prisioneiros de guerra, e pedindo aos soviets, organisados nos Campos entre sargentos, para auxiliarem esse serviço; e que, segundo instruções do ministro da guerra alemão, era proibida aos soviets a passagem de guias e a venda de bilhetes de caminho de ferro, mesmo adquiridos á custa dos prisioneiros.

A extravagancia deste telegrama merece atenção e estudo porque representa superficialmente um descalabro tremendo de desorganização alemã nesse momento, mas não correspondia á ordem e método que em tudo se via; levando-nos a crêr numa completa simulação.

Corria que a principal razão que motivara es-

tas instruções, fôra a grande afluencia de prisioneiros aos países limitrofes, fugidos dos Campos sem licença nem ordem, desorganizando os serviços e impossibilitando esses países de preparar uma assistência propria e necessaria a essa multidão de foragidos, sujeita ao desconforto e á fome por sua propria culpa, tornando-se necessario reprimir esse aneio desculpavel de liberdade, em seu proprio beneficio, devendo cada um aguardar a sua vez para não se prejudicar e não prejudicar.

Dia 20-11.º-918. Passa a haver sómente um ap-
pel por semana. Chegou ao Campo uma porção de encomendas de Portugal.

Dia 21-11.º-918. O dia amanheceu muito frio, 0 graus centigrados no exterior das barracas. Está tudo coberto de gelo, que ao derreter forma como que estalactites nos beirais das barracas.

Dia 22-11.º-918. Dia de sol mas frio, um grau ao sol, sol linfático. O Comité de socorros aos prisioneiros portuguezes na Suissa, tudo quanto fez por nós, foi quasi apenas com os recursos propios, pois pequenos auxilios obteve e somente do Governo Português, da Associação das senhoras portuguezas e da Comissão de Auxilio ás victimas da guerra. Fez propaganda a nosso respeito em Portugal e sobretudo no Brazil. Honra lhe seja. Merece bem que a nossa gratidão se manifeste e não fiquem no esquecimento os beneficios recebidos.

Diz-se que a Inglaterra se dirigiu ao Governo Alemão reclamando contra a forma como os prisioneiros fugidos dos Campos chegaram á Inglaterra, rotos e esfaimados, constando ter havido victimas de fome.

Que a Inglaterra interviria caso continuasse tal estado de coisas ; e que se não houvesse na Ale-

manha alimentação para os prisioneiros, a Inglaterra fornece-la-ia.

Depois do Armistício foram sempre crescendo as liberdades, sendo-nos franqueadas as portas do Campo, o que nos permitiu examinar os arredores com minucia, mais com vista a angariar alimentos, quer comprados quer por troca com sabão, linhas, etc., do que por meros passeios que muito nos fatigavam. Vimos os lagos imensos dessa região, e outros mais pequenos completamente gelados.

Observei que os rapazitos tinham na escola primaria o estudo da lingua francêsa.

Chegou ao Campo um telegrama do Presidente Sidonio Pais, datado de 16-11, dizendo assim: E' com a mais comovida satisfação que vos envio esta mensagem, nesta hora solene em que os esforços dos nossos irmãos de armas de todas as nações aliadas corôam com a Victoria sacrificios heroicos dos que se bateram pela mesma causa. Portugal lembra-se com carinho e reconhecimento dos seus filhos prisioneiros, e exprime-lhes com palavras de gratidão a satisfação de saber que se aproxima a hora da liberdade e do regresso á Patria. a) Sidonio Pais.

Dia 5-12-918. Continuamos a sentir a falta de correspondencia de nossas familias, falta que um dos interpretes alemães atribue á desorganisação que campeia na Alemanha.

De dia para dia se avolumam os boatos da nossa proxima partida; se pudera advinhar que esse dia tão almejado se protelaria até 28 de Dezembro, certamente teria perdido o amôr ao meu deposito de francos algo avultado, em poder da Comandantur. O aneio doloroso pela libertação para alem fronteira da Alemanha, agravado por falta de noticias de familia, e pelo conhecimento da epide-

mia pneumónica a grassar em Portugal, era já insuportável e ia impelindo o nosso pobre espirito acabrunhado para o desespero.

Opressos pela negrura do degredo já de si sombrio e nevoento, muitos officiaes, pelo decorrer de dezembro, toram saindo aos grupos em direcção á fronteira holandeza, servindo-se de vários estratagemas, e auxilios de alemães, que lhes adquiriam bilhetes de caminho de ferro, alcançando assim antecipar a felicidade.

Foi recebida pelo Comandante do Campo uma nota da Inspecção recomendando-lhe que estivesse tudo preparado para a nossa proxima partida.

Foram lidos dois telegramas da Inspecção de Altona ao Comandante do Campo; um proibindo o transito de prisioneiros afim de se repatriarem, porque houvera reclamações da Inglaterra, com ameaça de continuar a guerra se não se fizesse com ordem o repatriamento e a alimentação dos prisioneiros; e outro, recomendando paciencia, que chegaria a nossa vez de sermos repatriados.

Girando pelos arredores do Campo, observei dois prisioneiros na interessante attitude de commerciarem uma camisa, com um casal de velhos alemães. O velho, no limiar da casa, segurava pendente a camisa, gesticulando por achá-la curta. Porém o negócio fez-se por 10 marcos. Ao que a necessidade obriga!

Por ser dia de banhos, estava um grupo de prisioneiros tomando banho, quando um deles, alferes e actualmente politico em evidencia, chamou a attenção dos camaradas para a suas ceroulas de malha, que devido ao muito uso estavam já desprovidas de assento e braguilha, apenas possuindo as pernas suspensas do cóis, que ainda assim pres-

tavam bom agasalho, mais precioso pela forte razão de serem insubstituíveis na nossa situação. Dizia êle com espirito, que tais ceroulas eram de marca aperfeiçoada e á prova de comoções fortes... Não comprometiam o dono...

Numa volta do caminho, nos arredores do Campo, vi uma criancinha de 4 anos, muito rosada e loira, brincando sósinha, junto a uma casa à beira do caminho. A' minha passagem levantou os olhitos para mim, interrompendo a sua ocupação, e num ar repleto de gravidade, saudou-me com um «tag» (bom dia) habitual entre pessoas grandes. E' que nas crianças até na Alemanha ha graça. E foi tanta a graciosidade do seu gesto que fui pensando se não estaria ali um diplomata capaz de reconciliar os Aliados com a Alemanha.

Dia 10-12.º-918. Recebemos o seguinte telegrama datado de 9-12.º : Vós sereis repatriados pelo N da Alemanha, mas se poderdes obter permissão e meio de chegar á fronteira holandeza, juntos ou por grupos, sereis aqui bem recebidos e rapidamente repatriados a meu cuidado. Ponde-me ao corrente. a) Bandeira, Ministro de Portugal.

Como constava que o que motivava não recebermos correspondencia nem encomendas, fôra a ordem de sustar esses serviços dada pelos alemães após o Armistício, viamo-nos na necessidade de agenciar pela vida, aproveitando a facilidade de sairmos do Campo, negociando nos arredores com os habitantes, o que não era destituido de precalços porque continuava a proibição de transacções com os civis, e a introdução no Campo do que angariavamos estava sujeita á apreensão pelas sentinelas que classificavam o nosso acto de rapina, não obstante terem-nos reduzido a razão. Parecia procurarem aperfeiçoar-nos como no caso do ca-

valo do inglês, que morreu quando já habituado a não comer.

Na faina habitual da luta pela vida, saíra para os arredores com alguns companheiros, buscando á sucapa a troca e compra de generos. Numa tentativa feita numa casa de campo, despediram-nos de mau humor com um aspero nicht, no próprio momento em que deitavam grande porção de batatas aos porcos.

Noutra casa fomos afavelmente recebidos por um alemão, dono da casa, que procedia ao carregamento de um carro de palha, auxiliado por 2 prisioneiros russos.

Demos-lhe um cigarro e um pedaço de sabão que classifciou de muitobom para a barba. Mandou-nos à «fraulein», que nos encheu de batatas duas bolsas que levávamos, cêrca de 30 quilos em troca de 3 pedacinhos de sabão; não foi bem um negocio da China.

Depois fomos aguardar a noite para empreendermos a introdução das batatas no Campo, ocultando-as das sentinelas sob os capotes e nas algibeiras, para evitarmos que nos fosse apreendido êsse perigoso contrabando, essa rapina, como se feroz rapina não fosse o constante cerceio na ração que nos forneciam tão misera e que chegaria a zero se a guerra se prolongasse!

Continuam chegando telegramas: Um da Comissão inglesa de prisioneiros dizendo que remetem alimentação e vão tratar da nossa repatriação.

Outro, do Comité da Suíssa, comunicando o envio de dinheiro (30.000 Mks) para os prisioneiros, do Governo português para a Legação espanhola; e de Bale, ordem para remessa de alimentação, e que se trata da repatriação, recomendando paciência.

Continuava o exodo de prisioneiros á formiga, custodiados á sucapa por alemães, que na mira de recompensa se prestavam a adquirir bilhetes de caminho de ferro para a fronteira da Holanda. Para ali se carreavam, acudindo pressurosos ás promessas do positivo e valiosissimo telegrama do nosso Ministro na Holanda, sr. António Bandeira.

Partiram para Altona os srs. Ten-Coronel Craveiro Lopes e Capitão Maçãs Fernandes, procurando conseguir passaportes para a Holanda, para todos, por junto ou em grupos, baseando-se no referido telegrama do nosso Ministro Ex.^{mo} Sr. Bandeira.

Dia 14-12.^o-918. A noite passada houve ronda passada pelo tenente-ajudante alemão, afim de contar as faltas pelo numero de camas vasias. Contou 38 ausencias, abatendo igual numero de rações na entrega dos generos, e suprimindo as batatas por completo, não fossemos estostrar de abundancia.

O sr. ten-coronel Craveiro Lopes falou de Altona pelo telefone, informando ter a Inspeção dos Campos telegrafado para o Ministerio da Guerra Alemão, pedindo autorização para nos ser permitido a saída para a Holanda, em conformidade com o telegrama do nosso Ministro, e que nesse telegrama ia bem frisada a nossa situação no Campo. Disse mais que um grupo de officiais saído do Campo sem autorização da Comandantur, obtivera passaportes passados pela Legação hespanhola, seguindo para a fronteira holandeza; não garantindo a Legação que com esses passaportes conseguisse passar a fronteira. Que outro grupo seguia o mesmo destino.

Recebemos uma nota da Comissão de prisioneiros ingleses, dizendo ter já autorização para nos for-

necer alimentação dos seus depositos, o que faria o mais breve possível, dependendo isso da quantidade que tivesse no Campo de Parchim in Mecklemburg, e que provavelmente seria transportada num pequeno vagon escoltado.

Soubemos que a Legação hespanhola havia informado as Comissões francesa e inglêsa de que nós estávamos no peor Campo e com pessima alimentação.

O vagon com alimentos chegou efectivamente alguns dias depois; enfim tivemos abundancia no cativoiro, abundancia que teve a virtude de nos revigorar para a viagem de regresso á Patria. Os magnificos alimentos constitutivos da ração de campanha inglêsa não faltavam aos cativos inglêses na Alemanha. Tinham depositos repletos nos Campos; mas previdentes, só então quando já libertos e com a certeza de não soffrerem mingua, nos deram socorro. Demais, na hipotese de terem que os abandonar aos alemães, era preferivel que servissem de proveito a miseros aliados; seria ingratitude não reconhecer ao menos tão grande beneficio.

Dia 15-12.º-918. Com o meu companheiro de barraka e condiscipulo Capitão Menezes, fui de passeio á próxima povoação de Mustin, onde se nos proporcionou almoçarmos a valer num Gasthaus abundantê. Senti profunda extranheza ao assentarme a uma mesa com toalha, e pratos de louça fornidos de boas iguarias, a saber e a saborear: sopa de farinha com cenouras; galinha! assada com batatas guisadas; feijão verde com óvos! cosidos; carne de porco servida com molho em molheira (objecto de luxo); óvos estrelados guarnecidos de rodela de chouriço fino; cerveja. Preço-Mks. 8,10. Oh Céus!! Foi almoço de dispensar jantar a um triste prisioneiro! Foi mais que tirar o ventre de

miseria ; foi pôr-lhe luminarias. Ocorreu-me aquele problema até então irrespondível: Se nasceu primeiro o ôvo, se a galinha ; aqui foi a galinha !

Nessa povoação vi dois alemães mutilados, um sem um braço, e o outro com uma perna de pau; ambos com a cruz de ferro, que parecia constituir um prémio de consolação para os inválidos.

Um telegrama do Estado Maior holandês dirigido á Inspecção dos Campos, pedindo para permitir a saída para a Holanda dos officiaes portugueses. Esse telegrama, resultado da benemérita obra do nosso Ministro sr. Bandeira, insuflou outro dirigido pela Inspecção ao Ministerio da Guerra Alemão, comunicando o pedido do Estado Maior holandês e reforçando-o, para auctorização da nossa partida pela linha Gronau-Enchede.

Dia 18-12.º-918. Nos «gasthaus», restaurantes alemães, viam se ainda quadros pendurados, alusivos á guerra, incitando os povos. Um, representando o kaiser a cavallo, em attitude bélica, apontando á frente com o sceptro, tendo sob as patas do cavallo . . . , a bandeira francesa; e um soldado a pé em attitude aguerrida. Outro, era o kromprinz a cavallo, e varios soldados franceses caídos por terra.

Noutro «gasthaus», um quadro em que o kaiser coloca a cruz de ferro num ferido.

Na montra dum estabelecimento em Ratzburg, estava exposta uma praça forte em miniatura, com soldados alemães a batalhar e os varios aliados a apanhar taponas, representados em bonecos de chumbo; esta montra servia de atractivo a varios rapazitos que junto a éla discutiam a refrega, estando um dos rapazitos vestido de official prussiano, com o respectivo capacete e o punhal da ordenança. Ainda numa praça da mesma cidade onde existe a estatua de Guilherme I, ostentavam grande emban-

deiramento festivo com entremeios de torfeus, para recepção de um corpo de tropa vindo do front, como se chegasse da victoria.

Estas manifestações de consolação militarista eram de difficil comprehensão, e só explicaveis perante a estranha psicologia alemã.

Dia 19-12-918. Começou a cair denso nevão. Chegou á proxima estação de Klein-Turrow um pequeno vagão com alimentação para nós; vinha selado e escoltado por soldados alemães armados. Era o atraz referido, enviado pela Comissão inglesa de repatriamento; veio dos seus depositos de Parchim, pesando 10.000 kl. e constando de corned beef, leite, assucar, margarina, apricot, bolacha, chá, tabaco e confiture. Constituiu um magnifico presente; foi pena não ter aparecido mais cedo, ainda que não houve desperdicios, porque do que sobrou tambem comeram prisioneiros franceses que passaram pelo Campo, e tambem compartilharam os soldados alemães do Campo, os sargentos, os officiais, e até o próprio Comandante major Amburst. O sol quando nasce é para todos... O melhor foi que o vagão ainda passou tratos de polé. Foi assaltado no trajecto por civis e militares alemães que o arrombaram e saquearam em parte. Tendo a escolta resolvido evitar a completa distribuição das vitualhas, foi novamente selado e conduzido mal ferido a porto de salvamento.

Dum jornal alemão, o montante das baixas alemãs durante a guerra, em 30 de Novembro de 1918, era de 1.600.000 mortos; 205.000 desaparecidos; 618.000 prisioneiros; 4.064.000 feridos. Soma 6.485.000.

Houve conhecimento duma nota do general Dupont, presidente da Comissão de repatriamento dos prisioneiros franceses, disendo aos seus pri-

sioneiros, da parte do seu Governo, que não deviam praticar o acto vergonhoso de fugir dos seus Campos, provocando a desordem. Que o General francês estava informado de que dum Campo fugiram os sargentos mais antigos, chefes de serviços no Campo, desorganizando esses serviços com a sua ausencia; e censurando esse procedimento.

Atraídos pelo opiparo almoço que havíamos saboreado no restaurante de Mustin, voltámos ali na bela intenção de o reproduzir; porem tinha tudo mudado de figura. A policia, por denuncia da visinhança, fóra lá apreender uma porção de carne e proibira-lhe a venda de comida. Tambem levava a missão de prender mais curto os prisioneiros que lá estivessem praticando o crime de encher a barriga a pronto pagamento. Essa gente queria por força continuar fingindo não poder vender comida, a par de deixar abandonados os batatais, por falta de braços que os apanhassem, e por consequencia de barrigas que os comessem. E tambem lhes custava perderem o habito de nos ver com o estigma de prisioneiros, não obstante o Armisticio e a Paz.

Para amostra do grau de desvalorisação em que havia tombado a celebrada disciplina alemã, vem a proposito narrar a seguinte quebra; O sargento alemão Pels, interpetre, contou que o alferes alemão mandara de licença uma praça que fazia serviço na Comandantur, e que o chamara a êle para que fizesse o serviço do que fóra de licença, ao que êle se negou, alegando não lhe pertencer tal serviço e ser o único interpetre no Campo com todo o serviço próprio do seu cargo. O alferes participou a sua escusa ao Comandante do Campo, que o ameaçou de que o castigaria; ao que êle ripostara que se tal fizesse se queixaria, por serem as suas obrigações as determinadas pelo Ministerio da guer-

ra, e que o Comandante do Campo não tinha autoridade para o castigar.

Que esperou o castigo, mas que não passara da ameaça:

Dia 23-12-918. Dia sensacional! Da Comandantur informam que brevemente partiremos, tendo já chegado a ordem para esse efeito, a ter execução no dia 27 ou 28, via Holanda.

Diz Peres Escrich: «O cansado viajante que a custo pode mover os pés, que curva o corpo sobre o pó do caminho, que não tem alento para suportar tão pesada marcha, quando chega ao cume duma colina e divisa ao longe a branca casinha onde o espera o descanso e a família, então a esperança é o belo sol da vida que tudo ilumina». A nossa alma exulta, a azafama nos preparativos de partida cresce; o brilho nos olhos e a fisionomia espelham o nosso anseio.

Dia 24-12-918. Foi finalmente precisada, pela Comandantur, para o dia 28 pelas 10 h 30.^m, a nossa partida.

Chegou muita correspondencia, mas não chegou para todos... Boas noticias da familia disporiam bem para a viagem.

Num Gasthaus junto á proxima estação do caminho de ferro, via-se uma arvore de Natal toda enfeitada e coberta de pedacinhos de algodão em rama querendo semelhar flocos de neve, mas faltava-lhe o principal aos habitos da região, o que um alemão significou, dizendo «Nicht chocolate», querendo referir-se á completa ausencia de bonbons.

Nesse restaurante assisti ao ajuste entre um casal alemão e um prisioneiro belga para a matança clandestina de porcos; por signal que não chegaram a acordo.

Esse soldado belga e um seu camarada, contaram varias barbaridades praticadas pelos alemães na Belgica por ocasião da invasão. Trataram os prisioneiros militares e civis á cacetada e a tiro. Um senador belga possuidor de uns cavalos de raça, premiados, como se negasse a entrega-los prontamente, foi imediatamente morto, tendo igual sorte um seu criado.

A outros tiraram-lhes os cavalos, dando-lhes em troca bilhetes de teatro... para ajudar ao esquecimento da espoliação: Que os prisioneiros russos eram os que mais sofriam, sendo tratados como escravos.

Já estava determinado que no dia 27 ás 10/30 teríamos de entregar as nossas miseras bagagens; que no dia 28 receberíamos 1 pão para a viagem e teríamos uma sopa em Hamburgo. O comboio deveria chegar a Gronau, na fronteira da Holanda, em 29-12.º, de manhã.

Dia 25-12.º-918. Dia de Natal. Em vespervas de partida. Eis como pode conceber-se um dia festejado no cativo!

A Esperança, a certeza da proxima Liberdade, esqueciam as privações passadas e davam-nos alento para suportar com coragem a Saudade que agora perdia o tom negro de luto que nos oprimia o coração, e voltavam a florir vicejantes e coloridas pondo-nos a alma em festa.

Com alguns camaradas e patricios, festejámos o Dia, reunindo os nossos recursos ao jantar, não faltando um pedacito de perú duma lata de conserva.

Dia 26-12.º-918. Os dois officiais que haviam ido a Berlim tratar de activar o nosso repatriamento, exposeram os resultados da sua missão: O general da missão inglêsa de repatriamento dissera-

lhes estar a seu cargo o nosso repatriamento, que se efectuaria pelo Baltico ; que tinha ainda poucos barcos ao seu dispôr, e seriam primeiro repatriados francêses e inglêses com mais tempo de cativo. Os nossos delegados, apoiando-se nos telegramas do nosso Ministro na Holanda, e no, por êle tambem sugerido, do Estado Maior Holandez, conseguiram, auxiliados por um capitão alemão, que fossem repatriados pela Holanda ; de contrário não seriamos repatriados antes de mez e meio.

Ficámos dêvendo este incalculável beneficio aos esforços primorosos do Ex.^{mo} Snr. Antonio Bandeira, nosso Ministro na Holanda.

A instancia das nossos delegados seguiriam tambem pela Holanda brevemente os soldados portugêses.

Contaram ter visto em Berlim muitos edificios crivados de balas devido á revolução. Assistiram ao desfile de tropas de regresso do front, armadas e enfeitadas com flôres. Que em Hamburgo ainda não haviam entrado as tropas regressadas do front, porque os conselhos de soldados só lhes permitiriam a entrada desarmadas, com o que elas não concordavam.

Que a Missão inglêsa tambem enviara generos para os Campos dos nossos soldados.

Dia 28-12-918. Saímos do Campo de Breesen in Mecklemburg pelas 10 h. 45.^m Embarcámos no comboio, via reduzida, e passámos pelas estações Klein Torrow, Grotz Torrow, Mustin, Ratzburg, Mölln, Buchen, e Hamburgo ás 19h.

Viagem em 3.^a classe, sem iluminação nem aquecimento. Em Hamburgo comemos na estação uma sopa de farinha, carne desfeita e batata, café com assucar, por Mk.^s 1,20.

Como houvesse demora nesta estação, a natu-

ral curiosidade levou alguns oficiais a sair da gare para as proximidades. Logo que os alemães deram por tal, proibiram essa expansão, chegando mesmo um soldado, que havia enchido a barriga de conservas nossas, a puxar do sabre para um oficial portuguez, em signal de reconhecimento...

Comemos a sopa referida, num enorme restaurante da gare, enfeitado com bandeiras alemãs e das nações suas aliadas. Nas paredes viam-se divisas e letreiros cujas traduções eram: Todos por um e um por todos; Um homem bravo só pensa em si em ultimo logar; etc. Eram restos da propaganda guerreira, para que agora olhavam com magua e sem animo de destruí-los, acabrunhados pela desilusão perante a formidável derrocada. Vi tambem um comboio todo enfeitado com verdura; mascaravam assim as dôres da sua alma.

Partida para Bremen, chegada a Bassenn ás 8 h. do dia 29. Osnabruck ás 12 h. 15.^m Nesta estação ofereceram-nos uma sopa por misericórdia. Mostrámos desejo de que nos fosse permitido comê-la no restaurante da gare que estava vago, o que nos foi negado. Se a quizessemos comer, teríamos de faze-lo na gare, de gamela em punho.

Em presença da proibição do comandante da estação, que era um soldado alemão, de aspecto mui pretencioso, de livro debaixo do braço e bigode mui aparadinho á Charlót, nenhum de nós se sujeitou á sopa, de tão fartos de humilhações; e ainda como desforço, á partida do comboio, entoámos em côro a Portuguêsa.

Presenciando esta scena, estava na gare um alemão muito bem encadernado, de chapéu alto e gola de péles, com uma dama pelo braço. Aparentava um grande ar de critico desdem concertado.

Langerich - Munster - Grenau-Enchede ! Holanda!! Eram 21 h. 15.^m do Dia 29 de Dezembro de 1918.
Terminus da nossa escravidão!

A opressão permanente que nos esmagava, desvanecia-se de subito, atordoando-nos pelo instantaneo da transição. Tudo para nós é belo ao pôrmos pé nesse lindo Paíz de Liberdade. A sua luz fascina. O próprio nevoeiro tem brilho como o sol ! Influencia das nossas almas em festa.

Fomos muito bem recebidos na Holanda. Entrámos em Enchede formando a 4; as nossas miserias bagagens tiveram honras de esplendido auto.

Dia 30-12-918. Em Enchede fomos tratados com extremos de amabilidade. Embarcámos para Haya (S. Gravenhage) pelas 15 h. 15.^m, Hemjeln, Delden, Goor, Steig, Velp, Arnhem. Nesta estação recebemos as felicitações do comadante militar da cidade, coronel de artilheria a cavalo, Von Es, que fez referencias elogiosas ao nosso exercito, que muito lhe agradecemos.

Chegada a Utrecht ás 8 h. 15, Gonda, Haya em 30 á noite, sendo honrados pelo nosso Ministro na Holanda, Ex.^{mo} Snr. Antonio Bandeira, com a sua presença na estação. Haviamos recebido telegrama dele em Enchede. Eramos tambem esperados pelos Snr.^s Major Pestana de Vasconcelos encarregado da nossa repatriação; e Castro Gonçalves, membro do Comité de Socorros aos Prisioneiros na Suissa, Comité de que recebemos muitos e inesqueciveis beneficios.

Fui instalado no Hotel Central, luxuoso e demasiado confortavel para quem havia tanto tempo vinha privado das menores comodidades. A cama macia, o edredon, a chauffage, apostaram não me deixar dormir. Levei a primeira noite a dar vol-

tas na cama, e só a pouco e pouco me fui integrando e se foi consumindo a minha estranheza

O nosso Ministro telegrafou para Portugal referindo a nossa chegada á Holanda, e convidou alguns de nós para um jantar no Hotel des Indes, em atenção ao nosso regresso á vida e á solemnidade do Dia de Ano Novo.

Manifestei-lhe o meu profundo reconhecimento pelo seu belo gesto, tão próprio do seu character, de me haver rêmetido para a Alemanha, encomendas com mantimentos que reparti com alguns camaradas.

O Snr. Castro Gonçalves expediu telegramas para nossas familias.

Ainda o nosso Ministro teve mais a amabilidade de nos ofertar tabaco em nome do Governo Português.

O Echo de Paris de 24-12.º-918, publicou referencias aos maus tratos, mau sustento e maus alojamentos, a que os prisioneiros portugueses foram sujeitos, caíndo muitos diariamente de inanição.

A Gazeta da Holanda de 30-12.º-918, trouxe um artigo em inglês sobre o repatriamento dos portugueses, referindo o facto das ameaças de morte proferidas por sentinelas alemãs, nas estações do caminho de ferro, contra alguns officiaes que haviam fugido do Campo com destino a Holanda, facto que motivou uma reclamação ao Governo alemão.

A noite de Ano Bom é festejada na Holanda com descantes pelas ruas e disparo de tiros de pólvora seca. Nessa noite fui ao animatogrofo Apolo em Haya, onde sofri as sensações dos analfabetos.

Disse-nos o Snr. Major Pestana de Vasconcelos que explicou na imprensa a nossa acção na Offensiva alemã de 9 de Abril de 1918: Que a nossa situação na 1.ª linha foi, como sempre em tal caso,

de tropa sacrificada; sendo a nossa acção exclusiva, demora o avanço inimigo de modo a permitir a resistencia á rectaguarda, o que se realisou plenamente. Que os relatorios inglês e francês nos foram muito lisonjeiros.

Visitei em Haya o Palacio da Paz, onde admirei a preciosidade dos materiais da sua construção, oferendas das nações que colaboraram nessa obra. As mais importantes dentre essas nações, foram as figuras de maior vulto tambem na grande guerra. Triste irrisão.

E' admiravel o monumento em bronze estigmatizando a guerra, colocado nos jardins do palacio; representa uma mãe amparando nos braços o filho soldado moribundo. E' em extremo impressionante a expressão de dôr que se reflete do bronze. Fôra então escolhido esse assunto para estimular a favôr da Paz, do Desarmamento; esse ideal concebido pelo Csar das Russias, mostrou nêle o dom da presciencia quanto ás calamidades de que foi victima, e a sua Patria continua sendo.

Depois da guerra, aquele assunto, aquele élo sublime, o amôr de mãe, o esteio mais forte na familia tantas vezes quebrado na guerra, serviu ainda na glorificação ao Soldado Desconhecido, a Gloria immaculada, pela erecção junto a Ele, dum altar ás mães.

E é apenas isto, que já é muito! Que a Paz é mito! Se a guerra é inerente á Natureza! Os entes que não se destruírem, corroe-los-ha a acção do tempo!

Dia 8-1.º-919. Proseguiriamos na viagem de repatriamento, uns por terra e outros por mar. Parte dos officiaes acompanhariam as praças nos vapores inglêses que seguiriam directamente a Portugal. Por terra começaram a partir aos grupos de 5 officiaes.

Parti de Haag (Haya) pelas 9 h. 4.^m do dia 8-1-919. Passamos Rotterdam, Dordrecht, Roosendal, depois desta estação avistei junto ao mar, trabalhos de fortificação passageira, trincheiras, redes de fio de ferro farpado, cavalos de friza, etc.; dispostos para defeza da costa.

Vlake, Goes. Viam-se pelos campos as mulheres com seus trajos caracteristicos, os braços nus expostos ao frio da época, e as toucas brancas arrendadas e guarnecidas de cornichos metalicos com pingentes.

Middelburg. Chegada a Vlessingen pelas 13 h. 40.^m, porto do Sul da Holanda, onde fomos hospedados no Hotel Albion. Admirámos aí as formidaveis muralhas dos diques, soberbo trabalho de arte em que o homem vence o mar, conquistando-lhe extensas regiões.

Embarque em 9 no vapor *Le Nord* pelas 7 h.; manhã de chuva e vento forte. Seguíam a bordo cerca de 2.000 prisioneiros franceses. Passámos á vista da costa belga; notava-se ao longo dela, a estacaria enxadresada, de troncos e arames para segurar as areias. Divisei varias terras da costa bastante desmanteladas; dentre elas Ostende, onde se viam dois navios de guerra afundados, um dêles quasi a prumo como se estivesse espetado no fundo do mar.

Chegámos a Dunkerque pouco depois das 13 h. Aí foi-nos fornecido jantar pelas autoridades militares francesas, refeição fria para a viagem e guia de caminho de ferro para Cherburgo, via Paris.

Embarque ás 5 h. 30^m, Calais, Boulogne, Chegada a Paris em 10-1.^o-919 pelas 8 h.

Estava Paris engalanado, repleto de festões, trofeus e bandeiras.

A nossa Bandeira lá figurava, pena foi que em geral não tivesse o Escudo, de forma que custava a reconhecer entre as das outras nações.

Nêsse mesmo dia partimos para Cherburg; passámos por Andrien, Bayeux, Lison, Valogne e chegámos ao destino pelas 11 h. do dia 11.

Cherburg, Base de embarque do C. E. P.; próximo ao Campo de Tour la Ville, onde nos apresentámos.

Passados 4 dias nessa terra, numa anciedade irreprimível de regresso á Patria, foi-nos conferida guia para seguir por terra com alguns camaradas. Chegada a Paris ás 5 h. do dia 16. Foi um dia de labuta para a obtenção do passaporte e do bilhete de caminho de ferro.

Hospedámo-nos no hotel Brazil-Portugal. Em frente estava instalado o Triângulo Vermelho Português.

Deparámos casualmente com um civil português trabalhador em França, que nos serviu de guia pelo metropolitano, conduzindo-nos á Repartição Militar da Legação, á Legação e ao Consulado.

E foi assim que nos aprestámos para a ultima jornada, dando os últimos retoques já á prèssa, para não perdermos o comboio. Foi á prèssa, que entrei nos Armazens Lafayette e escolhi um fato á paisana para a travessia de Hespanha; escolha foi ela que tive de fazer duas dobras suplementares nas calças, e de dobrar para dentro o excesso de mangas. Apezar de tal beleza de figurino, ainda tive de esportular varios francos como premio de exportação francesa.

Encetámos a viagem Paris-Lisbôa, em 16-1.º-919 ás 20 h. 25.^m, no Quai d' Orsay. Passamos Biarritz, Bayona ás 13 h. 30 de 17, onde almoçamos.

Entrámos em Hespanha. Irun. Digno de nota nesta viagem, o seguinte contraste nas scenas riais da vida :

Primeiro entrou no nosso compartimento um casal de noivos, todo êle alegria de viver, cheio de esperanças.

Depois entrou uma mãe com o filho tuberculoso ; a mãe entrou a resar e a persignar-se ao pé do filho querido, cuja fisionomia espelhava a tristeza do sofrimento e o pavor da morte.

S. Sebastian, Burgos, Medina d'el Campo.

Dia 18-1.º 919. Enfim, Terra da Patria ! Vilar Formoso !

Tanta vicissitude passada, tanto enredo, tanto perigo, tanto desconforto e privação, fome, vacinas, guerra e captivo, tudo foi transposto sem perca de maior, nesta viagem maravilhosa, tão fertil em ensinamentos !

XVIII

O que a experiência comprova

Recomendam os tratadistas o cultivo do Espírito de Corpo e de Região a dentro das unidades, como sendo uteis á consolidação da solidariedade e união entre os individuos que as constituem, contribuindo muito para predispô-los á disciplina.

E' tambem da maxima importancia e em coerencia com aqueles preceitos, conservar intactas o mais possivel as unidades (batalhões, companhias, pelotões, grupos), tais como entram em campanha, sendo sempre preferivel, quando haja necessidade de deslocar homens do seu meio habitual, faze-lo por unidades constituídas, devendo haver a maxima parcimonia em sair desta regra, tal é a depressão moral por que passam os homens quando isso lhes succede, destruindo-lhes o conforto e amparo constituídos pelo agregado de camaradas, patricios, conhecidos e amigos certos, e pelos habituais chefes, a quem já estimam ou admiram em consequencia de longo lidar, e aos quais tambem já merecem apreço as suas qualidades por êles experimentadas,

o que cria nos seus espiritos a segurança de que já não constituem apenas um número, mas ocupam um logar no conceito desses chefes, o que dar-lhes ha em todas as vicissitudes, mais garantias de justiça na percepção dos seus direitos e deveres.

Tambem é utilissimo dar nas rendições quanto possivel ás mesmas unidades os mesmos sub-sectores e zonas no front, para se aproveitarem os conhecimentos adqueridos em reconhecimentos anteriores, e a familiarisação das tropas com o terreno, trincheiras e tudo o mais que tornasse o sistema mais solido e garantido.

Certamente que noutras condições, tais como as que eram suportadas pelo soldado francês, que pisava a sua Terra em combate e a via maculada pelo inimigo, não seriam tão fundamentais estes preceitos, porque preocupações maiores lhes feririam os sentimentos e lhes exacerbariam o temperamento para a guerra.

Entre nós notei que, nas nossas condições, foram bem merecedores de consideração.

XIX

Saudação da Comissão Technica da Arma de Infantaria

Como remate e para fechar com chave de ouro, guardei propositadamente para o fim, o seguinte documento, que cabe bem aqui para assignalar o meu profundo preito de gratidão pelos signatarios.

Ao Ex.^{mo} Senhor Coronel Felizberto Alves Pedrosa.

Ex.^{mo} Snr. Hoje em Portugal, por grande que seja o indifferentismo egoista que caracteriza a época, não se encontrará talvez quem não se sinta arrastado na corrente de carinhosa simpatia, que logo após o 9 de Abril, se formou e dirigiu para os Bravos, que por honra de Portugal sacrificaram o que mais caro tinham. Mais talvez porém do que para os que tiveram naquele lance o seu ultimo instante, se canalizou essa corrente de grata admiração para aqueles que procurando heroicamente o caminho da Victoria ou uma saída honrosa da vida, encontraram a privação do que mais presavam, a Liberdade.

E' que para os primeiros, para os que lá per-

deram a vida, com dolorosa saudade de todos, com a dôr mais intensa e mais duradoura da Família, fechou-se a serie de horrores e de privações que é a Guerra, enquanto que para Vós, o sofrimento prossegue, mais cruciante ainda, manietados no Vosso heroismo, recalcadas as expansões affectivas tão próprias do temperamento meridional.

Victimas e testemunhas da violencia que á nossa Patria tantas ~~victimas~~ roubou, Vós tendes que guardar no intimo da Vossa alma o que ella contém de rancôr e de indignada revolta, á falta duma alma irmã que não sofra o mesmo que a Vossa, com a qual possais repartir a dôr que vos domina, e que tomando parte dessa dôr Vos dê o balsamo da tranquillidade.

Para a indole da nossa raça apavora bem mais a ideia dos sofrimentos do cativo do que a perspectiva da morte, que não é mais do que uma forma de libertação; para nós soldados, membros dum Exercito que tem tradições como poucos, a morte em face do inimigo representa a mais bela forma de sacrificio a que se vota quem sente bem nitidas e incisivas as obrigações essenciaes que o uso da farda impõe.

O nosso tradicional sentimentalismo não pode deixar de despertar em presença da Vossa situação, obreiros da Victoria a quem cortaram a cara aspiração de lhe colher os primeiros fructos; a Vossa simples qualidade de prisioneiros bastaria para justificar o simpático movimento de assistência que logo se desenhou; a prisioneiros porem como Vós, arrastados ao cativo quando procuráveis heroicamente a morte pelo bom nome Português, são devidas mais do que manifestações de solidariedade humana, porque sois credores da gratidão de todos nós, que podemos hoje como hontem

declinar com orgulho a nossa qualidade de Filhos de Portugal.

E assim brotaram entre nós os sentimentos que hoje avassalam todos, sentimentos de afeição e de admiração que a dentro do Exercito se intensificaram pela gratidão que os seus membros Vos devem.

A Comissão Técnica da Arma de Infantaria, toma a maior parte nesses sentimentos, e os seus membros a par da colaboração que lhes seja dado prestar na assistência material que é mister realizar-se, entendem cumprir um indeclinavel dever dirigindo a todos os officiais portuguezes prisioneiros e especialmente aos officiais da arma a que, hoje mais do que nunca, se honram de pertencer, as suas saudações e os votos sincerissimos para que em breve regressem para junto dos que lhes são caros, para junto dos camaradas que dêles se orgulham, para o nosso querido rincão Patrio, que o heroismo atavico de que deram provas, o entranhado amor que nos momentos de perigo todos lhe manifestamos, não permitirão deixar cair no olvido.

A V. Ex.^a, nosso companheiro de trabalho, endereçamos esta saudação, simples na forma mas grande pela sinceridade que a dita. Não é uma formalidade que cumprimos; é uma manifestação sentida de affectuosa saudade por todos os camaradas de nós afastados, e um preito de gratidão que nós, filhos de Portugal e membros do Exercito, devemos A'queles que tão bem souberam honrar o nome dum e doutro, o que nós vimos prestar. Lisbôa, 29 de Outubro de 1918 — (a) Luiz Augusto Silvano, José Ernesto de Sampaio, João Julio dos Reis e Silva, Coroneis; Miguel Baptista da Silva Cruz, Eduardo Augusto da Costa Brack Lamy, Carlos Alberto Viçoso May, Domingos Barreira da Silva Patacho, José Mendes dos Reis, (assignatura ile-

givel), Tenentes Coroneis ; Guilherme Augusto do Rego, Virgilio Carvalho Esmeraldo, Henrique de Melo, Alvaro Teles d'Azevedo, Eduardo Andermath da Silva, Majores ; Antonio Fernando d'Oliveira Tavares, Viriato Rodrigues, Liberato de Sá Ferreira Brandão, Capitães.

FIM

Ant. Oliveira

INDICE

	Pag.
1. Um aventureiro precóce	9
2. O arrancar d'um coração.	13
3. Instrução e Humorismo.	15
4. Vicissitudes e preparativos.	37
5. Baptismo de fogo. O que é a sorte	39
6. Na Instrução de patrulhas	43
7. Seis dias de trincheira (1 a 6 de Março de 1918).	47
8. Abnegação	61
9. O meu boleto. A minha cama.	63
10. Um curto passeio na Terra de Ninguem	81
11. Rendição do serviço. Entrada nas trincheiras. .	87
12. Rendição do serviço. Sahida das trincheiras . .	93
13. Altruismo de bom camarada.	99
14. Um belo episodio (Dezembro de 1917).	103
15. Tenente Manuel Fernandes d'Oliveira.	111
16. No «9 de Abril»	113
17. Prisioneiros de Guerra (9 de Abril de 1918) . . .	125
1. Desinfecção	132
2. Mais sevicias e outros aspectos.	134
3. Morte d'um camarada	139
4. Secção Pietas da Cruz Vermelha Suissa. C. V. Portuguesa	140
5. Audaciosa fuga de 3 prisioneiros portu- gueses	141
6. O que se vae passando e sofrendo.	148
7. Viagem de Rastatt a Breesen in Mecklem- burg.	152
8. Mais notas diarias e martyrios.	158
9. Mais ephemerides	189
18. O que a experiencia comprova.	221
19. Saudação da Comissão Técnica da Arma d'Infan- teria.	223

ERRATAS

Pag.	linha	onde se lê :	deve lêr-se :
10	17	maravilhando-nos.	maravilhando-nos
10	24	vincolados	vinculados
11	14	Farnça	França
16	26	camouflage.	camouflage
20	29	diverssos	diversos
33	31	tricheiras	trincheiras
38	3	Armantières.	Armentières
44	22	ao.	o
54	29	eutregarem	entregarem
71	31	de acordar	de ao acordar
95	19	pax	paz
105	27	obdecido	obedecido
106	4	obdiencia.	obediencia
111	17	oficias.	oficiais
113	7	Lacuture	Lacouture
121	7	ligitimo de	legitimo
125	15	vencenssem	vencessem
127	29	comum	com um
131	21	charrétes	charrettes
132	6	alsasianas.	alsacianas
143	22	grando	grande
144	35	estranjeiros	estrangeiros
151	4	frequente	frequentes
155	10	esplica	explica
159	5	cultivar-mos	cultivarmos
184	5	Angelo	Agnelo
206	24	permitido.	permitida
224	9	victimas	vidas



3.40

2.50

2.60

8.50

x 5.00

0.20

1.30

1417244



PORTUGUESES NA GRANDE GUERRA